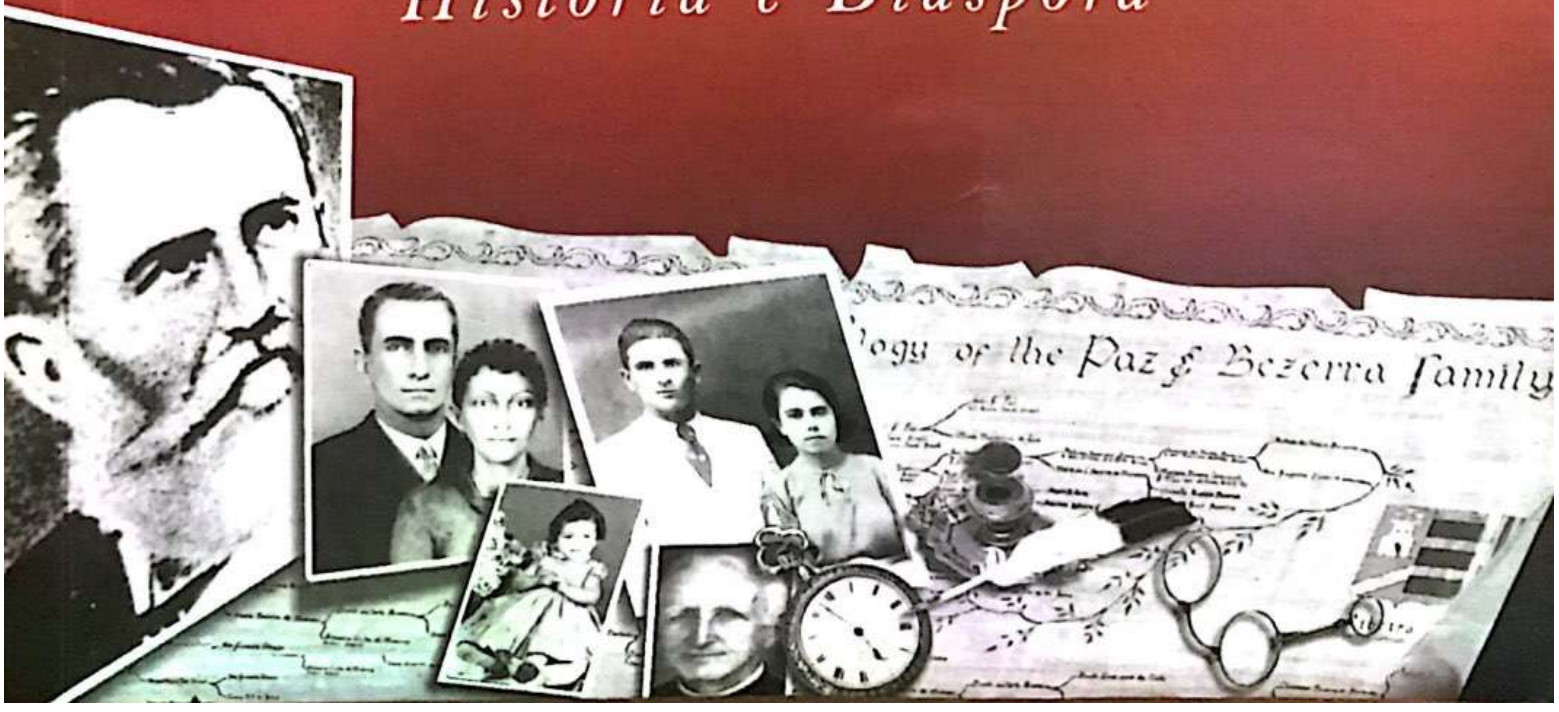
Antônio Herbert Paz Bezerra

Genealogia dos Bezerra de Menezes

História e Diáspora



Digitalizada com CamScanner

Genealogia dos

Bezerra de Menezes

Digitalizada com CamScanner

Antônio Herbert Paz Bezerra

Genealogia dos Bezerra de Menezes

História e Diáspora

Digitalizada com CamScanner

Copyright © Antônio Herbert Paz Bezerra, 2004

Capa: Chico Fajardo/Wagner Gomes
Arte-Final: Felipe Teles
Fotografias: Wanderley Freire
Revisão: Rose M. Noschang / Paula Guedes / Luísa Vaz
Edição de texto: Selmo Cristo/Karine Guimarães

PREMIUS EDITORA

Rua Antônio Pompeu, 1705 - Centro - Fortaleza-CE
PABX: (85) 281.5072 - Fax: (85) 283.1083
premiuseditora@uol.com.br
www.premiuseditora.ind.br

CBL Câmara Brasileira do Livro

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil
Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

C000 Bezerra, Antônio Herbert Paz.
Genealogia dos Bezerra de Menezes: história e diáspora / Bezerra, Antônio Herbert Paz. - Fortaleza: Premius, 2004.
222p.; 22cm

ISBN: 85-7564-202-2

1. História e genealogia. I. Bezerra, Antônio Herbert Paz.

CDD: 158.1

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO
Nenhuma página desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a permissão, por escrito, do editor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98.

Dedicatória

Dedico esta obra a meus pais, Josafá e Maria Bezerra, de quem recebi todo o apoio, carinho e dedicação para todos os meus empreendimentos ao longo da minha vida. Seus esforços não mediram barreiras nem fronteiras e foram parceiros na realização desta obra, ora com relatos orais, ora indo a lugares em que eu não poderia estar.

Dedico também à memória de minha avó a quem não conheci em vida, porém as histórias que ouvi de meu pai sobre ela demonstravam bondade, simplicidade e acima de tudo humildade, penetrando profundamente em meu ser de maneira que me envolveram completamente, fazendo de mim um instrumento na propagação dos acontecimentos de sua vida, de seus ancestrais e descendentes, sendo ela o alvo e a razão principal deste livro... à inesquecível matriarca deste ramo da família, Maria Bezerra de Menezes!

Digitalizada com CamScanner

Glossário

Alcaide, de origem árabe. Na idade média, identificava-se um juiz de Direito por exercer funções judiciárias em determinadas províncias.

Alferes, antigo posto militar correspondente aos atuais segundo-tenentes.

Regidor, adjetivo que rege ou governa, que não exerce nenhum outro cargo municipal.

Mayor, major, grau militar.

Corregedor, antiga autoridade encarregada de conciliar partes, processar e julgar cobranças e atos civis ou criminais.

Genealogia, estudo das origens da família, de alguma idéia etc.

Enciclopédia Heráldica, arte ou ciência dos brasões, conjunto dos emblemas de brasão.

Cristão Velho, expressão referida aos católicos filhos de católicos no período da inquisição.

Cristão Novo, expressão referida aos judeus convertidos compulsoriamente ao catolicismo no período da inquisição.

Marrano, nome pejorativo dado aos judeus na época da inquisição.

Digitalizada com CamScanner

Agradecimentos

Durante os anos em que me dediquei ao projeto deste livro, inúmeros foram os que colaboraram direta ou indiretamente para a sua realização.

A priori, agradeço aos meus pais, memória viva da família, Josafá e Maria Bezerra; ao meu primo Onofre, que elucidou fatos da família dos Bezerra em Santa Cruz, Rio Grande do Norte; Monsenhor Severino Bezerra, em Natal, Rio Grande do Norte, que, na lucidez dos seus 94 anos, ajudou no trabalho de pesquisas genealógicas sobre a família Bezerra, esclarecendo fatos e elucidando histórias; Carlos Bertemes, o colaborador e amigo nas pesquisas sobre as origens da família Bezerra, Paz Lima e Ribeiro; a Marinho, pelas informações coletadas em Santa Cruz, Rio Grande do Norte; a Hermando Amorim, pela sua colaboração na montagem do quebra-cabeça da origem da família Bezerra, e Ives Carrol Garcia, companheira de viagem, no roteiro por Portugal, Espanha, Israel e Egito.

Aos que, por sugestões e pesquisas, fizeram este trabalho possível no destrinchar de fronteiras: Sueli e Rosa de Jesus, de Russas, Ceará; Didi e as filhas: Rita de Cássia Amorim e Rosemeri Bezerra Amorim de Moura, Santa Cruz, Rio Grande do Norte; Francisco Angelo Ribeiro, Quixadá, Ceará; em Nova York: Harald Lins, Francisco Hortega Bezerra, Maria José Schetino (Zeca), Alan Lopes, Iramaya Bezerra e, especialmente, Wagner Gomes, Rose Mari Noschang e Selmo Cristo, que contribuíram na arte da capa e na revisão do texto.

Digitalizada com CamScanner

Se acaso há outras pessoas, outros colaboradores aqui não mencionados, se hoje escapam da minha memória, contudo residem eternamente na minha gratidão.

Apresentação

Esta obra me custou oito anos de pesquisa no tratamento da genealogia e história de uma das mais nobres famílias da Espanha, Portugal e Brasil: os Bezerra.

A ansiedade de resgatar minhas raízes fez de mim um verdadeiro desbravador de fronteiras, colocando-me em desafio que jamais imaginei conseguir, se não fora o incessante desejo de construir essa ponte ao passado, interligando os ancestrais da linhagem principal, através dos países que pesquisei, como Brasil, Portugal, Espanha e Israel, entre outros, incluindo o retorno aos Estados Unidos, onde resido atualmente. Entrevistei pessoas, adquiri copias dos mais variados e antigos arquivos. Percorri esse trajeto que fez acumular 46.000km durante um período alternado de oito anos, de acordo com minha disponibilidade, tendo em mente um só propósito, trazer à luz a verdadeira origem da família Bezerra.

Procedentes de terras espanholas, da região galega, penetraram para o Norte de Portugal, na região do Minho e, em 1540, imigraram para o Brasil, fixando-se no Estado de Pernambuco, posteriormente, espalhando-se por todo o Nordeste.

Tanto os Bezerra quanto as famílias que se associaram, como Paz, Lima e Ribeiro, mencionados neste volume, são originários da Espanha, destacando-se os Bezerra, que deram origem ao nome de uma cidade na região da Galícia: *Becerreá*, que seria um derivado em português bezerrada.

Digitalizada com CamScanner

Alguns genealogistas questionam a nobreza dos Bezerra, dizendo que a fama e títulos desse sobrenome teriam sido adquiridos somente após um dos membros contrair matrimônio com uma das filhas de Pantaleão Monteiro, fundador do Engenho de Pantaleão. No entanto, no Nobiliário de Portugal e na Heráldica de Famílias Espanholas, pode ser provada a nobreza dos Bezerra, mesmo antes de passarem a viver em Portugal.

Dediquei uma parte dessa obra aos ilustres que tiveram destaque nos últimos séculos, tais como: o aclamado e conhecido Dr. Adolfo Bezerra de Menezes; Monsenhor Severino Bezerra; Teodorico Bezerra; Manuel Paz Bezerra; Adauto Bezerra; Fernando Luis G. Bezerra, entre outros.

Calculando as 28 gerações passadas, sabe-se que elas existiam desde o século XIII. Podemos, então, dizer que temos mais de 800 anos de origem e história. Esta obra é fascinante, não somente para os que dela descenderam, mas também para todos que apreciam aqueles que contribuíram para o desenvolvimento e história do nosso Brasil.

Antônio Herbert Paz Bezerra
Junho de 2004

SUMÁRIO

Prefácio 17
Introdução 19

PARTE I

Na Trilha dos Antepassados 27
Origem dos Bezerra 49
Bezerra no Brasil 63
O Surgimento dos Bezerra de Menezes no Brasil 67
A Cidade dos Bezerra no Brasil 89
Os Bezerra Mais Notáveis 95

PARTE II

As Origens dos Paz na Europa e seus descendentes na América do Sul 115
O Surgimento dos Paz no Brasil 139
No Caminho dos Paz 143
Origem dos Lima 161
Origem dos Ribeiro 169
Árvore Genealógica dos Bezerra de Menezes, Paz e Associados 179

Digitalizada com CamScanner

Prefácio

Convidada pelo autor a prefaciar esta obra, sinto-me honrada, como velha mestra da língua, a aceitar a incumbência com o desejo de servir ao amigo e ao público que, certamente, vai festejar, aceitando sôfrego e alegre a história de uma das primordiais famílias que fundaram a sociedade brasileira, elevando-a ao destaque que representa entre nós a tradicional família Bezerra de Menezes.

Outro aspecto a ressaltar na obra é a delicadeza de intenção do autor, jovem ainda, dedicar-se a pesquisa com o intuito de desvendar o segredo que o tempo vai levando, ao cabo dos anos, para o depósito do futuro. Vai fluindo o tempo, registrando atos e acontecimentos, tal como um rio que corre incessantemente, marcando lutas e vitórias em busca do verdadeiro ideal.

Parabéns ao autor, parabéns aos leitores que, mais uma vez, constatarão o heroísmo de uma família que registrou, no tempo e no espaço, um esforço de bem servir ao Ideal Humano.

Doutora Myriam Bessa

Digitalizada com CamScanner

Introdução

A origem genealógica dos Bezerra ou Bezerra de Menezes vem sendo um foco de grande especulação entre muitos que buscam reconstruir essa história, família esta que, somente no Brasil, podemos ter uma estimativa parcial de oitocentos mil a um milhão de descendentes, espalhados por todo o território brasileiro.

Finalmente, através de uma longa pesquisa, teremos a oportunidade de conhecer melhor não somente a árvore genealógica dessa família, como também um pouco de sua cultura. Os lugares por eles colonizados, sua imigração em diferentes países, seus costumes, seu modo de viver e até mesmo sua nobreza, tudo isso é parte dessa coletânea de dados adquiridos, formando assim o assunto que trataremos nos capítulos seguintes.

Minha avó, Maria Bezerra de Menezes, a matriarca do ramo da minha família no Brasil, a quem desafortunadamente não foi-me possível conhecer em vida, fora o alvo de minha inquietude por trazer consigo o sobrenome Bezerra de Menezes. Na minha adolescência, eu sempre deparava com ruas e avenidas que recebiam o nome Bezerra de Menezes. Isto servia para aumentar a minha ansiedade em saber se os mesmos estavam relacionados com minha avó. Mesmo ainda adolescente, sentia-me orgulhoso por fazer parte da família. O tempo foi passando, amadureci e quando percebi estava em meio à trilha dos meus antepassados.

Digitalizada com CamScanner

A princípio, não era minha intenção escrever um livro, mas simplesmente satisfazer a velha curiosidade, montar as peças do quebra-cabeça que iam tomando forma e se encaixando gradualmente. Isso me fascinava, principalmente pela satisfação que eu teria em compartilhar a história com alguém, fazendo-a reviver para aqueles que não tiveram a oportunidade que eu tive de estar em lugares, que em tempos remotos foram palco da realidade vivida pelos Bezerra.

A cidade de Santa Cruz, no Rio Grande do Norte, é um marco importante para os Bezerra da atualidade. Poderemos até rebatizá-la de Cidade dos Bezerra. Percebe-se os costumes primórdios trazidos de Portugal, até a modernidade de sua cultura, praticamente implantada por quase uma grande totalidade da família Bezerra. No decorrer da busca, redescobri Branca Dias, esposa de Diogo Fernandes da Paz e seus descendentes, confirmando sua origem judaica que, na época, foi vítima de uma perseguição religiosa, a chamada Santa Inquisição. Os descendentes deste casal, mais tarde, vieram a associar-se aos Bezerra.

A árvore genealógica da família Bezerra, onde tracei cuidadosamente as 28 gerações passadas, trata-se de um verdadeiro documento compilado dos arquivos existentes em Vigo, na Espanha, e ao Norte de Portugal, uma pequena cidade chamada Foz do Lima, e hoje Viana do Castelo. Esses manuscritos, os livros empocirados, a placa do túmulo do Fidalgo Pedro Nunes Bezerra, datado de 1624, reviveram em minhas mãos, formando um grande elo, desde o século XIII até a atualidade. Algumas datas foram aproximadas com

base nos fatos ocorridos na época e também de acordo com a maturidade de cada indivíduo para dar continuação a uma nova descendência.

Sinto-me na obrigação com o leitor em apresentar uma razão pela qual não foram mencionados todos os descendentes.

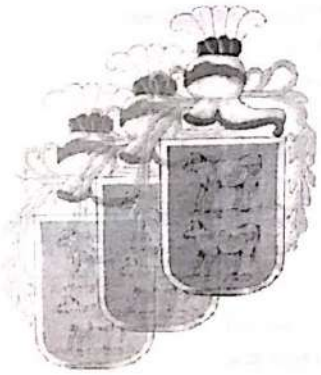
No trajeto percorrido para realização desta obra, em que os arquivos me proporcionaram inúmeros dados de descendentes colaterais, diretamente ligados à família Bezerra, tive a oportunidade de inseri-los neste trabalho. No entanto, descobri uma cadeia familiar dos Bezerra praticamente impossível de adicioná-la devido a documentos destruídos ou perdidos no decorrer dos séculos, dificultando a ligação, como também a enormidade de ramificações encontradas na Espanha, Portugal e Brasil, levando, assim, a um extenso trabalho no qual resultaria em vários volumes de história genealógica da citada família.

Sendo assim, redesenhei o mapa da árvore genealógica da família Bezerra ou Bezerra de Menezes, dos patriarcas diretos da família formando essa ramificação que nos conecta, desde o século XIII até os dias de hoje, deixando esse leque semi-aberto para que o descendente tenha a oportunidade de abri-lo, dependendo do seu ascendente.

Desta forma, o interessado terá a grande oportunidade de fazer essa ligação familiar com apenas três ou quatro gerações passadas, existentes nesta obra, e que, seguramente, será beneficiado de maneira objetiva com esse trabalho que construiu o berço do elo perdido de sua existência.

Digitalizada com CamScanner

Esta obra foi realizada devido ao grande esforço daqueles que, no passado, escreveram e mantiveram documentos que foram passando de mão em mão, através de seus descendentes, fazendo deste um documento vivo, em especial para todo aquele que traga consigo o sobrenome Bezerra, pois toda essa imensidão de descendentes, onde quer que estejam, quando lerem essa compilação de dados, constatarão que fazem parte de uma só família: os Bezerra.



Digitalizada com CamScanner

Companheiros de Sempre

Foram-se as gandaias
Terminou o tempo feliz
Distanciaram-se as praias
Cantei, brinquei e me diverti...
Sonho, choro, venero e me desespero
Contudo, ainda conto com uma amizade singela
Da caneta e do papel.
Com a caneta me desmancho em palavras
Com o papel faço uma sintonia
Quase sempre se transformam em harmonia
Com eles revivo o passado e enfeito o presente
Viajando num futuro indescritível.
Pensei ter perdido meus talentos
Achei que a vida não tinha sentido
Imaginei ser um alguém, sem ninguém
Inocente, assim, me encontrei...
Reimplantaram-me o meu ego
Confessaram-me quem eu sou
E descobri que há magia quando nos contactamos
E que há poesia quando nos confirmamos:
Eu, caneta e papel.

Francisco Hortega Paz Bezerra

Ainda em sua adolescência, o autor dessa poesia revela seus sentimentos através de seu próprio redescobrimento literário, recebendo assim a confirmação da descoberta poética do seu público.

Parte I

Digitalizada com CamScanner

Na Trilha dos Antepassados

Digitalizada com CamScanner

Trilhar o caminho dos meus antepassados ao longo dos séculos é algo que sempre me interessou. Quando iniciei os trabalhos de pesquisa, contava apenas com dados de três gerações passadas. Cheguei a pensar, até certo ponto, que estava à procura de algo fora do meu alcance, já que no Brasil o acúmulo de sobrenomes em um só ramo de família poderia dificultar as pesquisas. Outro problema são os registros antigos. Estes, quando não destruídos, são de difícil acesso ao genealogista leigo.

Estava com mais de 30 anos quando resolvi então investigar, pessoalmente, documentos que poderiam me ajudar na reconstrução genealógica dos Bezerra. O Brasil, é claro, foi o meu ponto de partida. A primeira tarefa foi procurar os parentes mais idosos a fim de conseguir as primeiras informações. Comecei então a descobrir novos horizontes concernentes ao assunto. Do interior do Estado do Ceará, da cidade de Aracoiaba, a 72 km ao Sul da Capital (Fortaleza), parti para uma pequena cidade do Estado do Rio Grande do Norte, chamada Santa Cruz. Ao chegar, fui surpreendido com uma grande quantidade de pessoas com o sobrenome Bezerra, representando considerável parte da população daquela pequena cidade.

Através de um descendente da família Bezerra de Santa Cruz, de nome Hermando Amorim, filho de Benedita Bezerra Cavalcante (Didi), consegui um exemplar do livro escrito Pelo Monsenhor Severino Bezerra. Fiquei ansioso em ler essa

Digitalizada com CamScanner

primeira publicação que encontrei acerca da família, pois tratava-se de parte da genealogia dos Bezerra. A grande expectativa era saber se eu encontraria algum nome que fizesse ligação com meus familiares atuais. Até aquele momento, eu contava apenas com um apelido de uma mulher conhecida por Maricota, informação vinda de parentes ainda vivos. Presumidamente, era minha quarta avó. No entanto, eu não tinha certeza se os Bezerra desse local seriam os mesmos de minha família. Para minha surpresa, a resposta às minhas expectativas estava na quinta página do livro, não só com o nome do seu registro (Maria da Conceição Bezerra de Menezes), como também a referência, mencionando que ela era conhecida pelo apelido de Maricota. Assim eu pude confirmar não só um dos ramos da árvore, mas também ter a certeza de que eu estava no caminho certo. Isto me encorajou a ir adiante.

A busca apenas se iniciara e eu já tive que retornar aos Estados Unidos, trazendo comigo uma revista publicada no Ceará (segunda publicação), por Murilo Bezerra de Sá, contendo outra parte da genealogia e um outro livreto foi-me enviado do Brasil, e o livro do Monsenhor Severino Bezerra (terceira publicação), os quais me tomaram uma boa parte do tempo, não só na configuração de datas, como também de indivíduos com sobrenomes diferentes em cada uma das fontes. Essas três publicações foram o início da minha pesquisa documental em busca das origens dos Bezerra e também me deram abertura para uma ascendência em diferentes países da Europa, como Portugal, Espanha, Israel, e no Oriente Médio, onde eu teria novas fontes de pesquisas. Por algum tempo, pesquisei em um dos maiores bancos de dados genealógicos do mundo que é o da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como Mórmon. No entanto, como levaria muitos anos para verificar

cada microfilme, todos os registros, decidi então preparar-me para estender a minha pesquisa até os países europeus e no Oriente Médio, em Israel, pois algo me dizia que Bezerra era um sobrenome de judeu.

Antes de embarcar para a Europa, eu tive a oportunidade de descobrir um museu em New York, que se chama American Hispanic Society, no qual existe uma biblioteca com livros antiqüíssimos da Espanha. Deparei-me, então, nesta biblioteca, com a *Enciclopédia Heráldica*, escrita por volta do início dos anos cinqüenta, do autor Alberto Carrafa. Ali encontrei brasões de todas as famílias, como também algumas idéias de origens dos Bezerra, Paz, Ribeiro e Lima, os quais eram todos de origem espanhola.

Finalmente chegou o dia da minha partida para Portugal. Depois de desembarcar em Lisboa, procurei logo as livrarias de publicações de livros antigos, pois a tão sonhada pesquisa no maior Instituto Histórico Português seria um processo demorado. Na manhã seguinte, com todo o meu roteiro preparado, dirigi-me ao Bairro Alto em Lisboa. Ao cruzar a famosa Praça Luis de Camões, deparei-me com uma das suas antigas vielas. No entanto, fui informado que, numa rua mais estreita, havia uma placa indicando que ali se encontravam os livros mais antigos. Resolvi então entrar.

As horas, entretanto, estavam se passando rapidamente. Já era quase meio-dia de sábado e todas as lojas fechariam por volta do meio-dia, só reabrindo na segunda-feira, restando-me, assim, apenas alguns minutos. Quando, então, vi-me em meio a pilhas e mais pilhas de livros velhos e empoeirados, ao abri-los

Digitalizada com CamScanner

rapidamente, eu encontrei algumas genealogias que tratavam dos mais diferentes ramos dos Bezerra. Essa foi a segunda vez em que me deparei com o sobrenome Bezerra ligado a outros ramos de família registrados em livros.

Os minutos se passaram e, de repente, um senhor idoso, que cuidava dos livros genealógicos, avisou-me que o tempo havia terminado e pediu que eu retornasse na segunda-feira, o que para mim era praticamente impossível, pois nesse dia eu já deveria estar ao Norte de Portugal. Então, indaguei-o sobre um livro que pudesse relatar sobre os portugueses que imigraram para o Brasil, por volta de 1500 e aproveitei, também, para explicar que seria praticamente impossível o meu retorno àquela livraria. Em seguida, esse senhor me retornou com uma obra do escritor e diplomata brasileiro, Cabral de Mello, sobre o Pernambuco no Brasil Colonial, *Fraude Genealógica, o nome e o sangue*. Folheei-o rapidamente e observei que ali se encontravam mais informações da família e não hesitei em comprar um exemplar.

No dia seguinte, dediquei algumas horas ao livro de Cabral de Mello, nos capítulos onde nega a nobreza dos Bezerra, como também em minhas notações sobre um homem chamado Mestre João da Paz, que viveu por volta de 1400. Essa teoria do Senhor Cabral de Mello acha-se incorreta, como veremos posteriormente, onde apresentarei fortes indícios sobre a origem nobre dos Bezerra.

Naquela mesma noite, parti rumo ao Norte de Portugal. Durante a viagem no ônibus, tive a sensação de que estava sendo transportado ao passado e vivendo toda a história dos meus antepassados, especialmente porque Portugal mantém, até os

dias de hoje, a arquitetura típica dos séculos XIV e XV. Passei pela cidade do Porto e, dentro de pouco tempo, estava chegando a Viana do Castelo. Fiquei hospedado ao lado da Biblioteca Pública e a algumas quadras do Arquivo Público.

Praça principal de Viana do Castelo, cidade marco de partida da família Bezerra da Europa para o Brasil.

Chafariz junto às construções históricas de Viana.

Digitalizada com CamScanner

No mesmo dia, aquela biblioteca passou a fazer parte de cada momento de minha estada em Viana. Foi ali onde encontrei muitos dados, tanto dos Bezerra como dos Paz, outro ramo ligado aos Bezerra. Em um dos livros que relatava sobre os nobres de Portugal, encontrei, também, a história dos Bezerra, contradizendo as informações de Cabral de Mello.

Lendo cuidadosamente, encontrei registrado um descendente que se chamava Pedro Nunes Bezerra, para o qual também havia sido erigida uma placa em seu túmulo, no mausoléu da igreja, descrevendo sua nobreza como "fidalgo da majestade". Juntamente com a placa, encontrava-se uma réplica do brasão original, esculpido na parede de uma igreja, conhecida por Nossa Senhora do Olival, em um lugar chamado Perre.

Pedro Nunes também estava acompanhado de vários ascendentes. No entanto, na ordem em que os mesmos encontravam-se, era difícil definir quem descendia de quem. Xerografei, assim mesmo, como se encontravam, tendo em mente a próxima tarefa que era encontrar esse lugar chamado Perre.

Uma vez a caminho de Perre, saí perguntando aos transeuntes e, dentro de pouco tempo, eu estava com todas as informações de como chegar até a capela de Nossa Senhora do Olival. Recordo-me que tomei um ônibus, onde havia uma beata que estava a caminho das proximidades e que também conhecia a igreja. Ela ainda informou-me que a igreja não era aberta ao público, pois não se celebrava missa. Soube também que ela era muito amiga do padre. O pároco tinha a chave da capela. A mesma senhora que me acompanhava falou com o padre e esse não hesitou em emprestar a chave, pois a capela ficava próxima a sua casa.

Capela de Nossa Senhora do Olival de Perre, onde se encontra o original Brasão da Família Bezerra.

Quando, pela primeira vez, fitei aquela pequena capela, ladeada com pés de oliveira e com casas simples construídas ao lado, notei a presença de crianças brincando nas ruelas da cidade. Em poucos minutos, o padre retornou com uma chave muito grande, chamando minha atenção, pois ainda não tinha visto uma chave igual. Fiquei receoso pelo fato de ser um estranho no local ser visto por populares com a chave da igreja em meu poder.

Sendo assim, pedi ao padre que me acompanhasse, o qua amavelmente, aceitou, mas com a ressalva de que teria q esperá-lo almoçar. Em seguida, perguntei-lhe se ali ainda vivia descendentes dos Bezerra e ele respondeu que sim, por misturados com outras famílias que preservavam a peque igreja, pois há muito tempo ali tinham vivido os primei Bezerra, por volta de quase 400 anos.

Digitalizada com CamScanner

Durante o tempo que esperava o padre, fiquei à frente da sua casa admirando a belíssima vista que se encontrava na parte mais elevada da cidade, com alguns cerrados formando uma parede de proteção. Não havia muitas casas, mas um grande vinhedo formava uma imensidão de área verde em seus arredores.

Novamente, transportei-me ao passado, imaginando todas as emoções vividas por meus ancestrais. Finalmente, com a chegada do padre, fomos até a igreja. A sensação de estar pisando no mesmo local onde os meus antepassados haviam habitado foi algo inexplicável. Os pés de oliveira ao redor da igrejinha formavam uma harmonia indescritível.

Quando o padre retornou para abrir a igreja, logo me aproximei da placa escrita em forma bem antiga e do brasão, pois queria ter a certeza de fotografar para um trabalho futuro.

No interior da capela, junto ao Brasão, a placa do túmulo de Pedro Nunes Bezerra, erigido em agosto de 1624.

Ao regressar a Viana do Castelo, apressei-me em revelar as fotografias, pois temia que as mesmas não fossem reveladas como eu queria. E, estando em Viana, poderia retornar ao Perre para novas fotos. Felizmente, as fotos registraram corretamente o Brasão.

Retornei diversas vezes à Biblioteca de Viana do Castelo e ao Arquivo Público de Viana, conseguindo obter informações. A região do Minho fora praticamente o início de Portugal. Os Bezerra que saíram da Galícia fixaram-se no Norte da Espanha por causa das perseguições causadas por possessão de terras. Sendo assim, chegaram a terra lusitana, com nomes e sobrenomes completamente diferentes, dificultando o meu trabalho.

Depois de concluir minha pesquisa em Viana, achei que já era chegada a hora de partir. A cada dia que passava, o peso da minha mochila aumentava mais por causa dos documentos, e ainda estava no meio da viagem. Tomei um ônibus saindo de Viana, Norte de Portugal, fronteira, com destino a Vigo, Espanha. Praticamente não havia separação de países. Quando percebi, já me encontrava na Espanha, na própria cidade de Vigo. Isso se deu numa quarta-feira. Na tarde daquele mesmo dia, cheguei à região de Galícia onde uma neblina envolvia o lugar, deixando transparecer nada mais do que o topo dos antigos edifícios. Era uma inusitada beleza natural a paisagem, parecendo obra de um pintor.

Ao chegar ao terminal rodoviário, dirigi-me ao setor de informações. Localizar a Biblioteca Pública foi a primeira tarefa. Aproveitei também para comprar minhas passagens para Madrid. A minha partida seria às 22h30min daquela noite. Levei

Digitalizada com CamScanner

minha mochila ao guarda-volumes da estação, recebendo
advertência do funcionário de que eu deveria retornar,
máximo, até as 19 horas, do contrário, somente no dia seguinte
poderia retirar a bagagem. Portanto, restavam-me poucas horas

Iniciei minha caminhada à procura da Biblioteca Pública
que me levou minutos. Quando a encontrei, tive uma surpresa
portas estavam fechadas por motivos de reformas no edifício
Mesmo assim, obtive informações de que os livros haviam sido
transferidos temporariamente para um local naquela
proximidades. Depois de uma longa caminhada, finalmente
encontrei cópias dos documentos.

O tempo passou rápido e restou-me apenas uma hora e meia
Requisitei os livros e acomodei-me num lugar para iniciar minhas
pesquisas. Com o decorrer da busca, esqueci-me do tempo
Quando percebi, já passava das 19 horas. Mais que depressa, tirei
cópias dos dados que eu havia encontrado, sabia que estava
correndo muito, porém mesmo assim tomei um táxi. O trânsito
estava muito lento no caminho de volta. Novamente, dirigi-me ao
setor de informações, pois o guarda-volumes encontrava-se
fechado. Perguntei a um senhor, que ali se encontrava, sobre
informações de alguma pensão próxima do terminal, pois teria
que mudar a passagem para o dia seguinte, o que causaria um
grande atraso no meu roteiro. Falei a ele do meu atraso, mas ele
me tranqüilizou e me disse que a chave do guarda-volumes
sempre ficava com ele em caso de emergências.

Não pude conter a alegria ao ver como estavam sendo
compensadores aqueles momentos. E uma força especial me
impulsionava a prosseguir. Sabia que havia adiante uma
grande jornada.

As expectativas em torno da minha viagem a Madrid eram muitas. Imaginava-me dentro da biblioteca principal, olhando os brasões e também pesquisando os dados sobre minha família. No entanto, ao chegar a Madrid, nas primeiras horas da manhã, fui surpreendido com uma cidade totalmente parada por ser um feriado nacional. Era o "Dia da Espanha". Antes do entardecer, os espanhóis surgiram de repente como "coelhos saindo da toca". Eram os reis da Espanha que estavam saindo do palácio real, e eu entrei no meio da multidão para observá-los.

Em cada hotel em que chegava, havia um obstáculo, como sem vagas, preços elevados, entre outros, até descobrir um perto de todos os pontos turísticos. Porém, os hotéis mais atrativos estavam lotados. Como tinha minhas reservas de vôo para Londres somente no dia seguinte, fiz um "tour" pela cidade e o resto do tempo aproveitei para revisar os dados que havia adquirido.

Na manhã seguinte, eu já estava no Aeroporto de Madrid com destino a Londres. Aproveitei, ao chegar, para procurar uma editora de mapas genealógicos que continha uma linhagem de todos os descendentes da Casa Real, que ficava próxima ao Buckinham Palace, mas não a encontrei. Havia mudado de endereço, então, conformei-me com um antigo mapa que tinha em mãos. Fiz um pequeno "tour" pela cidade, onde conheci o já mencionado Buckinham Palace, Big Ben, o rio Thames, a famosa ponte de Londres, conhecida como Tower Bridge, entre outros pontos turísticos. Tirei fotos e retornei ao aeroporto para mais um vôo, dessa vez com destino a Telaviv (Israel). Já estava acostumado a chegar sempre ao amanhecer nas cidades, para aproveitar o dia, e quanto a Israel, eu não teria que me preocupar,

Digitalizada com CamScanner

pois permaneceria por mais de uma semana. Ao chegar, estava receoso devido ao idioma, e também pelo clima de tensão provocado pela onda de terrorismo que aflige Israel até hoje.

No entanto, ao chegar, senti-me bem, pois todos falavam inglês, idioma que eu dominava. Do aeroporto, entrei em uma lotação "van" (shurut) para o hotel em Jerusalém, quando, por acaso, só encontrei uma senhora brasileira, acompanhada de dois filhos, descendentes de judeus e que viviam em Jerusalém. Durante o trajeto da viagem, que dura por volta de 45 minutos, tive a oportunidade de dizer-lhe o propósito de minha visita a Israel, e rapidamente ela se prontificou a ajudar-me, mostrando direções exatas do Museu e da Biblioteca de Telaviv (Diáspora de Israel). Nesse local, eu encontraria informações computadorizadas, tornando minha pesquisa de fácil acesso.

Na estrada em direção a Jerusalém, senti uma energia fluindo e tomando conta do meu ser, unindo-me com aquela magnífica e inesquecível paisagem com montanhas, sem vegetação, em tons beges e planícies áridas ornamentadas pela intensa vegetação verde em espaços alternados onde existem os Kibuts, confirmando, de algum modo, que não me encontrava em terras estranhas. A aurora fez-se presente e tornava o cenário belo e agradável. Logo após muitas curvas e subidas, observei as bandeirolas comemorativas dos 3000 anos de Jerusalém, ornamentando as laterais da estrada. As casas foram surgindo com uma insinuante arquitetura. Em poucos minutos eu estava em frente ao Hotel Minora.

No hotel, situado a algumas quadras da cidade antiga, encontrava-se a minha amiga Yves, boliviana, de estatura mediana, porém seus cabelos longos que iam abaixo da cintura e

o olhar expressivo atraíam a atenção daqueles que a rodeavam. Residente em Nova York, Yves era minha companheira nesta empreitada. Anteriormente, havíamos combinado de seguir viagem juntos.

Apesar do *stress* da viagem, a minha euforia em conhecer a antiga Jerusalém sobrepujou todo o meu cansaço. E, em apenas alguns instantes, já estava disposto a caminhar pelas veredas empoeiradas que me conduziam aos muros que protegem a cidade há milênios.

Ao adentrar pelo portão de Jaffa, fui surpreendido ao ver que os costumes dos tempos bíblicos ainda faziam parte do cotidiano da nação. Isto se deu ao cruzar pelas vielas aglomeradas de visitantes que caminhavam em direção ao aclamado Muro das Lamentações. Lá, os judeus, reverentemente, depositam seus clamores e lamentos.

Uma das principais portas de Jerusalém, Jaffa, está localizada junto às ruínas do castelo do Rei David.

Digitalizada com CamScanner

Jerusalém encontrava-se em clima de festa. Judeus de todas as partes do mundo, chegavam para a celebração. Permaneci horas observando o movimento das pessoas no muro. Encontrava-me em uma posição bem elevada, num alto muro de arrimo, tendo uma ampla visão de todo o cenário ali existente. Refleti várias vezes, tentando entender o porquê de tantas coisas, especialmente os fatos ocorridos no início do cristianismo, naquele local. Tudo isso me atraía a participar, juntamente com eles, das comemorações dos 3 mil anos da criação da cidade, aproveitando as raras oportunidades para tirar fotos, pois isto não era permitido nos dias de festa do calendário judaico.

O "Muro das Lamentações" foi o centro das comemorações dos 3.000 anos de fundação de Jerusalém.

Quanto mais as horas iam passando, mais eu me sentia exausto, não só pela diferença de fusos horários, mas também por muitas noites mal dormidas. Resolvi então voltar ao hotel, na esperança de retornar no dia seguinte, já que as comemorações se seguiriam por três dias consecutivos.

O "Muro das Lamentações" onde ocorriam os rituais judaicos.

Na manhã seguinte, decidi investigar o Museu da Diáspora de Israel. Yves e eu tínhamos que passar primeiramente na Embaixada do Egito para obtermos os vistos para aquele país, nosso próximo destino turístico. Em Telaviv, nos separamos, pois tínhamos programações diferentes, ou seja, ela decidiu ir à praia de Telaviv e eu continuaria minha busca genealógica no museu que estava um pouco distante, mas não tive problemas para encontrá-lo. Ao adentrar, logo me dirigi ao Setor de Genealogia, onde os computadores dariam a mim acesso ao Banco de Dados Genealógicos, que se encontrava a alguns andares acima da recepção do museu.

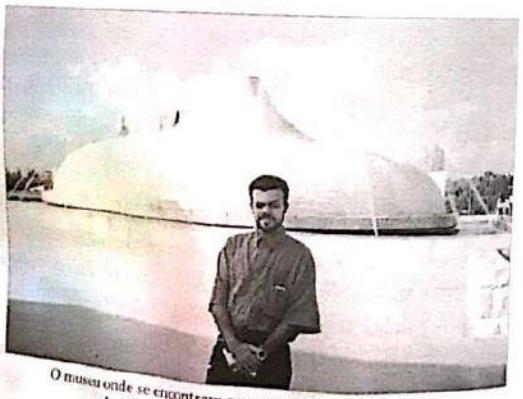
Na sala dos computadores, comecei a digitar o sobrenome Bezerra, acreditando obter informações de uma possível origem judaica, já que se tratava de um sobrenome tirado de nome de animal. Após várias tentativas, resolvi pedir auxílio a uma das atendentes do museu. Segundo eles, este sobrenome não era originariamente judeu. Em seguida, esta mesma atendente me pediu um outro sobrenome por parte de mãe ou de pai para

Digitalizada com CamScanner

verificar. Então, digitei o primeiro sobrenome de meu pai: Paz. O que ocorreu em seguida foi uma alegre surpresa; em fração de segundos, apareceu na tela do computador toda a origem deste sobrenomes, dando crer que era realmente judeu, assim como o Lima, de minha mãe. Desse momento em diante, passei a entender melhor o porquê daquela tamanha afinidade com a cultura judaica, que fazia parte das minhas raízes.

A descoberta desta linhagem judaica, através do sobrenome Paz, fez-me refletir no que se diz a respeito do judaísmo, especialmente sobre a minha possível linhagem judaica. Ao regressar de Telaviv, resolvi visitar o museu de Jerusalém.

No hotel em Jerusalém, enquanto organizava toda a gama de informações que havia logrado coletar no Museu da Diáspora, os meus pensamentos divagavam nas coisas que pude ver e presenciar.



O museu onde se encontram os pergaminhos do Mar Morto, localizado na cidade de Jerusalém, Israel.

À noite, eu estava novamente a caminho da velha Jerusalém. O acesso ao Muro das Lamentações estava ainda mais difícil devido a grande massa de pessoas que se aglomeravam para presenciar os festejos. Um pouco de esforço foi necessário para cruzar as vielas que mais pareciam um labirinto. Penetrei na multidão que se encontrava diante do muro. Havia uma proteção feita de correntes, engatadas numa parede de concreto, dando duas aberturas pelas laterais: à direita, para os homens, e a esquerda, para as mulheres, com acesso tanto ao muro como também a um arco, onde se encontravam as paredes originais do antigo templo.

Para entrar nesta parte sagrada da cidade, é necessário colocar no alto da cabeça um gorro especial conhecido como "Kipot" ou "Yamaka", usado como menção à soberania de Deus. Este gorro pode ser emprestado, de papel, ou pode ser comprado, em feitio artesanal ou de pano, o que foi o meu caso, que o comprei para tê-lo de recordação. Todos os transeuntes se encontravam em ritmo de alegria, com danças e cânticos. Quando percebi, encontrava-me além do muro que separava a multidão espectadora daqueles que tomavam parte dos festejos que ali aconteciam. Um grupo de hacidics e outros jovens judeus me tomaram pelas mãos e lá estava eu a saltitar juntamente com eles, que estranhavam o fato de eu não saber os cânticos, pois imaginavam que eu fosse um judeu praticante.

Minha amiga Yves assistia de longe, pois não queria se misturar com a multidão. As horas foram passando e as pessoas, pouco a pouco, iam embora. Eu permanecia do lado de dentro, vivendo as emoções de cada momento que me era proporcionado. Logo em seguida, eu, juntamente com um grupo de judeus,

Digitalizada com CamScanner

passamos para dentro do arco, onde também existe uma porta para um túnel. Não tive a oportunidade de entrar pelo fato de ser aberto apenas uma vez por semana.

Enquanto todos se regozijavam e liam o Torá (o livro Sagrado dos Judeus, que é composto dos livros do Velho Testamento e suas doutrinas adicionais), aproximei-me do local onde se vê uma parte da ruína do templo, através de um arco de concreto, com a proteção de barras de ferro dividindo os espaços, mas que dá a visão da superfície para alguns metros subterrâneos. Ali eu estava meditando. A emoção tomou conta de mim e não contive as lágrimas. O que senti foi algo indescritível. Realmente existe uma energia muito forte naquele local.

Um judeu aproximou-se de mim falando em inglês e explicou-me coisas a respeito do local em que nos encontrávamos e pediu-me para que eu aderisse à religião dos meus antepassados, ou seja, o judaísmo. Então, respondi-lhe que era algo difícil porque teria que rejeitar a Cristo e isso não estava em meus planos. Em seguida, retornamos aos cânticos e danças, encerrando assim mais um dia de festividades em Jerusalém. Quando saí, Yves já não se encontrava no local. Cruzei a cidade para a saída pelo portão de Jaffa que dá acesso ao hotel e fui embora. Ao vê-la no hotel, explicou-me que havia pedido para um rapaz me procurar, por duas vezes, e o mesmo não me encontrou.

Nos dias seguintes, eu aproveitei para conhecer melhor Israel. Tive a oportunidade de visitar várias cidades vizinhas a Jerusalém, como: Belém, Nazaré, Cafarnaum, as regiões do mar da Galiléia e o Mar Morto, além do Monte de Massada, e outras mais. Após passar cinco dias por Israel, o Egito foi a minha

próxima parada. Aswan, Luxor e, por fim, contemplei uma das maravilhas do mundo, que são as pirâmides de Guiza, no Cairo.

Vista interna da Igreja da Natividade em Belém, Israel.

No Deserto de Guiza, no Cairo.

Quando parti de volta a Nova York, levava comigo um farto material. Encerrar-se-ia, então, a primeira etapa da pesquisa: a coleta de dados. Ao regressar aos Estados Unidos, eu comecei pelo trabalho de catalogar todo o material coletado durante a pesquisa. Como já havia lido todos os documentos,

Digitalizada com CamScanner

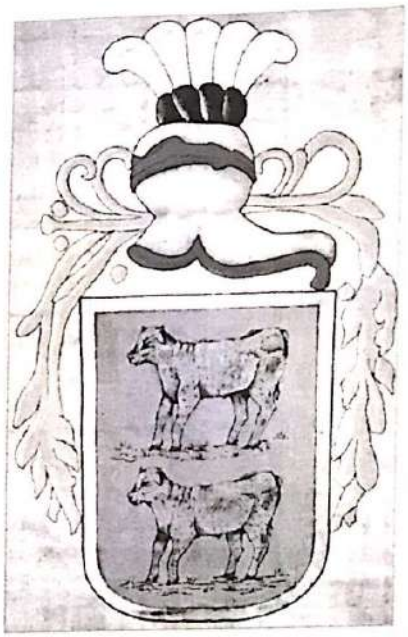
cheguei à conclusão de que os dados mais antigos datavam do início do ano de 1500, através do ascendente de Antônio Bezerra Felpa de Barbuda. Contudo, decidi analisar melhor toda a documentação. Eu achava sempre que investigava o ascendente conhecido como Antônio Pires Bezerra, casado com Maria Araújo (a diferença de nomes não coincidia com o mesmo que havia encontrado no "Nobiliário").

Após me aprofundar na análise dos documentos, passei, então, a organizar todos os registros da família Paz, Lima e Ribeiro. Certo dia, quando eu e meu amigo genealogista, Carlos Bertemes, nos encontrávamos para analisar melhor o material para uma decisão final, fomos surpreendidos com a descoberta de que Antônio Pires Bezerra[1], Pedro Nunes Bezerra e Antônio Domingos Bezerra Felpa de Barbuda tratavam-se de uma mesma pessoa. A razão da troca de nomes é desconhecida, mas entende-se que, quando ele ainda estava na região da Galícia, chamava-se Antônio Pires Bezerra; já em Portugal, Pedro Nunes Bezerra, no Brasil, chamou-se Antônio Bezerra Felpa de Barbuda. Com isso, apareceram mais 12 gerações que precediam o mesmo. A primeira peça do quebra-cabeça estava montada.

[1] Presume-se a troca de nomes devido a perseguições por motivos de invasão de terra e traições aos seus superiores, como encontrado no arquivo do Alto Minho.

Origem dos Bezerra

Digitalizada com CamScanner



Brasão da Família Bezerra
Pintura feita em papiro pelo autor a partir da arte esculpida em pedra no interior da Capela Nossa Senhora do Olival na cidade de Perre em Portugal.

Originado em Galícia, na Espanha, reproduzido na Capela do Olival de Perre - Portugal, este Brasão é representado por duas bezerras, sobrepostas, de cor dourada, em campo esverdeado e com bordas em prata. No topo do escudo, um elmo com plumagem representa os cavaleiros reais que marcaram a história da família.

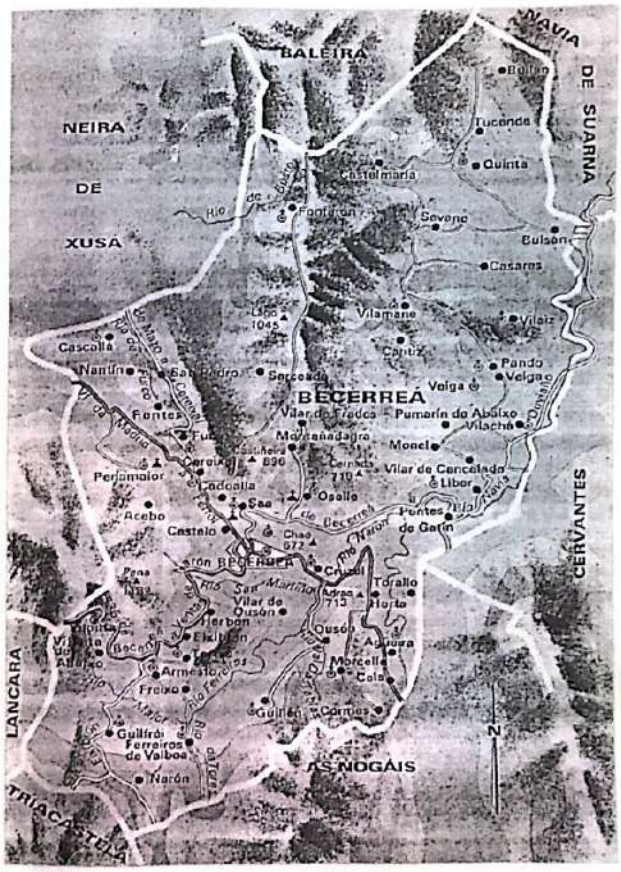
Digitalizada com CamScanner

Becerreá

Becerreá era o marco inicial na Península Ibérica onde originaram-se os Bezerra, município da província e diocese da cidade de Lugo. A origem do nome da cidade Becerreá deu-se devido à produção agropecuária que permanece desde o século XIII como principal meio de subsistência. Os peregrinos que penetraram na região de Galícia seguiram a mesma trajetória do caminho dos franceses, pelos cumes de Piedrafita (lugar pertencente à Becerreá), que faz divisa com a província de León, hoje composta pelas vilas de Cadoalla, Cascallá, Cereixal, Cruzul, Ferreiros de Valboa, Fontarión, Furco, Guilfréi, Guillán, Liber, Morcelle, Osele, Ousón, Pando, Penamayor, Quintá, Senane, Tortes, Veiga, Vilachá, Vilaiz e Vilouta. Por Becerreá passava o caminho que ligava Lugo a Astorga e, segundo historiadores, viveu neste lugar o antigo povo dos Zoelas, cuja capital seria a atual Oselle.

Podemos observar a existência de antigos monastérios, datados de 1177, como por exemplo, o de Penamayor, localizado em terreno acidentado com grandes desníveis, favorecendo a agropecuária, de acordo com a condição geográfica dessa região.

Atualmente, tem uma extensão geográfica de 173km² e uma população de 5.762 habitantes, agrupados em várias vilas. As terras são cultivadas, existem bosques de carvalhos, pinheiros, castanheiras etc. Produz, principalmente, cereais, batatas e produtos hortigrangeiros. A indústria tem pouca importância e a atividade comercial centraliza-se nas feiras que acontecem nos dias 3 e 19 de cada mês.

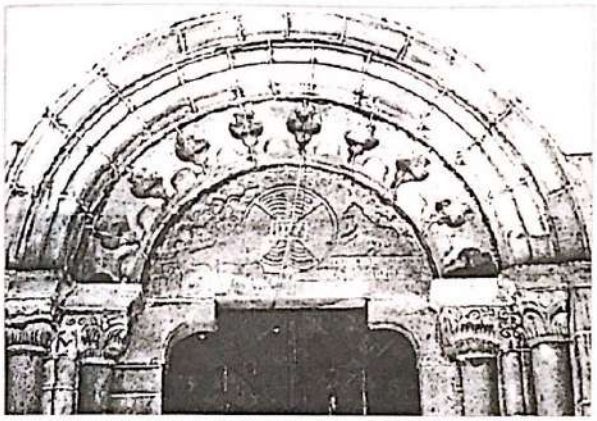


Becerreá, região localizada na Galícia, Norte da Espanha, onde se originaram os primeiros descendentes da família Bezerra. Nos seus primórdios, acredita-se que o nome Bezerra foi dado por razões das atividades que exercia esta família, relacionada à criação do gado. Os membros desta família atingiram grande destaque, junto a realeza, a ponto de terem seus nomes associados à região geográfica.

Digitalizada com CamScanner

Vista parcial da cidade de **Becerreá**, município da província de Lugo, na Espanha.

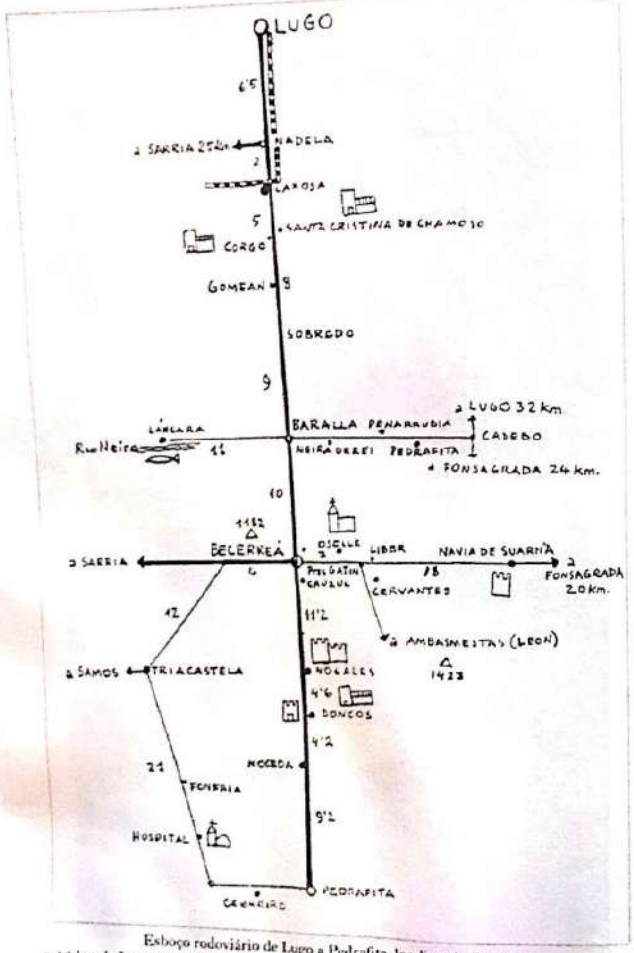
Fachada do **Monastério de Santa Maria de Penamayor**. Século XII.
Localizada na região montanhosa de Becerreá, ao Norte do profundo Vale do Sil.



Parte superior da porta principal do Monastério da página anterior,
onde se lê a data de construção (1177).

Vista parcial de fundos do Monastério de Penamayor.

Digitalizada com CamScanner



Esboço rodoviário de Lugo a Pedrafita, localizando Becerreá, a 42 km de Lugo e a 28 km de Pedrafita, segundo *Guia de Galícia*, de Ramon Otero Pedrayo

Os Becerra (Bezerra) em Galícia

Os Becerra foram uma das famílias mais antigas e conhecidas do Reino da Galícia, segundo o padre Frei Felipe de la Gándara em suas *Armas y Triunfos de Galícia*.

Da família Becerra, esse historiador diz que procederam grandes cavaleiros que teriam servido aos reis e, especialmente, cidades de Trujilo e Badajos e vilas do Cáceres, Almendralejo e Fuente del Maestrem, onde também foi o berço dos principais conquistadores e fundadores da família. Portanto, além da nobreza, os Bezerra também possuem sangue guerreiro (Guerra das Cruzadas com entravadas batalhas contra os Mouros).

O primitivo solar galego, radicado na província de Lugo, foi o responsável por ter dado seguimento a outras ramificações da família Bezerra na mesma província. Eram reconhecidos como de notória fidalguia no lugar de Coto de Lamas, no ajuntamento de Fonsagrada e a freguesia de Lamas de Moreira; da paróquia de Gallegos, do ajuntamento de Nava e Suarna e na municipalidade da Fonsagrada, com a paróquia de Siatallo, do município de Villalba e do lugar de Teillalle.

Outra casa desta linhagem, também muito importante, é a da Vila de Arés (Coruña).

Os Becerra em Extremadura

Em Extremadura, de acordo com afirmações de Gándara, criaram-se novas ramificações de cavaleiros com este sobrenome, originários de Galícia. Nesta época, os Bezerra tomaram rumos

Digitalizada com CamScanner

diferentes; mudaram-se para Badajoz, Almendralejo, Villanueva de la Serena, com linhagem na Villa de Miajadas, parte integrante de Trujillo, província de Cáceres e, nesta última cidade, outra linhagem da família mudou-se para Aragon.

Barnabé Moreno de Vargas, em sua *História de Mérida*, sustenta que o lugar de Torremejia (do partido judicial de Mérida), tornou-se princípio e nome da fundação que ali fizeram os cavaleiros Mexia, de Mérida, e que chamaram Torremejia, em memória do solar, de suas origens familiares que tinham em Galícia. O mesmo autor afirma que sucedeu na fundação por casamento, Diego Bezerra, (Alferes Mayor da Ordem de Santiago), a que herdou Lope Sanchez Bezerra, comendador de Bienvenida, na mesma ordem, que se casou com D. Francisca de Guevara, irmã do Frei Antônio Guevara, o bispo de Modoñedo. Este matrimônio fundou Mayorazgo, que sucedeu seu filho Diego Bezerra de Guevara, senhor de Torremejía, casou-se com D. Violante de Solis Manuel.

Sucessor deste casamento, no grau de segundo neto e senhor de Torremijía, foi Fernando Antônio Bezerra de Guevara, Alferes Mayor de Bardajoz que fez, inclusive, uma poesia em homenagem a sua avó materna, D. Leonor de Mocozo, e seu bisavô materno, cavaleiro principal de Bardajoz.

Nesta capital, também encontraram os Bezerra com os Tovar. Diego Bezerra de Tovar casou-se com D. Ana de Tovar.

Do ramo que se mudou para a região de Alemandralejo e naturais desta vila, foram os licenciados (advogados): Sebastian Bezerra, religioso da Ordem de Santiago e Superior do Convento

de São Marcos e León; Fernando Bezerra, corregedor de Burgos, antes reitor do Colégio de Osuna e juiz do estúdio de Salamanca; Juan Becerra, do quadro catedrático da Universidade de Osuna; Álvaro Andres Becerra, capitão e governador da cidade de Aucema, no Peru, e Francisco da Cruz Becerra, Alferes da Milícia de Mérida e Corregedor de Alemendralejo.

Também procederam do ramo de Alemandralejo os Fernandes Becerra, que foram alcaides originários desta vila e senhores da metade da encomenda de Alemendralejo pelos anos de 1590.

Do ramo de Villanueva de la Serena, segundo registros, pertenceram:

I - Antônio Becerra Tejeiro, natural da dita vila, este se casou com D. Algustina Cañamero da Flor, natural de Miajadas, onde estabeleceram este casamento. Foram filhos:

II - Fernando Becerra e Tejeiro, natural de Miajadas, que de sua esposa, D. Maria Gutiérrez e Salamanca, teve:

III - Antônio Becerra Salamanca, natural de Miajados, que contraiu matrimônio com D. Maria Solis e Castañeda, da mesma cidade, nascendo desta união:

1 - Sebastião Rufino Becerra e Solis Salamanca, natural de Mejados e cavaleiro da Ordem de Carlos II, que ingressou aos 27 de junho de 1784;

2 - Fernando Becerra Solis Salamanca, Alferes de Fragata, natural de Miajadas e cavaleiro da Ordem de Calatrava em 1801.

Digitalizada com CamScanner

Da linhagem radicada na cidade de Cáceres foi:

I - Diego Becerra e Uchoa, natural de Cáceres, que se casou com D. Ana de Monroy, de igual cidade e foram pais de:

II - Antônio José Becerra e Monroy, natural de Cáceres, que contraiu matrimônio com D. Jimena Mayoralgo e Saavedra, da mesma natureza e procriaram:

III - Pablo Antônio Becerra Monroy, natural de Cáceres e Cavaleiro da Ordem de Alcântara, na qual ingressou em 16 de dezembro de 1705.

Entre outros ilustres cavaleiros extremenhos da linhagem dos Bezerra, figuram também os seguintes:

Frei Francisco Becerra, professor de Alcântara, fazendo-se depois sacerdote e desempenhando a paróquia de Valência e Alcântara; D. Pedro Becerra, natural de Mérida que, no ano de 1695, era regedor perpétuo desta cidade e cavaleiro de Santiado, regedor de Mérida e esposo de D. Ana Alavarado e Uchoa; D. Diego Becerra de Mendonza, que foi capitão e conquistador em México, onde foi assassinado.

No lugar de Santa Ana, da jurisdição de Mérida, tinham também ramificações os Mayorazgo dos Becerra e, pelos anos de 1633, esta linhagem pertenceu a essa família de D. Maria Obando e Becerra, comendadora que havia sido do Convento de Santa Eulália de Mérida, da Ordem de Santiago.

Em Santander

Uma família da linhagem Bezerra, radicada nesta província, teve um ramo da família no lugar de Soto, das Astúrias de Santillana e seus indivíduos se apelidaram Fernandes de Becerra.

Início dos Bezerra (Século XIII)

De acordo com a história dos Bezerra, é sabido que já se encontravam na Península Ibérica (Espanha) no século XIII. Um dos primeiros ascendentes a dar continuidade a este sobrenome foi João Bezerra que, por sua vez, é também conhecido como Gonçalves Annes Bezerra. Este foi casado com Maria Rodrigues Cordoniz, filha de Ruy Fz. Cordoniz.

João e Maria Rodrigues tiveram Gonçalo Gomes Bezerra, também conhecido como Conde D. Pedro. Sabe-se que o mesmo era surdo.

De Gonçalo Gomes Bezerra veio o Soeiro Gz. Bezerra. Não foi possível encontrar dados de sua mãe. Registros apontam que o Soeiro Bezerra casou-se com Mayor Fz. Mocozo, filho de Lopo Pires de Mocozo, também foi conhecido como "Traidor". Seu matrimônio foi contraído na Galícia. Desse casal nasceu Fernão Bezerra. De Fernão Bezerra veio Martin Bezerra Mocozo, também de mãe desconhecida. De Martin Bezerra nasceu Lopo Bezerra de Mocozo.

Digitalizada com CamScanner

Na procedência de Lopo, encontra-se o sobrenome da família Lopes. O descendente deste casal chamava-se Fernão Lopes Bezerra e deste veio Lopo Fz. Bezerra, o qual se casou com Violante Mocozo. Deste, nasceu D. Alfonso Bezerra ou D. Rodrigo Bezerra, pai de Martin Bezerra. Nasceu Antônio Bezerra Felpa de Barbuda ou Antônio Pires Bezerra ou Pedro Nunes Bezerra[2], casado com Maria Araújo, que se mudou com seus três filhos para Pernambuco - Brasil.

[2] Antônio Pires Bezerra ou Antônio Bezerra Felpa de Barbuda ou ainda Pedro Nunes Bezerra regressou a Portugal para região do Minho, onde presume-se que, anos após seu falecimento, uma placa de seu túmulo foi erigida em agosto de 1624 (acredita-se que esta data não corresponda à data do seu falecimento), dentro da capela Nossa Senhora do Olival de Perre.

Bezerra no Brasil

Digitalizada com CamScanner

Os Becerra da região da Galícia, que nessa época vivia uma perseguição religiosa, deram origem aos Bezerra no Brasil.

Através da colaboração do Monsenhor Severino Bezerra, natural de Santa Cruz, Rio Grande do Norte, que dedicou boa parte de sua vida nessa busca genealógica, encontrei os dados que confirmaram a existência imigratória dos Bezerra no Brasil Colonial, sendo Antônio Bezerra Felpa de Barbuda, nascido no início do século XVI, o precursor dessa emigração.

"O Fundador da família Bezerra em Portugal foi o citado Antônio Bezerra Felpa Barbuda que, em 1535, veio para o Brasil com sua mulher Maria Araújo e seus três filhos menores, na comitiva de Duarte Coelho Pereira, donatário da Capitania de Pernambuco".[3]

No Brasil, o patriarca da família foi Domingos Bezerra Felpa de Barbuda[4], um dos três filhos do mencionado Antônio Bezerra, que nasceu em 1526, em Viana da Foz do Lima, em Portugal, tendo se casado no Brasil, em 1567, com Brázia Monteiro, em Olinda, Pernambuco, filha de Pantaleão Monteiro, fundador do engenho São Pantaleão, situado na várzea do rio

[3] Segundo relato do Monsenhor Severino Bezerra, "*Genealogia da Família Bezerra*", página 07.

[4] De acordo com os registros do Nobiliário de Turis, Domingos Bezerra Felpa de Barbuda, filho de Antônio Bezerra Felpa de Barbuda e neto de Martin Bezerra, era casado com Brazia Monteiro. Nobiliário de Família de Portugal, III volume, Edição de Carvalhos de Bastos, Braga, 1989, página 51.

Digitalizada com CamScanner

Capibaribe. Nessa época, o Brasil continuava recebendo seus emigrantes portugueses. Esses novos colonizadores vianenses recém-chegados aos Arrecifes (Pernambuco) passavam por grandes tribulações em suas empreitadas nos desbravamentos das matas atlânticas onde deparavam com levante de índios. O difícil acesso e animais ferozes faziam com que dificultasse ainda mais o desenvolvimento dos novos povoados.

Em Pernambuco, os Bezerra situaram-se em Olinda, Serinhanhem e Goiana. Desses lugares, parte mudou-se para o Ceará, localizando-se no Cariri, Sobral, Aracati e Riacho do Sangue, isso por volta de 1700.

O Surgimento dos Bezerra de Menezes no Brasil

Digitalizada com CamScanner

De Domingos Bezerra Felpa de Barbuda, casado com Brázia, vem Domingos Bezerra Felpa de Barbuda Filho, nascido em Pernambuco, casado com Antônia Rodrigues Delgado; Simoa Bezerra, filha de Domingos e Antônia, casou-se com o português Bento Rodrigues da Costa. O filho de Simoa e Bento Rodrigues, também de nome Bento, casou-se com a baiana Petronilla Velho de Menezes, dando início ao sobrenome Bezerra de Menezes.

De Joana e João de Souza Pereira, nascido em Portugal, em 14 de outubro de 1714, nasceram os seguintes filhos: Antônio Bezerra de Souza, Francisco Barbosa Bezerra de Menezes, Bento Bezerra de Menezes e Tereza Maria de Jesus.

As obras existentes não relatam exatamente quem e quantos dos netos de Joana e João migraram da freguesia de Olinda, Pernambuco, para a pequena cidade do Riacho do Sangue, ao Sul do Estado do Ceará (hoje Solonópolis). Sabe-se que um de seus netos, de nome Antônio Bezerra de Menezes, filho de Antônio Bezerra de Souza e Tereza Maria José, conhecido por Coronel Antônio Bezerra de Menezes, nascido em Pernambuco, em 23 de março de 1758, casou-se com D. Ana Maria da Costa. Foi homem de influência e ação, fato demonstrado entre 1817 e 1824, quando ele exerceu o cargo de comandante das armas da Confederação do Equador, no Ceará. Prisioneiro na Fazenda da Cruz, foi lançado a ferro numa prisão e condenado à morte, mas graças ao patrocínio de Conrado de Niemeyer, presidente da

Digitalizada com CamScanner

Comissão Militar, nomeada para julgar a rebelião e por proposta da mesma Comissão Militar, foi-lhe comutada a pena de morte de decreto perpétuo; pena, aliás, não cumprida por ter falecido a caminho para o desterro, conforme relatado no "*Dicionário Biográfico*" do Barão de Studart. Do Coronel Antônio e Ana, nasceu o segundo deste nome, que se casou com Fabiana Maria de Jesus Cavalcante, que são os pais do almejado Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante, nascido em 29 de agosto de 1831, em Riacho do Sangue, Ceará.

Entende-se que do filho de Joana Bezerra de Menezes que se casou com o português João de Souza Pereira, o mencionado Antônio Bezerra de Souza, casado com sua sobrinha Tereza Maria José, filha de Tereza Maria de Jesus e José Ferreira Colaço, é que surgem os dois ramos de Bezerra de Menezes, através de dois filhos desse casal: José Bezerra de Menezes, que emigra para o Rio Grande do Norte, e o também mencionado Coronel Antônio Bezerra de Menezes, que emigrou para o Riacho do Sangue, Ceará.

José Bezerra de Menezes casou-se com Maria Borges do Sacramento, filha de Gerônimo Borges da Fonseca e Brígida Maria, que vieram de Riacho do Sangue, no Ceará, para o Rio Grande do Norte e se fixaram em uma fazenda no Município de Santa Cruz, na Serra do Doutor, de nome "Jacaracica".

De José Bezerra de Menezes nasceu Teresa Maria José, que se casou com Cipriano Lopes Galvão Jr., no dia 26 de fevereiro de 1794, na cidade de Acari, no Rio Grande do Norte, vindo a falecer aos 4 de agosto de 1842, na época, já viúva. Desse casal, vieram os Bezerra do Sereidó, que suprimiram o nome Menezes.

Os Bezerra de Menezes de Santa Cruz vieram de dois lugares: Araruna, na Paraíba, da fazenda Jacaracica, situados, depois, na Boa Hora. Os Bezerra de Menezes foram apelidados de Carcarás (Carcará é uma ave rapina). Não há motivo aparente para este apelido. Segundo Monsenhor Severino Bezerra, não se tem exatamente o grau de parentesco entre Tereza Maria José e Antônio de Souza Bezerra. Sabe-se que os filhos de Tereza receberam o nome Menezes unindo-se aos Bezerra de Menezes de Santa Cruz, formando assim uma só família.

De Antônio de Souza Bezerra e Ana Joaquina Bezerra, descendentes de Cipriano Lopes Galvão Junior e Teresa Maria José, naturais e residentes em Araruna, descendem os filhos:

F.1 Severino;

F.2 Bertino;

F.3 Bento;

F.4 Ana;

F.5 Francisca;

F.6 Francisco.

Severino dos Santos Bezerra nasceu em Araruna em 1810. Casou-se com Mariana Bezerra Cavalcante, nascida em 1817. Ambos morreram em Santa Cruz: Severino, a 4 de julho de 1885, com 75 anos, e Mariana, a 24 de fevereiro de 1909, com 92 anos.

Severino e Mariana Bezerra Cavalcante tiveram seis filhos: Antônio Severino Bezerra, Isabel Alexandrina, Maria Felismina, Manoel Januário, Maria Secundina e Antônio.

Digitalizada com CamScanner

Antônio Severino Bezerra, o primeiro mencionado acima, nasceu em Santa Cruz, em 1843. Casou-se com Maria da Conceição Bezerra de Menezes, conhecida por Maricota, nascida em 1842, filha de Vicente Avelino Bezerra e Joana de Jesus Bezerra, ambos falecidos em Santa Cruz; Antônio, em 18 de março de 1896, com 53 anos, e Maricota, em 26 de setembro de 1922, com 80 anos. Antônio e Maricota tiveram os seguintes filhos: Pedro, José, Generosa, Vicência, Maria, Vicente e Antônio.

Dos filhos de Antônio Severino, somente foi possível encontrar dados sobre Antônio e José, mencionados acima. Antônio, já por sobrenome Bezerra de Menezes, o segundo filho de Antônio Severino, era delegado da cidade de Santa Cruz, por volta dessa época. Em meados de 1918, segundo consta dos registros, ele foi morto numa diligência policial. Antônio, ao tentar imobilizar um criminoso em sua residência, foi fatalmente golpeado pela esposa do delinqüente, tendo assim morte trágica. Os assassinos fugiram.

Sobre o velho Antônio Severino, sabe-se que era criador de gado em Santa Cruz. Todos os dias, durante a noite, era costume separar os bezerros das vacas leiteiras para que assim não consumissem o leite, que seria ordenhado ao amanhecer.

Certa manhã, o velho Severino, como era de costume, dirigia-se ao curral dos bezerros para trazê-los de volta às suas mães para facilitar a ordenha. Chegando ao curral dos bezerros, ao passar pela touceira de xiquexique (vegetação nordestina) que ali existia, uma cobra cascavel o picou. Querendo certificar-se de que era realmente uma cobra, deu três voltas agachado sobre o

local, mas infelizmente a cobra ainda o picou mais três vezes. Ele ainda conseguiu cortar o xiquexique e a encontrou para matá-la com um golpe de facão. Sabia que a picada dessa cobra seria fatal.

Severino disse para ele mesmo que morreria, mas a cobra também teria o mesmo destino e realmente cumpriu o que havia pronunciado.

Quando Severino chegou em casa, chamou os seus familiares e anunciou que morreria dentro de 24 horas. Logo ao despertar do dia, completando as horas previstas, perdeu a visão e em seguida faleceu.[5]

Um dos filhos de Severino, José Bezerra de Menezes, nascido em 1873, em Santa Cruz, ainda jovem, conheceu Ana Marta da Conceição.

Por ser de cor negra, Ana Marta foi motivo de grande polêmica entre os familiares que não aceitavam tal união.

No entanto, José e Ana deram continuidade ao seu relacionamento, mudando-se para uma pequena cidade, localizada no interior da Paraíba, de nome Catolé do Rocha. Ana desempenhava seus labores em uma oficina de costura. Não residiram ali por muito tempo. Provavelmente, contraíram matrimônio ainda em Catolé. Logo em seguida, partiram para o Estado do Ceará, fixaram residência na cidade de Aracoiaba, localizada a 72km de Fortaleza, onde ainda poucos moradores habitavam o local.

[5] Segundo relatado a Onofre, filho de Rita, filha de Maria, filha de José, filho do velho Severino, a história que foi passada de geração em geração de Antônio Severino e Maria da Conceição Bezerra de Menezes (Maricota).

Digitalizada com CamScanner

Acredita-se que o motivo pelo qual José Bezerra de Menezes veio a residir em Aracoiaba, onde comprou muitas terras, ocorreu porque, nesse local, moravam algumas pessoas as quais levavam o mesmo sobrenome e cuja procedência era do Rio Grande do Norte. De José Bezerra de Menezes e Ana Marta da Conceição, nasceu somente uma filha de nome Maria Bezerra de Menezes.

Por volta de 1921, Vicente, um outro irmão de José Bezerra, a pedido de sua mãe (Maricota), que descobriu o seu paradeiro, veio ao Ceará acompanhado de certo cantador viajante, chamado João, que provavelmente passava parte de seu tempo entre Santa Cruz, no Rio Grande do Norte e em Aracoiaba. Ele era uma espécie de mensageiro entre as duas famílias.

José recebeu o convite de sua mãe, através de seu irmão Vicente, para uma última visita, antes de sua morte, o que, com certeza, foi atendido. O mesmo cantador foi quem deu a notícia a José que seu irmão, Antônio, havia sido assassinado por volta de 1918.

A única filha desse casal, Maria, era conhecida como pessoa muito prendada, entre todas as moças da redondeza da pequena Aracoiaba e com conhecimento de leitura, o que era muito raro no local. Isso certamente foi possível porque seu pai foi dono de muitas terras e de grandes plantações de mandioca, o que possibilitou dar boa educação à filha. Da mandioca se extraía a farinha e outros derivados, sendo um dos grandes fornecedores do local, como também para outras cidades que o reconheciam como o melhor produtor da região.

Certa vez, um dos compradores de farinha, de nome Manuel Paz, ficou encantado ao conhecer Maria Bezerra de Menezes. Manuel, provavelmente, era da mesma família Paz, sobrenome judeu, que descendia da linhagem de Branca Dias (vinda de Portugal para Recife, em meados de 1545). Um de seus filhos mudou-se para Paraíba, de quem se presume a descendência desse ramo que veio da Paraíba para esta cidade de Russas, situada também ao Sul do Estado do Ceará, próxima a Aracoiaba.

Manuel, ao retornar a sua cidade de Russas, não se conteve em contar aos irmãos e a seus pais que havia conhecido Maria, de cor morena, que não só era uma moça decente, como também muito bonita. Breve, após o primeiro contato, os dois contraíram matrimônio. Manuel e Maria tiveram onze filhos: Rita, Moisés, Joabe, Arão, Josafá, João, Ester, Guiomar, Ana, Josias e Manuel.

É importante lembrar que Manuel e Maria fixaram sua residência em um lugar chamado de Lagoa do Velho. O velho José Bezerra possuía muitas terras e as deu a sua filha, Maria Bezerra de Menezes que, naturalmente, era a única herdeira. Dessa forma, Manuel Paz não hesitou em mudar-se de Russas para Aracoiaba.

Ana Marta (minha bisavó), aos 82 anos, casada com José Bezerra de Menezes, treze anos mais jovem, foi acometida de uma grave paralisia nas pernas. José precisou vender grande parte das terras para o seu tratamento médico, usando um caminhão para transportá-la, visto que o acesso a carros regulares ou ambulâncias era algo muito difícil na época. Primeiro, eles precisavam viajar horas em carroças até chegarem ao local onde fretavam um caminhão. Em Fortaleza, Ana Marta veio a falecer

Digitalizada com CamScanner

no dia 20 de dezembro de 1942. Passados alguns anos, Manuel Paz deixou-se levar pelo alcoolismo, o que, a cada dia, agravara-se mais e mais, trazendo assim grande tristeza tanto a Maria como a seu sogro, José Bezerra. Maria o amava muito.

O pai de Maria, José Bezerra, havia perdido toda a confiança em Manuel Paz. Tudo contribuiu para a fúria de José Bezerra, chegando mesmo ao ponto de fazer a separação do casal, mandando Maria com alguns dos filhos mais novos para Fortaleza, com a condição de que jamais o aceitasse de volta porque, se assim fosse, o velho José Bezerra seria capaz de pagar alguém para tirar-lhe a vida.

Maria lamentou muito pelo fato de Manuel Paz ter causado grande dor à família, mas teve que seguir, deixando os sentimentos para trás.

Provavelmente, o velho José Bezerra expulsou Manuel Paz das terras que havia lhe dado. Manuel foi para a casa de seu filho Moisés Paz, que era casado, e morava em um lugar conhecido por Lagoa do Barro, município de Redenção, no Estado do Ceará, aonde veio a falecer. Ele nunca deixou o alcoolismo.

Nesta época, o velho Bezerra vendeu outra parte das terras e comprou uma pequena casa para Maria e os filhos: Joabe, Arão, João, Ester, Josafá, Guiomar, Josias, Manuel e Ana, pois que Rita e Moisés já eram casados. Sabe-se que foi muito difícil os anos em que Maria viveu com seus nove filhos em Fortaleza. Do seu Pai não podia esperar muito, visto que já havia vendido a maior parte das terras da família. Viveu apenas em uma pequena parte da fazenda, que acabou sendo dividida para cada um dos seus netos.

Maria nunca esqueceu Manuel, mas mesmo assim teve que guardar a promessa feita a seu pai. Em Fortaleza, tudo era novidade para os filhos de Maria. Apesar dos problemas, a vida no campo não foi esquecida. Sempre que podia, com pouco recurso, retornava ao campo para visitar a filha Rita. A vida na capital era cada vez mais difícil, especialmente para os filhos que não tiveram a oportunidade de aprender uma profissão a qual pudessem desempenhar na Capital. Duros anos passaram-se até que cada um encontrou seu próprio caminho.

O Exército era uma das opções para os homens, já para as mulheres, o casamento. Ana foi a única que permaneceu solteira. Josafá, devido a sua pouca idade, não podia ingressar no Exército, na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e se ocupava vendendo jornais. Os outros menores da casa ficavam com a mãe.

Na simplicidade da residência de Maria, uma pedra plana nos fundos da casa servia, muitas vezes, como local para banhos, para amenizar o tórrido calor do Nordeste. Certa vez, como de costume, ao terminar os afazeres de casa, numa tarde em que o sol brilhava intensamente e a pedra havia absorvido todo o calor do dia, Maria resolveu banhar-se em cima desta pedra. Ao entornar a água sobre seu corpo, o vapor quente subiu ao seu encontro. Maria não se deu conta, mas, antes mesmo de terminar seu banho, já se encontrava constipada, completamente mal de saúde. Acredita-se que, por esta razão, teve uma gripe forte que se transformou em tuberculose, doença incurável naquela época. Ela veio a falecer em 1º de maio de 1949. Seu pai, o velho José Bezerra de Menezes, faleceu em 16 de julho de 1949, com 76 anos de idade (dois meses depois da morte de sua filha Maria). Conseqüentemente, os filhos mais novos ficaram aos cuidados dos

Digitalizada com CamScanner

mais velhos. As filhas retornaram com seus maridos à pequena Aracoiaba, com exceção de Ana. Outros filhos foram casando, fixando suas residências em Fortaleza, já que não contavam mais com a presença de seus avós e tampouco, de seus pais. Maria foi sepultada em Fortaleza, onde a maioria dos filhos residia.

Maria Bezerra de Menezes, filha única, matriarca de um dos ramos da Família Bezerra de Menezes, com 251 descendentes, 11 filhos, 76 netos, 132 bisnetos, 30 trinetos, e 14 tetranetos, espalhados pelo Brasil e exterior.

Sobre os filhos e filhas de Maria e Manuel Paz:

1 - Rita Paz casou-se com Evangelista Freire, natural do Amazonas. Os filhos desses são: Onofre, Maria, Damiana, Salomé, Jonas, Ana (conhecida também por Nanô), Sofia, Judite, Carmina, Raimundo (desaparecido), João Batista, Joaquina, Terezinha, Francisca e Conceição;

2 - Moisés Paz casou-se com Idalina Felipe Santiago, num lugar chamado Lagoa do Barro, Ceará. Os filhos destes são: Pedro, Francisco, Safira, Maria, Alberto e Angela (adotiva), os quais fizeram a troca de duas letras do sobrenome: Paes, ao invés

de Paz. Em segunda união, Moisés e Fransquinha (Francisca) tiveram: Marlúci, Marleni, Mariléde, Marléde e Abelardo;

3 - Joabe Paz casou-se com Regina. Os filhos são: Célia, Celma, Celsa, Cleuma, Cléia, Clésia, Joabe Jr. e Josias, sendo falecidos, Cláudia, Cérgia, Clébio e João;

4 - Josafá Paz casou-se com Maria Ferreira da Silva. Os filhos destes são: Fátima, Eliane, Sônia, Márcia, Angela, José, Antônio, Iramaya e Francisco;

5 - João Paz casou-se com Raimunda de Paiva. Os filhos são: Maria das Graças, Walter, Célio, Diva, Paulo, João, Cristina, Cleide, Conceição, Luciano, Beto, China e José;

6 - Arão Paz casou-se com Luiza Lopes. Os filhos são: Espedito, Aroudo, Rosa, Moacir, Gonzaga, Matilde e Angelina;

7 - Ester Paz casou-se com Francisco Cosme. Os filhos são: Antônia, Lindaura, José Denis, José Adaíl e José Dias (falecido);

8 - Guiomar Paz casou-se com Pedro. Os filhos são: Noélia e Francisco (Pancha);

9 - Ana Edite Paz Bezerra não se casou;

10 - Josias Paz casou-se com Jessy, tendo um filho, Josivan;

11 - Manuel Paz Bezerra casou-se com Raimunda Maria Cavalcante. Os filhos são: Miguel, Aurélio, Lilia, Liliane e Lélio.

Por volta de 1953, Josafá, nascido em 27 de julho de 1927, o quarto filho de Maria e Manuel Ferreira Paz, veio a conhecer Maria Ferreira da Silva, nascida aos 10 de agosto de 1936, filha de Frutuoso Angelo da Silva (ou Ribeiro) e Francisca Ferreira de Lima, naturais de Pacatuba, a alguns quilômetros de

Digitalizada com CamScanner

Fortaleza. Naquele período, estavam sendo feitas várias modificações e desenvolvimento de estradas para o Sul do Estado, conseqüentemente, melhorando o acesso ao Sul do País. Josafá desempenhava sua profissão conduzindo aqueles que trabalhavam nas pavimentações das novas estradas, nas proximidades da pequena Pacatuba, banhada pelo rio conhecido como (Riachão), paralelo à estrada de Guaiúba, onde moravam Maria e Maura (filhas do primeiro matrimônio de Francisca), e os irmãos Matilde, Socorro, Rosimar e João Batista (filhos do segundo casamento). Certo dia, Josafá foi a casa de Francisca para conhecer Maura, mas simpatizou-se com Maria, irmã de Maura. Maria era muito jovem, com apenas 16 anos. Após alguns meses, a mesma foi pedida em casamento. Aqui começou a história da minha família direta: meu pai Josafá, minha mãe Maria e os meus outros irmãos.

Álbum de Família

Meus avós paternos:
Manoel Ferreira Paz e Maria Bezerra de Menezes.

Meus avós maternos:
Frutuoso Angelo da Silva (Ribeiro)[1] e Francisca da Rocha Lima

[1] Frutuoso Angelo da Silva (Ribeiro), ascendente da família Ribeiro, procedente de Quixadá-Ceará.

Maria, minha mãe, a princípio não queria casar-se. No entanto, Josafá havia desenvolvido laços de amizade com os familiares, o que serviu de grande influência para que Maria o aceitasse. Mesmo assim, ela quase se retirou da igreja no dia do casamento. Só não o fez porque foi aconselhada por umas beatas a desistir da idéia.

Apesar de imatura, ainda assim Maria contraiu matrimônio, embora no seu íntimo não concordasse com a situação. Poderíamos até dizer que foi uma das reminiscências de uma tradição do século passado, quando era comum o "casamento arranjado".

A nova vida como esposa e mãe contribuiu para o amadurecimento de Maria. Sendo assim, Maria foi compreendendo melhor e aceitando as mudanças que a vida lhe impôs através de seu casamento. Abaixo se encontra a residência onde foram criados os nove filhos, que são:

Residência da Família Paz Bezerra, localizada na rua Alesada, 133 - Messejana, no período de 1962-1972. (Grafite feito pelo autor)

Digitalizada com CamScanner

F.n.1 - Maria Fátima Bezerra, nascida em 7 de fevereiro de 1955, em Fortaleza, Ceará. Casou-se com Valmir Jesuíno da Costa. Os filhos desse matrimônio são: Michellen e Daine;

F.n.2 - Maria Eliane Bezerra, nascida em 3 de março de 1956, em Pacajus, Ceará, solteira;

F.n.3 - Sônia Maria Bezerra, nascida em 11 de maio de 1957, em Fortaleza, Ceará. Casou-se com Vicente Eduardo Mendes Costa. Os filhos são: Sônia Karine e Carlos Eduardo;

F.n.4 - Márcia Maria Bezerra, nascida em 29 de setembro de 1958, em Fortaleza, Ceará. Casou-se com Sebastião Mesquita de Souza. Os filhos são: Márcio, Washington Luis e Marcelo. Atualmente está divorciada;

F.n.5 - Angela Maria Bezerra, nascida em 4 de maio de1961, em Fortaleza, Ceará. Casou-se com seu primo Francisco Alberto Bezerra Paes (Paz), nascendo somente uma filha desse matrimônio, de nome Munique Bezerra Paes. Angela veio a divorciar-se por volta de 1992 e contraiu segundo matrimônio, em 1995, com Stephen Gianoplus, em Nova York, Estados Unidos;

F.n.6 - José Indemburg Paz Bezerra, nascido em 2 de julho de 1963, em Fortaleza, Ceará. Casou-se com Margareth Savegnago Bezerra, em Nova York, Estados Unidos;

F.n.7 - Antônio Herbert Paz Bezerra, nascido em 29 de agosto de 1964, em Fortaleza, Ceará, solteiro;

F.n.8 - Maria Iramaya Bezerra, nascida em 11 de março de 1967, em Fortaleza, Ceará. Casou-se com Adair Orlandi. Os filhos desse matrimônio são: Thiago Orlandi e Felipe Orlandi;

F.n.9 - Francisco Hortega Paz Bezerra, nascido em 12 de março de 1979, em Fortaleza, Ceará. Casou-se com Lilian Audrey de Oliveira, em março de 1998.

Família Paz Bezerra: Francisco (F.n.9), Antônio (F.n.7), José (F.n.6), Josafá Paz Bezerra e Maria Ferreira Bezerra (Patriarcas), Eliane (F.n.2), Fátima (F.n.1), Angela (F.n.5), Iramaya (F.n.8), Sônia (F.n.3), Márcia (F.n.4).

Os nove filhos do casal Maria e Josafá cresceram no bairro Alencarino (Messejana), na cidade de Fortaleza, Ceará. O bairro é conhecido pela beleza natural dos arvoredos, palmeiras e pelo canto dos pássaros, que inspiraram José de Alencar (escritor), assim como também para dois dos filhos de Josafá e Maria: Antônio, o filho n.7 e Francisco, o filho n.9, respectivamente nas telas (óleo) de paisagens, de natureza morta, e na poesia.

Após a mudança da família para o Estado de São Paulo, grandes mudanças aconteceram. Devido à crise política e econômica no Brasil, uma grande massa de brasileiros iniciou seu êxodo, não só para os Estados Unidos da América, mas também para todas as grandes metrópoles do mundo.

Digitalizada com CamScanner

Na década de oitenta, eu, Antônio Herbert Paz Bezerra, filho n.7, fui o primeiro da família a imigrar para os Estados Unidos. Morei, primeiramente, na Califórnia, por alguns meses e logo mudei para o Estado de Nova York, onde fixei residência. Em pouco tempo, em Nova York, chegaram meus irmãos e irmãs: José (filho n.6), Angela (filha n.5) e Sônia (filha n.3).

Em 1990, meu irmão mais novo, Francisco (filho n.9), sentia o desejo de juntar-se a nós. A princípio, ficamos receosos, entendíamos o quanto seria difícil para ele, pois havíamos chegado à América há uns quatro anos, e ainda estávamos nos adaptando aos novos costumes, cultura e idioma. Evidentemente, sabíamos que para o Francisco, com apenas 17 anos, naquela época, seria melhor permanecer no Brasil, dando prosseguimento nos seus estudos.

Sempre que nos comunicávamos, ele dava muita ênfase em sua preparação para o curso superior e sentíamos suas aptidões voltadas para a Comunicação Social, Ciências e até à carreira diplomática, devido sua forma de expressar-se publicamente, facilidade em aprender novos idiomas e surgir com soluções rápidas a projetos que lhes eram apresentados. Com isso, havíamos aconselhado-o para sua carreira, no Brasil, rumo ao Curso Superior de Ciências Políticas e, posteriormente, ingressar no Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília. Contrariando o que havíamos idealizado, ele nos surpreendeu com as providências dos trâmites legais de viagem, claro que com apoio dos nossos pais, ou seja, ele não desistiu de sua obcecada intenção, e quando, de repente, o telefone toca, para nossa surpresa, era ele, o Francisco, dizendo que se encontrava em Miami (EUA) e que em poucas horas estaria chegando em Nova Iorque.

No Brasil, em sua amada terra natal, Fortaleza, Francisco tinha uma vida repleta de atividades: os amigos do colégio, o grupo de teatro, o jornal do colégio GEO, que ele criou juntamente com seus companheiros de classe, as caminhadas em grupos de amigos sob o sol ardente pelas belíssimas dunas brancas das praias do Ceará e, que na maioria das vezes, o inspirava em suas poesias. Tudo isso ele deixou no Brasil para dar um seguimento na América.

Em Nova Iorque, o verão estava acabando, a temperatura ia baixando gradualmente, fazendo com que os ventos frios do final de setembro contribuíssem com as novas tonalidades amareladas e avermelhadas que recebiam as folhas verdes. Com isso, embelezavam ainda mais a paisagem Novaiorquina do Central Park, que deixava Francisco fascinado e se maravilhava contemplando, pela primeira vez, as mudanças das estações climáticas. O outono chegou e as folhas caíram, não deixando sequer uma folha nos galhos das árvores. Ele dizia que aquela cena o lembrava da seca do sertão nordestino. Passou-se outubro e novembro e o frio ficou intenso. Chegou seu primeiro inverno em terra Americana e toda a paisagem seca das árvores, ruas e campos foram cobertas de branco, com flocos de neve que caíam incessantemente e deixavam Francisco deslumbrado com a neve que acumulavam, no dia-a-dia. Era dezembro e chegou seu primeiro "Natal branco" (*White Christmas*), como diz o americano. Tudo para ele era novidade. Passou dezembro e começou um novo ano. Já estávamos em fevereiro e o frio e a neve continuavam, então lhe veio a nostalgia, especificamente com a saudade de sua cidade, Fortaleza. Nós, os irmãos, sentimos que algo de diferente estava ocorrendo, mas ele insistia em sua idéia de adaptar-se na América a qualquer custo. Com isso, em sua sensibilidade poética, escreveu o poema *Coração Patriota*, publicado no jornal brasileiro de Nova Iorque *The Brazilians*, no ano de 1991.

Digitalizada com CamScanner

Coração Patriota

Deixei de ser brasileiro pra ser estrangeiro;
Deixei de ser brasileiro pra girar o mundo inteiro;
Deixei de ser brasileiro pra sofrer n'outro país;
Deixei de ser brasileiro, humm! Por ganância ao dinheiro;
Deixei de ser brasileiro pra viver sem roteiro;
Deixei de ser brasileiro pra sentir saudade o tempo inteiro;
Talvez, cansei de ser brasileiro! Talvez não fosse um patriota verdadeiro...
Mas juro... ainda tenho um coração totalmente brasileiro!

Deixei minha soberba praia pra congelar-me neste gelado mar!
Deixei meus caranguejos e vatapá pra só enlatados saborear.
Deixei meu sol ardente pra sentir na pele que o frio também é quente;
Deixei meu falar só pra gringos escutar;
Deixei meus amores pra nesta terra somente chorar...
Deixei meus pais em busca d'outros...
E, agora, sem outros sou outro... ninguém a me consolar!
Será que deixei de ser eu mesmo pra estar neste lugar?
Deixei tudo pra lá!
Deixei até de duvidar...
Que ainda tenho um coração totalmente brasileiro.

Francisco Hortega Paz Bezerra

Os anos se passaram, Francisco concluiu o ensino médio na *Long Island City High School* e o College de Ciências Pré-biomédicas no *Queens College* e na *The University Utah* e grandes mudanças ocorreram em sua vida. Tudo que foi idealizado por nós ele conseguiu mudar, da maneira dele. Casou-se com Lilian Audrey e hoje é pai de quatro filhos: Gabriel, Sophia, Marcus e Caillou, e atualmente encontra-se residindo na

cidade de Los Angeles, no Estado da Califórnia, concluindo seu 4º ano no Curso de Odontologia, na UCLA School of Dentistry, na cidade de Los Angeles.

Os próximos familiares a se juntarem a nós foram: Iramaya (filha n.8) e Márcia (filha n.4), e os sobrinhos: Munique, Michellen, Daiane, Thiago, Felipe, Marcelo, Washington Luis, Sônia Karine, Antônio Márcio e Carlos Eduardo.

Michellen, filha da F.n.1, e Pablo Benvenuto casaram-se no Templo de Washington DC, Estado de Virgínia, EUA. Eles tiveram os filhos:

a) Nathalie Christine Benvenuto, nascida em 19 de outubro de 1996, na cidade de Provo, no Estado de Utah, EUA;

b) Daniel Valmir Benvenuto, nascido em 26 de agosto de 1998, na cidade de Provo, Utah, EUA;

c) Nicole Michellen Benvenuto, nascida em 28 de junho de 2001, na cidade de Goose Creek, no Estado de South Carolina, EUA.

Sônia Karine Bezerra da Costa, filha da F.n.3, contraiu matrimônio com Jeffre Colledge, em 9 de abril de 1998, no Templo Mórmon, em Salt Lake City, Utah, EUA. São seus filhos:

a) Beau Mathew College, nascido em 17 de agosto de 2001, em Salt Lake City, Utah, EUA;

b) Haley Ann College, nascida em 28 de abril de 2003, em Salt Lake City, Utah, EUA.

O casal José, filho n.6, e Margarete Savegnago Bezerra tiveram os filhos:

Digitalizada com CamScanner

a) Camila Savegnago Bezerra, nascida em 1º de abril de 1991, na cidade de Nova York, no Estado de Nova York, EUA;

b) Julie Savegnago Bezerra, nascida em 27 de março de 1997, na cidade de Nova York, no Estado de Nova York, EUA;

c) Danielle Savegnago Bezerra, nascida em 27 de março de 2002, na cidade de Nova York, no Estado de Nova York, EUA.

Os filhos do casal Francisco Hortega Paz Bezerra, filho n.9, e Lilian Audrey de Oliveira são:

a) Gabriel Conner Bezerra, nascido em 22 de agosto de 1998, na cidade de McAllen, Texas, EUA;

b) Sophia Audrey Bezerra, nascida em 19 de novembro de 1999, na cidade de Nova York, Estado de Nova York, EUA;

c) Marcus Caleb Bezerra, nascido em 8 de setembro de 2001, na cidade de El Paso, Estado do Texas, EUA;

d) Oliver Caillou Bezerra, nascido em 14 de junho de 2003, na cidade de El Paso, Texas, EUA.

Washington Luis, filho de Márcia (filha n.4), teve dois filhos de mães diferentes:

a) Alisson do Nascimento Araújo Bezerra (filho de Lídia), nascido em 21 de abril de 1996, na cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil;

b) Márcio Igor Moraes da Silva (filho de Francir), nascido em 14 de novembro de 1996, em Fortaleza, Ceará, Brasil.

Antônio Márcio Bezerra de Souza, irmão de Washington Luis, também teve um filho sem matrimônio:

a) Micaele de Queiroz (filha de Fabiana), nascida em 27 de dezembro de 1996, na cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil.

A Cidade dos Bezerra no Brasil

Digitalizada com CamScanner

A cidade de Santa Cruz teve origem em meados de março de 1831, quando os irmãos Lourenço da Rocha e João da Rocha, juntamente com o companheiro José Rodrigues da Silva chegaram a um lugar chamado de "Malhado do Juazeiro". Como o nome sugere, existia um alto e frondoso pé de juazeiro.

Tempos depois, este local recebeu o nome de Santa Rita da Cachoeira e, atualmente, com a denominação de Santa Cruz. O povoado de Santa Rita foi elevado à categoria de vila em 11 de dezembro de 1876, pela lei provincial de nº 372, de 30 de novembro de 1914 e, mais tarde, à categoria de cidade, em 30 de dezembro. Neste mesmo ano, realizou-se a instalação do município, em lei assinada pelo governador do Estado, Joaquim Ferreira Chaves.

A tradição diz que os seus habitantes procederam de portugueses atraídos pela fertilidade da terra, própria para a agricultura e a pecuária, fato que os levou a estabelecerem-se naquele lugar.

As ruas do município correm paralelamente, ligadas entre si por outras tantas transversais. Todas em boas condições de alinhamento. As casas são de construções variadas e predomina a arquitetura de estilo colonial. Há também grande número de edifícios modernos, em face às exigências urbanísticas da Prefeitura Municipal. O açude público do Inharé destaca-se como obra de arte do município.

Digitalizada com CamScanner

Santa Cruz, Rio Grande do Norte. Vista da avenida principal: Avenida Lourenço da Rocha. Ao fundo a igreja matriz da padroeira Santa Rita de Cássia.

A vegetação é predominantemente de agreste. As bacias hidrográficas são as do rio Trairi e seus afluentes: Bom Jesus, Inharé, Pinta Cachorro e São Bento.

O clima é quente e seco, chegando aos 38°C, mas com as características de noites agradáveis e salubres, atribuindo-se a fama pela sua estabilidade de temperatura noturna.

As riquezas naturais consistem especialmente em jazidas de berílio e cristal. A agricultura do município é baseada no plantio de algodão e mandioca. A indústria se reduz ao beneficiamento destas culturas. A pecuária é considerada tímida e representa 15% das atividades econômicas, tendo como principal a criação de gado.

Santa Cruz ainda conta com os seguintes sistemas financeiros: Banco do Brasil, Banco do Nordeste do Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco.

O setor de educação hoje oferece desde o nível primário até o ensino superior.

O hospital maternidade que atende as necessidades da população, embora pequeno, é de grande importância em toda a região e recebeu o nome de Donana Bezerra de Menezes. Além de partos, o hospital trata também de doenças como a gripe (em crianças de 1 mês a 4 anos de idade), a gastrite-interite, acentuada nos meses de março e abril e a tuberculose. As epidemias que mais assolavam o município eram: febre tifóide e a varíola, ocasionando diversas vítimas.

Digitalizada com CamScanner

Santa Cruz abrigou uma linhagem da família Bezerra de destaque, não somente no Nordeste, bem como no País, entre eles, o Monsenhor Severino Bezerra, a filantropista Ana Bezerra e o ex-Presidente da Confederação da Indústria, Senador e empresário Fernando Luiz Gonçalves Bezerra.

O cemitério da cidade de Santa Cruz, Rio Grande do Norte, registra os pilares da importância da família Bezerra de Menezes, na história desta municipalidade.

Os Bezerra Mais Notáveis

Digitalizada com CamScanner

Manuel Paz Bezerra

Nascido na pequena cidade de Aracoiaba, no Estado do Ceará, aos 23 de maio de 1936, Manuel Paz Bezerra possuía inclinação para a arte desde a sua infância. Aos 18 anos, já na Marinha Naval, aprimorou ainda mais seus conhecimentos concernentes à pintura.

Muito popular em Aracoiaba, Manuel Paz Bezerra contagiava a todos com sua simplicidade e carisma. Conhecido por seu primeiro sobrenome, Paz, era grande admirador da natureza e costumava retratá-la através de suas pinturas a óleo sobre tela. O mar e a terra recebiam outras cores na tela de Paz, assim como paisagens, favelas, naturezas mortas e *portraits*. No entanto, seu forte fora "mar e terra". Fixou residência no Rio de Janeiro, onde se casou com Raimunda Maria Cavalcante. Tiveram sete filhos: Miguel, Aurélio, Márcio André (falecido), Lilia, Liliane e Lélio.

Era conhecido como Manezinho Paz, pois assim assinava em cada uma de suas obras. Paz nunca teve uma situação financeira estabilizada, teve anos bem difíceis, o que fazia de sua arte uma fonte complementar de subsistência. Por isso, a maioria de suas obras que hoje se encontram em lares da elite carioca foram vendidas a preço simbólico, jamais compensando o verdadeiro valor de seu trabalho. Tudo isso contribuiu para uma vida humilde, enquanto que a exuberância de sua arte ficará para sempre.

Digitalizada com CamScanner

Manuel Paz Bezerra, nascido em Aracoiaba-CE, foi um dos grandes talentos da família, revelando-se como artista plástico de renome no Rio de Janeiro.

Manezinho Paz faleceu em 27 de outubro de 1987, no Rio de Janeiro. Sua morte foi provocada por uma parada cardíaca depois de presenciar atos brutais de malfeitores numa rua da cidade do Rio. De todas as suas obras, restaram apenas três em posse dos seus familiares, sendo essas as mais valiosas entre todas, terminadas pouco antes do seu falecimento. Poucos foram os que valorizaram os trabalhos de Manuel Paz Bezerra. Hoje, fortunas da terra não podem comprar as novas cores de um infinito que o mesmo descobriu. Assim, no Rio, deixou como legado a paisagem do mar e a terra que só ele soube retratar.

Adolfo Bezerra de Menezes

Conhecido como o introdutor do Espiritismo no Brasil, Adolfo Bezerra de Menezes nasceu em Riacho do Sangue, hoje conhecido como Solonópolis, no Ceará, em 29 de agosto de 1831. De família de grandes latifundiários da época, Adolfo Bezerra pôde conhecer os dois prismas da vida que dividem as classes sociais do Brasil, quando seu pai, Antônio Bezerra de Menezes, tenente-coronel da Guarda Nacional, perdeu grande parte de sua fortuna, experimentando com a família privações, até então desconhecidas pela mesma.

Na década de 1850, Adolfo Bezerra mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se doutorou em Medicina no ano de 1856, defendendo a tese de diagnóstico do câncer, passando a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, com passagens pelo Exército como cirurgião-tenente. Em 1861, ingressou na política, sendo eleito vereador pelo Partido Liberal, mas foi impugnado por Haddock Lobo, chefe oposicionista do Partido Conservador, sob a acusação de que o mesmo era médico-militar, o que o motivou a desligar-se do Exército.

Em 1867, foi eleito deputado e suplente ao Senado Federal. Depois de tumultuado início na carreira como político, Adolfo, marcado pela dedicação aos pobres, sofreu dura perseguição pelos opositores por causa da sua linha de ação, o que fez com que desistisse temporariamente da vida pública, passando a dedicar-se, inteiramente, à causa dos menos favorecidos.

Digitalizada com CamScanner

Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, um dos expoentes máximos da família Bezerra, em foto tirada em 1885. Conhecido como o fundador do Espiritismo no Brasil.

Conhecido também como empresário de ferrovias, notavelmente pela ferrovia de Macaé, ele retornou à política em 1876, eleito deputado geral, em 1880. Consta que, nesta época, através de artigos publicados em *O País*, até então o principal jornal brasileiro, teve os primeiros contatos com os artigos publicados na coluna *O Espiritismo*, o que coincidiu com as primeiras traduções da obra de Alan Kardec no país do *Livro dos Espíritos*.

Através das pesquisas e pelo seu trabalho junto aos adeptos do espiritismo, foi presidente da Federação dos Espíritas do Brasil, sendo responsável pela unificação das diversas tendências da incipiente filosofia no Brasil. Em 1894, aos 63 anos de idade, foi considerado "Grande Apóstolo" do espiritismo no Brasil. Ao falecer, em 1900, deixou a marca indelével de sua obra na carreira médica, pública e, principalmente, marcando-se como o Pai do Espiritismo no Brasil.

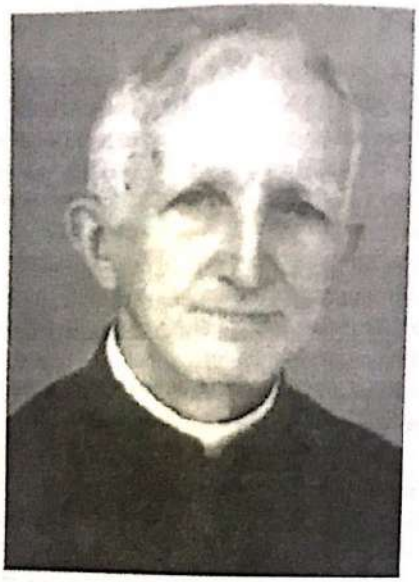
Monsenhor Severino Bezerra

Uma das figuras mais notáveis nas pesquisas genealógicas da família Bezerra, Monsenhor Severino Bezerra é mais conhecido através da publicação de diversos livros sobre o tema genealógico da família Bezerra, referência em muitos outros trabalhos concernentes às intrigadas ligações nos ramos da família, como também na interpretação de dados históricos dos Bezerra.

Nascido em 22 de junho de 1902, em Santa Cruz, Rio Grande do Norte, o Monsenhor Severino teve seus livros publicados: *Levitas do Senhor*, *Levitas do Senhor no Oeste Potiguar*, *Genealogia da Família Bezerra* e *Memória Histórica de Santa Cruz*.

De 1937 a 1988, Monsenhor Severino, ordenado na Capela do Colégio Nossa Senhora das Neves, no Alecrim. Exerceu os seguintes cargos: coadjutor no Caicó, Serra Grande do Norte, Jucurutu, Ceará-Mirin, Catedral de Natal, Santa Cruz, Vigário de Taipu, Touros, Santo Antônio do Salto da Onça, Lajes, Goianinha, Arês, Macaíba, São Gonçalo do Amarante, São José do Campestre, coronel Ezequiel e capelão da igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Natal na fazenda Irapuru. Por duas vezes secretário do Bispado de Natal. Em 1987, comemorou o jubileu de ouro da ordenação sacerdotal. Faleceu em 4 de outubro de 1995.

Digitalizada com CamScanner



Natural de Santa Cruz, Rio Grande do Norte, **Monsenhor Severino Bezerra**, autor de várias obras, destacou-se, principalmente, na busca genealógica da família Bezerra.

Natal - RN. 23.6.93

Senhora Maria de Fatima

Pela presente, estou informando que recebi junto com sua carta, datada do dia 6 deste mês, as fotografias que me enviou, motivo que quero agradecer a oferta dessas fotografias.

Nada tem que me agradecer pela oferta dos livros e que bem fico satisfeito em sabendo que os mesmos irão servir para um trabalho de genealogia; tambem, quero agradecer o convite que me faz para uma visita aí em Brasilia. Não faço viagens atualmente para parte alguma, motivo de saúde e idade.

Com meus agradecimentos e votos de paz e felicidades a todos, é o que muito deseja Mons. Bezerra

MONS. SEVERINO BEZERRA

Carta enviada, em 1993, por **Monsenhor Severino Bezerra** à minha irmã Fátima Bezerra em resposta ao seu convite para visitar Brasília-DF, Brasil.

Digitalizada com CamScanner

Theodorico Bezerra

Conhecido como o pioneiro dos empresários e políticos do Rio Grande do Norte, foi por diversos anos dirigente de hotéis em Natal, onde ingressou na política sendo deputado pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte e da Câmara Federal.

No período do presidente Getúlio Vargas, foi líder do Partido Social Democrata (PSD) e vice-governador do Rio Grande do Norte. Theodorico nasceu em Santa Cruz, a 23 de julho de 1908, casando-se com Zilá de Carvalho. Teve dois filhos, Kleber e Zânzia. Faleceu no dia 5 de setembro de 1994.

Natural de Santa Cruz - RN, **Theodorico Bezerra** despontou no cenário político brasileiro, atingindo elevados cargos no Rio Grande do Norte e em Brasília.

Ana Bezerra

Conhecida filantropista de Santa Cruz, nasceu em Santa Cruz, Rio Grande do Norte, no dia 26 de julho de 1867. Filha de Antônio Justino de Souza e Joana Francisca do Sacramento de Souza, recebendo o nome de batismo de Ana Leocádia de Souza que, mais tarde, aos 18 anos, contraiu matrimônio com José Pedro Bezerra, passando assim a chamar-se de Ana Bezerra. O casal residiu em Araruna, Paraíba, cidade natal de José, durante 4 anos. Seus três primeiros filhos, Maria, Maria Alisa e Cícero, nasceram também em Araruna. Em seguida, mudaram para Santa Cruz, onde nasceu Lídia, José, Maria, Antônio, João Bianor, Ana, Antônio Justino, Maria Marieta, Isabel, Maria, Severino, Theodorico, Cândida, José e José Pedro.

Natural de Santa Cruz - RN, **Ana Bezerra**, conhecida filantropista de Santa Cruz.

Digitalizada com CamScanner

Ana Bezerra ou Donana Bezerra sempre apoiou o seu esposo nas carreiras de política e comerciante. A dedicação para com o seu povo fez com que Donana seja relembrada até os dias de hoje. Faleceu no dia 26 de dezembro de 1935.

No dia 4 de fevereiro de 1952, a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de Santa Cruz, sob a direção de João Bianor Bezerra, inaugurou uma maternidade com recursos dos governos estadual e municipal, recebendo o nome de Maternidade Ana Bezerra.

Fernando Luiz Gonçalves Bezerra

Filho de João Bianor Bezerra e Hermilda Gonçalves Bezerra, neto da filantropista Ana Bezerra. Graduou-se como engenheiro civil na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 1965, e fez sua pós-graduação em Engenharia Econômica e Administração de Negócios na Utah State University, EUA, no ano de 1966.

Atuou na construção civil e no movimento classista. Permaneceu na presidência da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, de 1979 a 1994. Atualmente é ex-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), destacando-se pela competência e seriedade na mais importante entidade patronal do País.

Eleito para senador da República, empossado em 2 de janeiro de 2003, criou leis como: A Lei de Patentes, A Lei Geral das Telecomunicações e o Código de Mineração.

Fernando Luiz Gonçalves Bezerra não é somente Senador, mas, acima de tudo, um político de grande atuação que está fazendo e fará parte da história do Brasil, enobrecendo ainda mais a família Bezerra.

Foto: Miguel Angel / Folha on CNI

Natural de Santa Cruz - RN, Fernando Luiz Gonçalves Bezerra, empresário, ex-presidente da Confederação Nacional da Indústria e Senador da República, empossado em janeiro de 2003. É líder do PTB e líder do Governo no Congresso.

Digitalizada com CamScanner

José Adauto Bezerra de Menezes

Seus ascendentes construíram engenhos e instalaram fazendas, na época dos feudos agrários do Cariri, abrangendo todo o vale de canaviais e estabelecendo-se nas áreas menos produtíveis com uma atividade curraleira em que o criatório desenvolveu-se, gerando riquezas para o homem e garantindo sustento de suas populações.

Filho de José Bezerra de Menezes e Maria Amélia Bezerra, José Adauto Bezerra de Menezes nasceu em Juazeiro do Norte, a 8 de junho de 1926, recebendo as primeiras lições de história e contadores dos efeitos heróicos dos seus antepassados. Iniciou seus estudos em sua cidade natal. Posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro onde ingressou na Escola de Agulhas Negras, em Resende. Em 1949, foi promovido a Aspirante e evoluiu sua hierarquia até o posto de Tenente-Coronel.

Natural de Juazeiro do Norte, Ceará, **José Adauto Bezerra de Menezes** foi governador do Estado do Ceará de 1975 a 1979.

Elegeu-se Deputado Estadual em 1958, tomando como bandeira a extinta "União Democrática Nacional". Foi reeleito sucessivamente em 1962, 1967 e 1971. Assumindo o governo quando o Estado vivia uma das mais drásticas crises econômicas de sua história, Adauto Bezerra passou a mobilizar o mecanismo de que dispunha para reconduzir o Ceará a uma situação de normalidade, esforço reconhecido pelo empresariado cearense, um dos beneficiados pelas heróicas medidas adotadas.

Quanto ao povo em geral, sua política de melhoria de vida passou a refletir em todos os escalões sociais, merecendo, por tudo isso, o respeito que lhe tributam seus cidadãos.

Durante o seu governo, grandes obras foram realizadas, tais como: Implantação do Pólo Nordeste, Projeto Sertanejo, Centro Nacional de Ovinos e Caprinos; a conclusão do Hospital Infantil Albert Sabin; Hospital Regional, Hospital Otacílio Mota; reativação do Programa de Habitação Popular; integrou o sistema de Hidroelétrica de Paulo Afonso, no Ceará; grandes realizações para o funcionalismo público do estado; programa de renovação e revigoramento dos cafezais (PROCAFÉ); 25 centros sociais; e sua maior obra, a chamada "Obra do Século", foi o saneamento básico e abastecimento d'água de Fortaleza, inaugurando o Interceptor Oceânico e o Emissário Submarino, bem como o Complexo Hídrico Pacoti-Riachão-Gavião.

É importante que conheçamos a procedência genealógica de José Adauto Bezerra de Menezes, através dos seus ascendentes. Segundo Maria Alacoque Bezerra, em sua obra *José Bezerra de Menezes: O Pacificador*, o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro era casado com Rosa Josefa do Sacramento e eram seus filhos: Tenente-Coronel Joaquim Bezerra de Menezes, Capitão José Pinheiro Bezerra de Menezes (Capitão Zeco dos Currais) e o

Digitalizada com CamScanner

Capitão Leandro Bezerra de Menezes, casado, em primeiras núpcias, com sua prima legítima, Raimunda Teles Bezerra de Menezes, com quem teve onze filhos: Joaquim, Leandro, Alfredo, Raimundo, Marcos, Antônio, Júlio, Felipe, Rosa, Quitéria e João.

O segundo casamento foi com Josefa Saraiva, filha do capitão Manuel Saraiva e Inês Saraiva.

O casal deixou um único filho, José Bezerra de Menezes, residente em Juazeiro do Norte, proprietário da Fazenda Salgadinho, considerada a melhor do município e que pertenceu ao Major Pedro Bezerra Monteiro, neto do Brigadeiro Leandro Bezerra e, depois, ao Major Joaquim Bezerra de Menezes.

José Bezerra de Menezes casou-se com Maria Amélia Bezerra com quem teve sete filhos.

De pé: Leandro, Adauto, Ivan, Humberto e Orlando.
Sentados: Neide, José Bezerra de Menezes, Maria Amélia Bezerra e Alacoque.

A árvore genealógica, no final desta obra, ajudará o leitor na ligação dos ascendentes deste ramo da família de José Bezerra de Menezes e Maria Amélia Bezerra ao ramo principal que originou a família Bezerra, no século XIII.

Digitalizada com CamScanner

Vidas Vividas

Enquanto vivo, faço parte destes entes que,
Um por um, também ligam-se a mim.
Vivo ou morto, juntos formamos um círculo
E, num círculo, não há princípio nem fim...

São muitas minhas vidas vividas,
Por vários lugares onde passei,
Morri e nasci tantas vezes nesta vida,
Através das sementes que plantei...

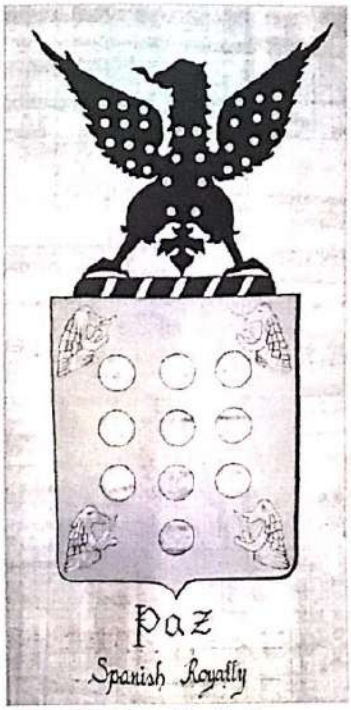
Carlos Augusto Bertemes

Parte II

Digitalizada com CamScanner

As Origens dos Paz na Europa e seus descendentes na América do Sul

Digitalizada com CamScanner



Brasão da Família Paz
Pintura feita em papiro pelo autor a partir do original do Dicionário Heráudico y genealógico de apelidos españoles y americanos.

O Brasão da família Paz, da realeza, é representado por um campo azul com quatro meios-corpos de leões, nos quatro cantos, afrontados e dez basantes ao centro, dourados. No topo, uma águia negra com pontos dourados. Este brasão teve origem em Castilla e León, na Espanha.

Digitalizada com CamScanner

Na Espanha, vários autores atribuem a linhagem dos Paz como tendo sido originada de sangue monárquico. Eles alegam que o infante Dom Pedro, filho de Dom Alfonso X, "O Sábio", casou-se no ano de 1281 com D. Margarita, filha do Senhor de Navarra. Desse enlace nasceu Sancho, chamado de Paz.

Os autores ainda opinam que se chamou assim porque a família de Sancho contribuiu a trazer Paz aos espanhóis com as vitórias que alcançou nas lutas contra os mouros. Outros reproduzem uns versos populares, nos quais se menciona a Lorenzo de Paz, "herdeiro de sangue real" e "o primeiro assim chamado", como também a Carlos e Pedro Paz, que triunfaram em Nápolis.

Não se sabe até que ponto são verdadeiros os dados acima mencionados, devido a uma contradição: o primeiro, chamado de "Paz", foi o Dom Sancho, neto de Dom Alfonso X. Este não poderia também ser o Lorenzo Paz mencionado nos versos. O que se sabe é de sua origem nobre.

Na Espanha, sabe-se que teve origem na cidade de Salamanca, de onde surgiram os ramos que fundaram novas gerações na Ciudad-Rodrigo. Entende-se que este sobrenome Paz vem da província mencionada anteriormente, na vila de Medellin, na de Fregenol de la Sierra e na cidade de Llerena, que pertencem à província de Bardajoz.

Outro ramo do Paz estabeleceu-se na cidade de Granada, estendendo-se até Santa-Fé, na mesma província e na de Valez-

Malaga; também, radicaram famílias deste sobrenome em Sevilla, Canárias, Galícia, Burgos e montanhas de Santander, assim como nas Repúblicas do Peru, Venezuela, Argentina, Santo Domingo e outros países da América do Sul.

Em Salamanca, Extremadura e Andalucia

As gerações das cidades de Salamanca e da Ciudad-Rodrigo, tidas como uma das mais antigas, eram de maior destaque no início do século XV, como também os ramos de Extremadura.

No ano de 1434, o Dr. Luiz Alvarez de Paz era membro do Conselho do rei Dom Juan II de Castilla e descendia do solar de Salamanca. Em meados do século XV, vivia o seguinte cavaleiro:

I - Alonso de Paz, original de Salamanca, mas nascido na vila de Fregenal de la Sierra (Bardajoz) e sua esposa, D. Mariana de Oribe e Torres, de Sevilla, que tiveram Alonso Antônio de Paz, natural de Contas, que contraiu matrimônio com D. Juana Corral e Pascual, natural de Medina do Campo, por província de Valladolid, nascendo dessa união:

1 - Alosondo de Paz e Pascual, natural de Madrid, "Regedor" de Salamanca e foi feito Cavaleiro de Sua Majestade da Ordem de Santiago, no ano de 1645;

Digitalizada com CamScanner

2 - Francisco de Paz e Pascual, natural de Madrid, acompanhante de Sua Majestade e Cavaleiro da Ordem de Santiago, ordenado no mesmo ano que seu irmão.

Ao mesmo ramo desta linhagem, originada da geração de Salamanca e estabelecida em Fragenol de la Sierra (Bardajoz), pertenceu:

1 - Fernando de Paz Farjado, natural de Frajenol de la Sierra que, com sua mulher, D. Ana de la Cruz Peres, natural da vila de Buendia (Cuenca), nasceram:

2 - Eugênio de Paz Fajardo, natural de Buendia e vizinho de Antaquera (Málaga), que se casou com D. Diosia Beltrán de la Cueva, natural de Nacete a Real, que foram pais de:

a) Fernando de Paz Fajardo Beltran de la Cueva, natural de Canete a Real, Capitão de Cavalos, Corações e Cavaleiros da Ordem de Santiago, a qual ingressou em 9 de junho de 1690;

b) Juan de Paz Fajardo Beltrán de la Cueva, natural de Canete a Real, o qual se ordenou Cavaleiro de Santiago, no mesmo ano que seu irmão.

Da casa de Paz, radicada na vila de Medellin, com linhagem da cidade de Llerena (Badajoz), tem-se notícias que vem do século XVI, figurando como um de seus primeiros descendentes:

I - Pedro Miño de Paz, alcaide originário de Medellin, naqueles tempos, e que morava na casa que vai da praça à casa

do Conde de Medellin. Sua mulher, D. Catalina Garcia, teve estes filhos:

1 - Sancho de Paz,

2 - Rodrigo de Miño,

3 - Cristóbal de Miño.

Não se tem notícias de que estes desempenharam cargos importantes na citada vila, mas que viveram nela como nobres e ricos senhores. O último, Cristóbal ganhou nome de nobre no ajuntamento de Llerena.

II - Sancho de Paz era homem de importância e ocupou postos, entre outros, como secretário do Conselho de Ordens Militares e como Contador Maior dos Reis Católicos, levando-o a residir em Burgos, Valladolid, Valência, Madrid e Llerena. Casou-se com D. Maria Valência e foram pais de:

1 - Antônio de Paz

2 - Sancho de Paz, que se casou com Maria Ozório, em Llerena, em 1554

3 - Alonso de Mendonza, do qual não se tem muitas informações.

Os três irmãos fizeram o registro de sua nobreza na Real Chancelaria de Valladolid, em 29 de julho de 1559.

Digitalizada com CamScanner

É um precioso documento, até sob o ponto de vista artístico. Nas informações deste documento, declaram vários testamentos dos locais onde residiram ou tinham propriedade, coincidindo com todas as informações de que os litigantes eram de antiga e elevada linhagem, descendentes de notórios filhos dos seus progenitores. Um declarou que conhecia e tratava do avô de seus irmãos, que montava sempre cavalo. Outro manifestou que Sancho de Paz era um literato, tinha essa qualidade.

III - O primogênito, Antônio Paz, contraiu matrimônio em 1547, com Francisca de Mendonza, filha dos Duques do Infantado, e residiram em Llerena.

Os Paz deste ramo interagiram com nobres estrangeiros e com casa dos Condes da Torre del Fresno, em que recaíram em representação da linha primogênita.

Ao ramo granadina pertenceram:

I - Alejo Paz, nascido em Santa Fé. Casou-se com D. Augustina Beltrán de Gusmán, natural de Granada e tiveram:

II - Francisco de Paz Gusmán, natural de Santa Fé, "alcaide" desta cidade e Veinticuatro de Granada. Casou-se com D. Juna de Pedrosa Gadea, natural da mesma cidade, filha de Diego de Pedrosa Gadea, natural de Santa Fé e D. Maria de Balmas, natural de Porcuna, vila da província de Jaén, e foram pais de:

III - Alonso de Paz Gusmán, natural de Santa Fé, Veinticuatro de Granada e Administrador Geral de Millones, em Sevilla, que se formou Cavaleiro da Ordem de Calatrava, no ano de 1544, casando-se com D. Isabel Antônio del Castillo e depois com D. Maria Árias de Monsilla, ambos naturais de Granada. Nasceu dessa união:

IV - Blas Manuel de Paz Gusmán, natural de Madrid, Veinticuatro de Granada e cavaleiro da Ordem de Calatrava, sendo Cruzado no ano de 1661.

Da família Paz de Valez-Málaga, ainda parente com a anterior de Granada, foi:

I - Luiz de Paz, natural e "regedor" de Velez-Málaga e Capitão de Católicos de la Costa do Reino de Granada que, com sua mulher, D. Inês Árias de Mansilla, natural de Granada, tiveram os filhos:

II - Luiz de Paz Árias, natural de Valex-Málaga, que se uniu em matrimônio com sua parente, D. Isabel de Paz e Carvajal, natural de Santa Fé, filha de Francisco de Paz, natural e administrador de Santa Fé e de D. Maria Carvajal, natural de Granada, nascendo desse enlace:

III - Luiz de Paz Árias Jr., natural de Valez-Málaga e Cavaleiro da Ordem de Calatrava, em que ingressou em 12 de outubro de 1622.

Digitalizada com CamScanner

Ramos na América do Sul

Os Paz de Peru (País ao Leste da América do Sul) são originários das casas de Salamanca e Ciudad-Rodrigo.

Levaram esse sobrenome naquele país os cavaleiros chamados Rodrigues de Paz, que não devem ser confundidos.

Os primeiros Paz de Salamanca de que vamos nos ocupar, nasceram na Vila de Payo, no partido judicial da Ciudad-Rodrigo, e que procediam da casa do mesmo sobrenome desta cidade.

Rodrigues de Paz casou-se em Payo, com D. Beatriz Céspedes de Soria, nascida naquela vila e foi enviado ao Peru a serviço de Sua Majestade, no ano de 1537. Participou da conquista daquele território, ao lado de Vaca de Castro. Eles também intervieram na Batalha de Chupas. Em 1542, ele foi um dos que acompanharam Virrey Nunés Vela, em sua prisão no ano de 1544. Ao chegar o licenciado Gasca ao Peru, em 1546, foi este Rodrigo de Paz, nomeado "Alferes" Real do Exército, que fez parte da recepção. Depois teve início a campanha empreendida contra Pizarro. Gasca encomendou-lhe o mando das tropas reais de Cajamarca e reverendando-lhe cumprimento de ordens, em Janja, o título de Alferes Real. Em 1548, Rodrigo de Paz participou da Batalha de Sassahuana e de importantes serviços prestados ao rei que o nomeou Encarregado dos Índios de Saña, em 1549. Algum tempo depois, regressou à Espanha e, em 1568, ingressou à nobreza de sua família na Ciudad-Rodrigo. Ao voltar ao Peru, em 1584, levou consigo a esposa, D. Beatriz Céspedes.

D. Maria, no Peru, foi nomeada como Encarregada de Saña, por Sua Majestade.

D. Elena casou-se duas vezes, na Espanha: a primeira, com Juan de Esperanza Alfaro, Regedor Perpétuo de Trujillo, sendo mãe de D. Juana de Espaza y Paz Alfaro y Céspedes, esposa do Maetre de Campo Martins. Outra família Paz estabelecida em Arequipa.

Procede dos Paz burgaleses, desta forma:

I - Juana de Paz, nascida em Medina de Pomar (Burgos, Espanha), casou-se com Juan Serrano de los Reyes, natural de Tudela de Novarra e passaram ao Peru, em meados do século XVII, residindo em Arequipa. Foram os pais de:

II - O outro Rodrigo de Paz, que foi enviado ao Peru, nasceu na cidade de Salamanca e casou-se com D. Ana do Mercado, natural da ilha de Santo Domingo e originária de Segóvia. Os esposos se estabeleceram em Arequipa e foram pais de:

III - Antônio de Paz y de Mercado, natural de Arequipa, que contraiu matrimônio com D. Maria Duque Estrada, natural da cidade Extremena de Mérida, na província de Badajos, filha de Alvaro Duque de Estrada, natural de Talovera de la Reina, cidade da província de Toledo e D. Juana Portocarrero, natural de Mérida, nascendo da união:

Digitalizada com CamScanner

1 - Francisco de Paz e Duque Estrada, natural de Arequipa e Cavaleiro de Dom Juan de Áustria, que se formou cavaleiro da Ordem de Alcântara, em 1658;

2 - Antônio de Paz e Duque Estrada, também Cavaleiro da Ordem de Alcântara, nomeado no mesmo ano que seu irmão, Gutierrez de Molina, foi nomeado alcaide da cidade de Buenos Aires, como também regedor, de 1615 a 1618, e depois Tesoureiro e Juiz Oficial Real. Sua mulher, D. Mayor de Lollina Humanes, era natural da vila de Norón da Espanha. O general Juan Gutiérrez de Molina também havia sido alcaide de Buenos Aires, Corregedor desta mesma cidade e de Santa Fé e Alferes Real por Sua Majestade. Foi também regedor no Peru.

3 - Ana de Paz Serrano de los Reyes, natural de Arequipa, que tem o sobrenome antepondo o sobrenome materno ao paterno, contraiu matrimônio com o General Juan Gutiérres de Molina, nascido em Buenos Aires, Argentina, em 2 de maio de 1606, filho também do General Pedro Gutiérres, natural da vila de Poza de la Sol (Burgos).

De seu matrimônio com D. Ana de Paz Serrano de los Reyes, nasceram os seguintes filhos:

1 - Isidro Francisco Gutiérre de la Paz;

2 - Jerônima Gutiérrez de Paz, esposa de Maestre de Capo Juan de San Martin;

3 - Juana Gutiérrez de Paz casou-se com o governador Juan Antônio de Arregui. Ao enviuvar, fundou o Monastério de Santa Catalina de Buenos Aires, sendo a primeira diretora. Foram pais de:

i) Doutor Fray Gabriel de Arregui Gutiérrez de Paz, colegial do Convento de la Observancia del Cuzco no Peru, diretor da Ordem de São Francisco, qualificador do Santo Ofício, Comissário General das Sete Províncias de Buenos Aires e depois, em 1715, de Cuzco, onde fundou com seu patrimônio, em 1719, o Noviciado da Recolección y Dio;

ii) Frei Juan de Arregui Gutiérrez de Paz, da Ordem de São Francisco e bispo de Buenos Aires, em 1731, cidade em que fundou o Templo de São Francisco;

iii) José Arreguei Gutiérrez de Paz, Alferes Real de Buenos Aires por Sua Majestade;

iv) Juana Maria de Arreguei Gutiérrez de Paz, que contraiu matrimônio com o governador do Tucumán, Juan de Armaza, nascendo deste enlace:

a) O General Juan de Armaza Arreguei, Regedor do Cuzco, em 1718, e Governador de Tucumán, em 1727;

b) O Doutor Juan Fernando de Armaza Arreguei, provisor e Vigário Geral do Bispado do Cuzco, em 1710.

Digitalizada com CamScanner

Na Argentina

Ademais, dos Paz do Peru que residiram e empenharam importantes cargos em Buenos Aires, tudo indica que existem anteriores filiações na Argentina e outra família, com este sobrenome, da qual tratada anteriormente, originária da Galícia e que foi seu fundador.

I - Blas Paz, natural de Santa Cristina de Folgoso, paróquia do Assentamento de Sobrado, pertencente à Arzúa e província de La Coruña, que casou-se com D. Dominga Vasquez de Condecido, da mesma natureza, tendo como filhos:

II - Andrés Paz de Condecido, antepondo ao segundo sobrenome de sua mãe ao primeiro dela, segundo costume generalizado naqueles tempos. Nasceu na paróquia de Santa Cristina de Folgoso, em 1731, e mudando, posteriormente, para o Vice-Reinado do Reino de la Plata, casando-se na cidade de Buenos Aires, em 22 de maio de 1757, com D. Manuela Durán y Gonzales (filha de Claudo Durán e Manuela Durán y Gonzales). Anos mais tarde, Dom Andrés estabeleceu-se, com sua família, em Córdoba (Tucumán), por haver sido nomeado, em 16 de janeiro de 1773, primeiro administrador de Correios daquela cidade, cargo que desempenhou até 16 de novembro de 1789, ano em que faleceu. De seu matrimônio nasceram:

1 - José Paz y Durán;

2 - Manuel Mariano Paz y Durán, clérico, falecido em 1823. Teve a seu cargo uma capela fundada, em Buenos Aires, pela sua tia-avó, D. Isabel Gonzalves;

3 - Maria Inês Paz y Durán;

4 - Maria Josefa Paz y Durán;

5 - Andrés Paz y Durán que, em 9 de maio de 1828, casou-se com D. Isabel Gigena y Espinosa. Teve os seguintes filhos:

a) Juan Nepomuceno Paz y Gigena, casado em 1848 com D. Petronila Rodrigues Montenegro;

b) Pedro Paz y Gigena;

c) Juan Casimiro Paz y Gigena, que efetuou seu enlace, em 15 de março de 1810, com D. Rosália Boigorri y Puch. Com sucessão:

III - José Paz y Durán, natural de Buenos Aires, foi funcionário da administração dos Correios de Córdoba e seu administrador, ao falecer seu pai. Casou-se em Córdoba, em 1790, com D. Dibúrcia Haedo y Roldán, filha de Felipe Haedo y Arriá, natural de Zalla (Viscaya) e de D. Maria Mercedez Roldán y Allende; neta paterna de Haedo y Arriá e de D. Manuela de la Sota, naturais de Zalla, e neta materna do General Bernardo Rodán e D. Maria de Allende. Faleceu Dom José Paz, em 1825, e sua esposa, D. Tiburcia teve estes filhos:

1 - José Maria Paz y Haedo;

2 - Julián Paz y Haedo, que se distinguiu lutando durante a Guerra da Independência, Argentina. De sua união em matrimônio,

Digitalizada com CamScanner

em 8 de julho de 1825, com D. Josefa Ocampo e Gonzales (filha de Manuel Ocampo e de D. Úrsula Gonzalves), nasceram:

a) José Fidel Paz e Ocampo, marido de D. Trinidad Ballo e ambos os pais de José Fidel, Luiz, Carlos e Margarita Paz e Ballo, esta casada com Jaime Pavia, pais de: Margarita, Jaime, Maria Isabel, Alfredo e Amélia Pavia e Paz.

b) Modesta Paz y Ocampo;

c) Amélia Paz y Ocampo, casada com Samuel Ollport;

d) Julián Paz y Ocampo;

e) Félix Paz y Ocampo;

f) José ManuelPaz y Ocampo, que casou-se, em 1863, com D. Mercedez Julia Leasa, sendo pais de Manuel, marido de D. Máxima Garcia Gonzales Félix.

3 - Maria del Rosário Paz e Haedo, casada em primeira núpcia, em 1813, com o doutor Andrés Weild, natural de Escócia e, em segunda núpcia, em 1817, com o tenente-coronel de Granderos Juan José Elizalde, natural de Buenos Aires. Do primeiro matrimônio, nasceu Margarita Weild y Paz, esposa de seu tio carnal José Maria Paz y Haedo.

4- Felipe Paz y Haedo;

5- Pedro Nolasco Paz y Haedo

6- Catalina Paz y Haedo;

7- Vicena Paz y Haedo.

IV - José Maria Paz y Haedo nasceu em Córdoba, em 9 de setembro de 1791, e foi militante de grande valor e talento, consagrando-se como uma das mais destacadas glórias argentinas. Cursava o terceiro ano de Direito e se incorporou como defensor da causa de seu irmão, Julián. Tomou parte das principais batalhas da independência e da guerra contra o Império do Brasil. Em sua ação, em Ituzaingó, recebeu o compartimento, sendo ascendido a general. Mais tarde, empenhou-se contra os caudilhos do interior, dando novas provas de seu talento militar. Contraiu matrimônio com sua sobrinha carnal, D. Margarita Weild y Paz, citada antes, falecendo em 23 de outubro de 1854. Com sua esposa e sobrinha, teve estes filhos:

1 - José Maria Paz y Weild;

2 - Catalina Paz y Weild, falecida após cinco meses de vida;

3 - Margarita Paz y Weild, nascida em 24 de outubro de 1838 e casada com León Rebolledo Orma;

4 - Rosa Paz y Weild, que se casou com Irencio Rebolle do Orma, irmão do anterior;

5 - Rafael Paz y Weild, nascido em 5 de junho de 1848. Do parto, faleceu sua mãe.

V - José Maria Paz y Weild seguiu a carreira militar e casou-se em 1861, sendo Sargento Maior, com D. Idalencia Yanis y Paz (filha de Pascual Yanis e de D. Idalencia Paz, sendo neta materna de Juan Casimiro Paz y Gigena e D. Rosalia Baigori y Puch), sendo pais de:

Digitalizada com CamScanner

VI - José Maria Paz y Yanis, que se casou, em 1888, com D. Isabel Peres de Igarrazábal.

Venezuela

Da família Paz, de Canarias, sediados na Villa de Granodilla (Tenerife), como mencionado no início deste capítulo:

1 - Maria Josefa Paz del Castillo y Diaz Padrón, freira carmelita e poetisa;

2 - General de Divisão, Juan Paz del Castillo y Diaz Padrón, líder da Independência da América, tendo lutado com Bolívar e San Martin, sendo muito destacada a sua intervenção em vários episódios militares e políticos daquela fase. Envolvido depois nas lutas internas e políticas, foi assassinado em sua fazenda próxima a Guayaquil. Havia nascido em Caracas, em 19 de setembro de 1778, e casou-se em Guayaquil, em 1823, com D. Miraela Llona, da qual teve três filhos;

3 - O tenente-coronel Blas Paz del Castillo y Diaz Padrón, que atuou na "Revolução de 1810" com a graduação de Capitão que tinha na Colônia. Em 1812, fez com Miranda a campanha contra Monteverd e, em 1813, com Bolívar, foi comandante General de Villa de Cura. Em agosto de 1814, sofreu a derrota de Barcelona e, em dezembro do mesmo ano, as de Urica e Maturin. Refugiado pelas mortes de Tigre, foi preso e executado pelas tropas do Brigadeiro Morales. Esteve casado com D. Maria del Carmen Pereira, filha de Manuel Pereira e D. Concepción Monteiro Vecino de Villa de Cura.

4 - Rafael Paz del Castillo e Diaz Padron que, em 1804, provou sua fidalguia em Caracas. Consta em um expediente que obteve um diploma no Real Colégio daquela cidade e que se preparava para subir para a península para seguir carreira das armas. Foi alcaide de Santa Hermandad, em Caracas, com o Conde de Tovar. Abraçou a República juntamente com seus compatriotas. Tenente-coronel, servindo as ordens de Miranda e de Bolívar, morreu na Batalha de Paso, em San Marcos;

5 - O Licenciado Domingo Paz del Castillo y Diaz Padrón, advogado da Real Audiência de Caracas. Faleceu solteiro;

6 - Maria da Concepción del Castillo y Diaz Padrón. Mulher do Licenciado Rafael Gonzales, natural de Caracas e advogado da Real Audiência, ambos os pais de:

a) Ignácio Gonzales Paz del Castillo, morreu solteiro;

b) Isidora Gonzales Paz del Castillo, casada com Eugênio Mendoza Briceño, e

c) Carmen Gonzales Paz del Castillo, esposa do coronel Lopes Maria Buroz y Tovar, sem sucessão.

7 - Mercedez Paz del Castillo y Delgado Correa, mulher de seu primo Narcizo Izquierdo, ambos pais de:

a) Arturro Izquierdo y Paz del Castillo, marido de D. Dolores O'Prieu, que morreu em conseqüência de um triplo parto.

Digitalizada com CamScanner

8 - Ignácio Paz del Castillo y Delgado Correa, General Federal com seu irmão primogênito, casou-se com Sofia Luisa Aristeguieta Sucre, sendo mãe de:

a) José Ignácio Paz del Castillo y Aristeguieta. Solteiro;

b) Maria, Paz del Castillo y Aristeguieta. Solteira;

c) Mercedez Paz del Castillo y Aristeguieta. Solteira;

d) Luiza Paz del Castillo y Aristeguieta. Solteira;

e) Fernando Paz del Castillo y Aristeguieta Solteiro.

f) Maria Paz del Castillo y Aristeguieta, que casou-se com o doutor Salvador Lima, com sucessores.

III - O tenente-coronel Blas Paz del Castillo y Dina Padrón nasceu em Caracas, em 18 de novembro de 1870. Provou sua fidalguia naquela cidade, em 1780 e foi lá onde contraiu matrimônio com sua prima, D. Manuela Machado, em 3 de abril de 1809. Em 18 de abril de 1810, passou a servir a República como oficial, juntamente no Batalhão de Milícias del Blancos de Caracas, onde chegou a tenente-coronel, morrendo na Batalha de Urica, em 5 de dezembro de 1814. Teve com sua esposa os seguintes filhos:

1 - O general Ignácio Paz del Castillo y Machado;

2 - O também general Juan Neponuceno Paz del Castillo y Machado, marido de D. Izabel Machado. Sem filhos;

3 - Alejandro Paz del Castillo y Machado, que foi general como seus irmãos. Casou-se, em 25 de dezembro de 1833, com D. Maria del Carmem Lander, nascendo desta união:

a) Carmem Paz del Castillo Lander, que casou-se duas vezes. Da primeira, com seu primo Manuel Cerezo Machado, e da segunda, com o Dr. Manuel Maria Martinez, com sucessão de ambos os matrimônios;

b) Eugênia Paz del Castillo Lander, esposa de Carlos Villalobos, sem filhos; e Rafael Paz del Castillo Lander, casado com D. Dollores del Castillo e também sem filhos.

IV - O General Ignácio Paz del Castillo y Machado uniu-se em matrimônio, em 17 de agosto de 1834, com D. Mercedez Delgado Correa (filha do coronel José Maria Delgado Correa e de D. Rosália Rivero), nascendo deste matrimônio:

1 - O general Federal Blas del Castillo y Delgado Correa, que segue:

2 - Rosalia Paz del Castillo y Delgado Correa, que casou-se em 21 de janeiro de 1863 com o General Federal Regedor de B. Mejia, e foram pais de:

a) Rosalia Mejia y Paz del Castillo, solteira;

b) Andrés Mejia y Paz del Castillo, solteiro;

c) Mercedez Mejia y Paz del Castillo, solteira;

Digitalizada com CamScanner

d) Luisa Elceno Mejia y Paz del Castillo, casando-se, em 1898, com Dr. Francisco Cavallero, com sucessão;

e) Ignácio Mejia y Paz del Castillo, que efetuou seu enlace, em 29 de janeiro de 1913, com D. Eva Sanchez. Sem sucessão.

Mercedez Paz del Castillo y Delgado Correa, que contraiu matrimônio, em 22 de maio de 1864, com o Dr. Feliciano Azevedo, prefeito, engenheiro civil, governador, senador, ministro do Fomento e das Relações Exteriores, Presidente de Estado, encarregado da presidência da República da Venezuela. Foram pais de:

a) Dolores Azevedo y Paz del Castillo, casada com Carlos Pecamins Gonzales, com sucessão;

b) Mercedez Azevedo y Paz del Castillo, esposa de Dr. Francisco Monrique Pecamins, com sucessão;

c) Susana Azevedo y Paz del Castillo, morreu solteira;

d) Adela Azevedo y Paz del Castillo, mulher de Juan Pablo Burges Requera, com sucessão;

e) O Dr. Rafael Azevedo y Paz del Castillo, solteiro, padre Serafin da Congregação de São José de Torbes.

f) Carlos Azevedo y Paz del Castillo, casado em primeira núpcia com D. Mercedez Gallegos, e em segunda com sua cunhada Elcus, filha do general Manuel Modesto Gallegos e de D. Edurigis Esteves, com sucessão de ambos;

g) José Ignácio Azevedo y Paz del Castillo, que se casou com sua prima D. Ana Clotilde Ortega (filha do general Leopoldo Ortega e de D. Maria Lima Azevedo), com sucessão;

h) Belém Azevedo y Paz del Castillo, esposa de Luiz Ramirez, também com sucessão.

6 - Francisca Paz del Castillo Delgado Correa, que contraiu matrimônio com seu primo, o general Federal Carlos Requena Freyre, sem filhos;

7 - O general Federal Luiz Paz del Castillo y Delgado Correia, que casou-se com sua prima e sobrinha, D. Josefina Castillo Echezuria. Sem sucessão.

Tomás Paz del Castillo (filho segundo de Domingos Francisco de Paz e de D. Rosa Maria Gonzales del Castillo) nasceu na vila de Granadilhas (Canárias), e mudou-se para Caracas. Foi, como seu irmão, Síndico Procurador Geral daquela cidade e casou-se com D. Maria Antônia Diniz Padrón (irmã de sua cunhada, D. Juana Isabel). Nasceram desse enlace nasceu Juan Batista del Castillo y Diniz Padrón, que interveio no nascimento da República da Venezuela e morreu executado. Havia contraído matrimônio em Caracas, em 24 de fevereiro de 1800, com D. Josefa de Alcover Sandoval, em que procriaram:

1 - O General Federal Tomás Paz del Castillo Alcover;

2 - Juan Batista Paz del Castillo Alcover, marido de D. Angela Ramirez Losada, pais do Dr. Juan Antônio Paz del Castillo Ramirez, casado em 1872 com D. Mercedez Escalon Montiel;

Digitalizada com CamScanner

3 - Mercedez Paz del Castillo Alcover, esposa de Pedro Rodil, que foi mãe de: Josefa Rodil y Paz del Castillo;

4 - Belém Paz del Castillo Alcover, que contraiu matrimônio com seu primo Carlos Machado Hernandez, do qual teve estes filhos:

a) Carlos Machado y Paz del Castillo, marido de D. Concepción Romero de la Ruleta, com longa descendência;

b) Pedro Machado y Paz del Castillo, que se casou com D. Maria Zulunga Rouar;

c) Matilde Machado y Paz del Castillo, esposa do Dr. Antônio Carreño.

O Surgimento dos Paz no Brasil

Digitalizada com CamScanner

Sabe-se que um dos sobrenomes Paz veio da família real da Espanha, através de D. Alfonso X (O Sábio), rei de Castella e León, e de seu neto Sancho Paz. A outra linhagem veio de Mestre João da Paz (judeu), médico cirurgião de D. Manuel I, rei de Portugal.

Entendemos que a primeira linhagem a chegar ao Brasil foi de Mestre João, através de seu filho Diogo Fernandes, fixando-se, primeiramente, no Nordeste do País, no Estado de Pernambuco, por volta de 1540.

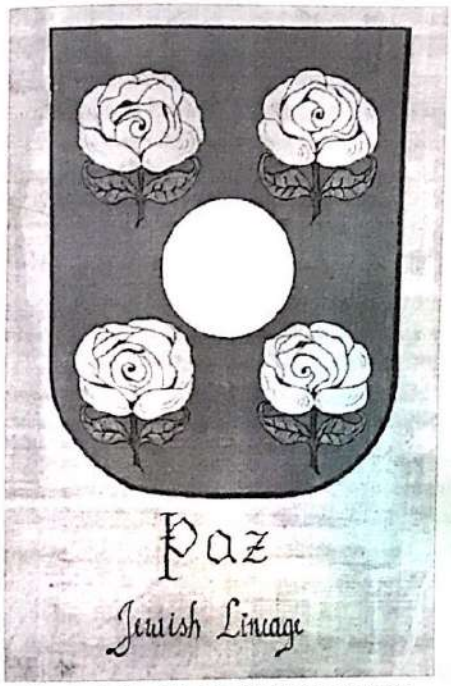
A princípio, os descendentes de Sancho Paz emigraram para diferentes países da América do Sul, tais como: Peru, Chile, Argentina, Uruguai e outros, como vimos nas páginas anteriores. Em seguida, estabeleceram-se no Sul do Brasil. Presume-se que levou um bom período para que estes Paz, descendentes da família Real, passassem para o Sul do Brasil e, dificilmente, os descendentes de Paz argentinos ou uruguaios, que imigraram para o Rio Grande do Sul, tenham se misturado com os Paz do Nordeste. Também se diz que eles só entraram pelo Sul no período após o Brasil pós-colonial. Contudo, é difícil acreditar que tenha acontecido uma mesclagem dos Paz do Sul com os do Nordeste, pelo fato de que, imigrantes dos séculos passados, onde quer que desembarcassem, normalmente fixavam suas residências nas proximidades das fronteiras. Assim, dificultava a migração para outras capitanias, pois o único meio de transporte eram os cavalos e os navios para as viagens de longa distância.

Digitalizada com CamScanner

É evidente que a união dos Paz com os Bezerra não poderia excluir os Paz do Nordeste, pelo fato de essas duas famílias terem tido destinos paralelos, espalhando-se em estados vizinhos. Até onde eu tive a oportunidade de pesquisar, tal união se dera, posteriormente, no século XX, nos primeiros anos da década de 20. Meus avós, Manuel Ferreira Paz e minha avó, Maria Bezerra de Menezes, ambos naturais do Ceará, representam uma das emissões entre os Paz e os Bezerra, ficando, assim, a mistura de uma linhagem judaica com a descendência da linhagem galega espanhola ou o antigo cristão velho.

No Caminho dos Paz

Digitalizada com CamScanner



Brasão da Família Paz Linhagem Judaica

Pintura feita em papiro pelo autor a partir do original do Nobiliário de Famílias de Portugal.

Originado em Portugal, região do Minho, o Brasão da família Paz, de linhagem judaica, outorgado pelo rei D. Manuel I, é representado por um escudo em cor azul escuro, com quatro rosas na tonalidade rosada, aos quatro cantos e um basante ao centro de cor prata.

Digitalizada com CamScanner

No museu da Diáspora Judaica, em Telaviv, encontram-se, em seu Banco Genealógico, as traduções com variantes do sobrenome Paz, como também as de algumas descendentes que estavam retornando para a terra prometida dos seus antepassados, Israel, vindo das mais diferentes partes do mundo, tais como Espanha, Holanda, Rússia (Lituânia), Brasil, e tantos outros.

Na época da Inquisição, nos séculos XIV e XV, muitos dos judeus que viviam na Espanha e Portugal mudavam seus nomes e sobrenomes por causa da perseguição religiosa. Paz viria a ser uma tradução do vocabulário "Shalon". Há diversas variantes da mesma palavra, como por exemplo: em espanhol, Paz da Paz; em italiano, Debasch, Debash e Debbasch. José Caldas, em sua obra *Fogo Morto*, nos relata "os hebreus, tanto os propriamente de Aragão, como os de Valência e Ampúrias, foram obrigados a expatriar-se em razão da perseguição religiosa naquela parte da Espanha. Estes tornaram à ventura por diversos rumos. Como em Portugal, a princípio, a Inquisição constituía-se apenas numa ridicularia fradesca, sem valor nem importância, só veio a ser estabelecida em Portugal no século XV, de forma mais violenta. Os foragidos, cedo, encontraram na tranqüilidade de uma existência anônima, exilada, os remédios salutares que lhes curassem das travas da expatriação".

Ao que se depreende dos fracos subsídios que nos ficaram dessa idade, eram esses hebreus gente de certos meios, vivendo alguns na abastança e na comodidade. Ricos, bem trajados e com fama de poderosos, logo, contra eles, levantou-se o brado daqueles que a fome ia cingindo nas suas roscas de ferro.

Por volta de 1430, nas proximidades de Aragão, na Espanha, vivia um grande grupo de Judeus Sefardins. Dentre eles, o casal Sr. e Sra. Paz, onde nasceu João da Paz. Em 1456, a família Paz imigrou da Espanha para o Norte de Portugal (região do Minho). João, desde sua adolescência, foi voltado a estudar Ciências, inclinando-se à área de saúde, vindo mais tarde a formar-se em Medicina. Em 1459, Mestre João pegou sua carta de exame para exercer Medicina, onde fora examinado e apto a exercer sua profissão de médico.

Dom Alfonso V, ao receber a carta de João da Paz, morador em Viana (Portugal), fez com que, através de sua justiça, fosse-lhe garantida a posse das propriedades que possuía em Portazelo, por compra que delas fizera a Álvaro Estevens e a mulher de Ponte Lima, carta datada aos 22 de abril de 1459.

Em Viana de Caminha, João da Paz recebeu a documentação datada de 30 de setembro de 1459, onde lhe concedia a inserção de cargos e servidões e contribuições do conselho da coroa de Portugal, vindo a ser o médico pessoal do rei D. Manuel I (rei de Portugal), ficando também conhecido como "Mestre João da Paz".

Em 1492, os Reis Católicos de Espanha, Ferdinam V e Isabela I, vieram a expulsar os Judeus Safardins de seu território, onde parte deles transferiu-se para o Norte de Portugal, dando início à perseguição.

No dia 24 de janeiro de 1496, o Mestre João da Paz foi levado ao batismo por D. João II, que foi padrinho e a quem D. Manuel I (rei de Portugal) deu Carta de Brasão e Armas Novas.

Digitalizada com CamScanner

A paz entre os Judeus, novos moradores da região do Minho (Portugal), não teve um período muito duradouro, pois em 1497, D. Manuel, rei de Portugal, como já havia feito anteriormente com Mestre João da Paz, obrigou também o batismo cristão a todos os Judeus, criando assim a nova forma de cristãos. Do contrário, aos que não aderissem a nova religião católica romana, seriam eventualmente expulsos do Reino de Portugal.

Este antepassado do meu pai Josafá da Paz, provavelmente, nasceu por volta de 1480, e veio de alguma cidade já mencionada por José Caldas (Aragão, Valência ou Ampúrias), da Espanha, para a região do Minho, em Viana, Portugal, em 1439 ou 1459.

É bem provável que a chegada do Mestre João a Portugal tenha se passado por volta de 1459, devido à idade do rei D. Afonso V ao receber a carta de João da Paz, morador em Viana, recrutando a esse monarca para que refizesse justiça quanto a garantia da posse pacífica das propriedades que possuía em Portuzelo, outrora cumprida por compra que do casal Álvaro Estevens e a mulher de Ponte Lima. Se a carta fora datada de 22 de abril de 1439, D. Afonso teria somente seis anos de idade, pois nasceu em 1432, e seria praticamente impossível o mesmo tomar decisões de tal relevância jurídica.

Também no Arquivo do Minho, encontramos que João da Paz possuía licença para exercer a Medicina. Explica o documento que um judeu chamado João da Paz, chegado recentemente a Portugal, em 1459, fora examinado e apto a exercer a profissão de médico.

Braancamp Freire, no seu volume *Crítica e História*, relata-nos sobre dois filhos de João da Paz, Diogo e Duarte, "... o célebre Duarte da Paz, Cavaleiro de Cristo, delegado a Roma dos judeus portugueses para entravarem o estabelecimento da Inquisição em Portugal, missão que, segundo palavras de Camilo, com perverissima sagacidade, durante dez anos esteve em Roma, zombando dos cardeais, dos papas, de D. João VIII e dos seus constituintes".[3]

Segundo Evaldo Cabral de Mello, em sua obra *O Nome e o Sangue* o segundo filho do Mestre João, Diogo Fernandes da Paz, nasceu entre 1476 e 1480. Ele conheceu Branca Dias[4], judia convertida, sendo ela natural de Viana (Minho). Ali, pelos derradeiros anos da década de 1520, contraíram matrimônio. Além de pertencer a Cavalaria, Diogo também era comerciante atacadista de tecidos. Por volta de 1540, Diogo mudou-se para o Brasil, tendo se estabelecido sozinho em Pernambuco, talvez fugindo de algum problema com a recém-criada Inquisição.

Em 1542, obtém de Duarte Coelho, dono da Capitania de Pernambuco, uma parte de terra em Camaragibe, a fim de erguer um engenho de açúcar. Branca Dias, que ficara em Portugal cuidando dos filhos, vê-se, no ano seguinte, denunciada como

[3] Braancamp Freire, na obra "*Crítica e História*", extraiu referências de 69 documentos, desde 1455 até 1521, ou seja, num período de 88 anos. Esses papéis referem-se a "mestre Joães". É evidente que muitos desses documentos referem-se a uma mesma pessoa. E lá, encontramos referido "mestre João, morador em Viana de Caminha", a quem, por carta de 30 de setembro de 1459, foi concebida isenção de cargos, servidões e contribuições do conselho". (Arquivo do Alto Minho, 7º volume, p. 66.)

[4] "Quem era Branca Dias? Na realidade, há duas, ou mesmo três, Brancas Dias: a da história e a da lenda, que se bifurcaram geograficamente e que não se compaginam, como seria de prever. Rodolfo Garcia procurou, há muitos anos, refazer o trajeto da Branca Dias lendária. Quanto a histórica Branca Dias, que é a que nos interessa aqui, esta ficou por conta de J. A. Gonsalves de Mello, que, há pouco, reconstituiu, cuidadosa e exaustivamente, sua história e a de seu marido, Diogo Fernandes. (MELLO, 1989, p. 93.)

Digitalizada com CamScanner

judaizante pela própria mãe e por uma irmã, ambas já às voltas com o Santo Ofício. Presa, terminou por confessar que seguiu fiel às práticas judaicas, mas, tendo abjurado em 1544, foi solta em 1545, sob a condição de não sair do Reino. Entretanto, ela não cumpriu a ordem e fugiu com os filhos para Pernambuco, Brasil, ao encontro do marido. Uma outra versão conta que ela foi degredada, porém não há prova documental.

Após a chegada de Branca Dias, Diogo, já estabelecido no Brasil Colonial, era um proprietário rural quando um levante de índios veio destruir-lhe o engenho estabelecido em Olinda, na Rua dos Palhais, por trás da Matriz do Salvador.

Branca Dias abriu uma escola de corte e costura e um pensionato destinado às filhas dos colonos. Várias de suas alunas, já adultas e de família, iriam denunciar ao Inquisidor Heitor Furtado de Mendonça os ritos judaicos que tinham visto Branca Dias praticar, trinta anos atrás, em Portugal. Depois do falecimento do marido (Diogo), aos 90 anos, Branca Dias, já com seus 65 anos, associara-se a seu primo, um cristão-novo, Bento Dias Santiago, para reconstruir o engenho. Branca Dias passou a administrar os partidos de cana que Diogo fundara. Branca Dias faleceu por volta de 1588-89. Em 1593, o inquisidor Heitor Furtado chegava a Pernambuco e, à vista das denúncias recebidas contra a família, ordenou a prisão de uma das filhas de Branca Dias, Beatriz Fernandes, e de algumas de suas netas. Deportaram-nas para Lisboa, onde teriam sido enviados os ossos de Branca Dias, mais tarde, com o fim de serem devidamente queimados pelas autoridades civis.

Segundo J. A. Gonsalves de Mello, Diogo Fernandes e Branca Dias tiveram três filhos: Baltazar, Manoel Afonso e Jorge, e oito filhas: Beatriz, Inês, Violante, Guiomar, Ana, Andresa, Isabel, Felipa. Dos rapazes, Jorge Dias da Paz tornou-se comerciante na Paraíba e casou-se com uma cristã-velha. Dentre os filhos, Baltazar fez carreira militar a serviço da Espanha em Flandre. Manuel Afonso era aleijado de nascença. No entanto, fora notado pela proeza de conseguir escrever com o pé semelhante ao personagem de Daniel Day Lewis, no filme *Meu pé esquerdo*. Diogo tinha, ademais, uma filha natural. Das oito moças, todas se casaram, exceto a mais velha, Beatriz, ou Brites Fernandes, que ficou relegada numa terra de branca escassa, por ser tida em Olinda, na conta de débil mental, além de sofrer do defeito físico, de que lhe veio o apelido de Alcorcovada. Das outras sete filhas, casaram-se nove; desses nove matrimônios, cinco foram com cristãos-velhos e dois com cristão-novos, e dois com indivíduos cidadãos, cuja crença religiosa se desconhece.

A respeito de suas convicções judaicas, Branca consorciara cinco de suas filhas com cristãos-velhos e que não eram, nenhum, pobretões, pois, como realçou uma das testemunhas no processo contra Beatriz, suas irmãs haviam se casado muito bem e, quase todas, com homens do governo da terra e cristãos-velhos: Inês, com Baltazar Leitão Cabral; Guiomar, com Francisco Frazão; Isabel, com Sebastião Coelho; Violante, com João Pereira e, depois, com Antônio Barbalho; Felipa da Paz, com Cristóvão Sarrados e, depois, com Pero da Costa; Ana, com Diogo Fernandes; Beatriz, com o cristão-velho Antônio Gonçalves Pinto, que ascendeu de carpinteiro de engenho a senhor do

Digitalizada com CamScanner

engenho Sucupeno, assim como todos que também eram senhores de engenho e lavradores de cana. A filha bastarda de Diogo Fernandes com a sua criada, Madalena Gonçalves, de nome Briolanja, provavelmente nasceu antes que sua esposa chegasse ao Brasil. Com a chegada de Branca Dias, Diogo criou Briolanja junto aos filhos de seu casamento.

De acordo com Evaldo Cabral de Mello, Branca Dias veio de Portugal para o Brasil em 1545-1546, com todos os filhos, inclusive Jorge Dias da Paz, que nascera na região do Minho. O período que levou do casamento de seus pais até a chegada de sua mãe ao Brasil, calcula-se aproximadamente 25 anos, o que se presume que tanto Jorge como seus irmãos eram adultos, sendo que os mais novos, dos onze filhos, estavam ainda em sua adolescência, entre seus 14 para 16 anos. Manuel Afonso teve problemas com sua deficiência; Baltazar regressou à Europa, restando Jorge, praticamente o único que poderia dar continuidade desse sobrenome Paz no Nordeste do Brasil. Já mencionado anteriormente, sabe-se que o dito Jorge era comerciante e que se mudou de Pernambuco para a Paraíba. Lá se casou com uma cristã-velha, cujo nome é Maria de Góis. Os descendentes de Jorge Dias da Paz, provavelmente, não tiveram muita paz para fazer justiça ao sobrenome, pois o inquisidor Heitor Furtado chegara em 1593 e as acusações e perseguições aos cristãos-novos e descendentes proliferavam especialmente em Pernambuco, Sergipe, Bahia, Maranhão e Paraíba.

A inquisição no Brasil teve um período duradouro, atravessando de 1600 para 1700, fazendo com que os descendentes da família Paz fugissem para o interior do Estado e,

até mesmo para um lugarejo pequeno, onde a população contava com algumas dúzias de habitantes no Estado vizinho (Ceará). No vilarejo Russas, por volta de 1700 a 1800, surgem os descendentes com este sobrenome. Eles se juntam aos Ferreira, tais como João Ferreira Paz, conhecido como João Paz, casado com Maria Magdalena de Jesus.

Para entendermos essa migração nordestina dos Paz, é interessante que entendamos melhor os fatos históricos, focalizando especialmente os que formaram esta freguesia (Russas). Sobre isto, encontramos seus primórdios na preciosa obra *Os Holandeses no Rio Grande*, como também no primeiro livro *Tombo da Paróquia de Russas: Capital e Santuário*, que datam a criação da pequena freguesia, em 17 de novembro de 1735.

Os primeiros colonizadores desta freguesia chegaram pelo Baixo-Jaguaribe, acossados pela violência de uma guerra que já havia finalizado pela derrota dos holandeses, em 26 de janeiro de 1654. Todavia, persistiam focos de conflitos nos sertões contra os índios tapuias. Seus aliados, ainda inconformados com a derrota e furiosos contra os portugueses que, através do governo da capitania, ordenavam ao Mestre-de-Campo Mathias Cardoso e seus comandados incorporarem-se ao regimento do Capitão-Mor João Amaro Maciel Parente a marcharem para o Rio Jaguaribe, em 1689, para derrotarem os índios Janduís e demais tribos aliadas dos Batavos.

Para entendermos o deslocamento dessas populações, que percorriam os sertões do Ceará à procura de um novo habitat, temos que nos situar à época da invasão e ocupação de

Digitalizada com CamScanner

Pernambuco, nas últimas décadas de 1600, pelos holandeses e, mais especialmente, à invasão do Rio Grande do Norte.

É importante ressaltar o comentário do Padre Paulo Herôncio, que assim se expressa: "Uma atmosfera de desolação pesava sobre a Capitania. O tufão da desgraça passara célebre sobre ela, deixando após si, um sinal de maldição. Por toda parte, havia vestígios de sangue derramado das vítimas indefesas. Casas abandonadas, campos incendiados, rebanho dizimado, bando de salteadores a se espalhar pelo interior, de parceria com ferozes tapuias... Como viver no Rio Grande do Norte? Até quando duraria aquele estado de coisas no novo distrito dos domínios holandeses? Que anos aqueles que pareciam não mais findar"! (Os holandeses no Rio Grande, Padre Herôncio).

Toda essa gente era levada a roldão pela fúria das dominações holandesas que perseguiam dois objetivos fundamentais: o primeiro, de ordem comercial e política; e o segundo, de ordem religiosa, ou seja, o domínio protestante nas colônias. Para isso, o governo holandês protestante organizou-se, à custa da pirataria, uma poderosa Companhia das Índias Ocidentais, isto é, verdadeira força armada de galeras, chalupas, brigues, caravelas, além de copioso material bélico e humano necessário. A figura proeminente dessa empresa era o famoso ricaço, de origem teuto-nerlandesa, o Conde João Maurício de Nassau.

A vítima era o Brasil indefeso e, mais particularmente, uma província nordestina desprotegida, Pernambuco, que via seus filhos embrenhar-se sertão adentro, para escapar da sanha do invasor holandês. Paraíba e Rio Grande do Norte também

participaram da grande odisséia que imortalizou os heróis da pátria: Matias de Albuquerque, André Jodal de Negreiros, Fernandes Vieira, Antônio Felipe Camarão, Henrique Dias, Antônio Cavalcanti, Antônio Dias Cardoso, Matias Moreira, Estevão Machado de Miranda, Manuel Rodrigues Moura, Antônio Vilela Júnior, etc.

Como foi, então, que os holandeses conseguiram aliciar os indígenas para colaborarem com eles na guerra iniciada em Pernambuco e que deveria se estender ao Norte, através da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão etc. e, em direção ao Sul, atingindo a Bahia em diante?

Assim, esclarece o Padre Paulo Herôncio: "A morte de Jacob Rabbi causou aos holandeses um prejuízo incalculável, não somente porque perdiam um ótimo elemento do prestígio para os selvagens, como também porque os índios estavam revoltados contra o assassínio de seus amigos e pediam a punição dos culpados que provocaram tanta celeuma entre os bugres. Havia anos que Jacob Rabbi aportava ao Brasil".

Continua o Padre Paulo Herôncio: "Espírito aventureiro, (Jacob Rabbi) soubera conquistar amizade dos naturais, metendo-se com eles nas tabas, vivendo a mesma vida selvagem que eles levavam, desposando uma índia, tomando-se de instintos tão ferozes quanto os bárbaros".

Houve quem acreditasse ser o flamengo Gracisman, um dos chefes militares da ocupação holandesa. O mesmo Gracisman que, como outros tantos colonos vindo para o Ceará à procura de refúgio, situaram-se no Baixo Jaguaribe.

Digitalizada com CamScanner

Os holandeses e sua poderosa Companhia, derrotados, em 26 de janeiro de 1654, deixaram os seus aliados indígenas, amargurados, procurando desforra, por onde encontrassem colonos descendentes de portugueses. Consta do livro citado: "Para os bandos do sertão, até às margens do rio Assu, estendiam-se os domínios dos Jandus".

Essas obras supracitadas são de grande valia para obtermos os ricos detalhes concernentes a esta migração que começou em Pernambuco, passando pela Paraíba, até chegar ao interior do Ceará, na freguesia de Russas. Isto explica um dos segmentos da minha árvore genealógica concernente aos Paz e faz uma ligação mais precisa de Jorge Dias da Paz, o "Patriarca dos Paz" no Nordeste, com João Ferreira Paz e Maria Magdalena de Jesus, e seus filhos:

F.n.1 - Maria de Jesus, nascida em 1881, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em março de 1954. Casou-se com João Marciel.

F.n.2 - Raimunda Paz, nascida em 1883, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em setembro de 1958. Casou-se com Candido Coelho.

F.n.3 - Alcina Perpetua Paz, nascida em 1884, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em 12 de novembro de 1964. Casou-se com João Ferreira Paz.

F.n.4 - João Paz, nascido em 1885, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em junho de 1947.

F.n.5 - Josefa Agueda de Jesus, nascida em 1886, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em setembro de 1952.

F.n.6 - Isabel Paz, nascida em 1887, no distrito de Boa Vista -Russas-CE. Faleceu em junho de 1947.

F.n.7 - Francisco Paz, nascido em 1888, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em 1900.

F.n.8 - Manoel Ferreira Paz (meu avô), nascido em 1890, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em 20 de dezembro de 1942. Casou-se com Maria Bezerra de Menezes.

F.n.9 - Rosa Paz, nascida em 1891, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em janeiro de 1968.

F.n.10 - Antônio Paz, nascido em 1892, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em 1919. Casou-se com Joaquina Ferreira Paz.

F.n.11 - Joaquim Paz, nascido em 1895, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em março de 1979. Casou-se com Joana Bento.

F.n.12 - Raimundo Paz, nascido em 6 de janeiro de 1897, no distrito de Boa Vista - Russas-CE. Faleceu em 19 de janeiro de 1970. Casou-se com Francisca Rosa Paz.

F.n.13 - Francisco de Oliveira Paz (Paz de Oliveira), nascido em 20 de maio de 1902. Faleceu em 6 de junho de 1987.

Digitalizada com CamScanner

Meus tios avós paternos:
Francisco de Oliveira Paz (Fn.13) e Alcina Perpetua Paz (Fn.3).

A influência judaica no Nordeste do Brasil foi algo muito forte, e até hoje reflete no dia-a-dia dos nordestinos. O mais interessante é que o próprio nordestino não se dá conta da herança de certos costumes judaicos que não conhecem, mas que perduram em suas culturas. Por vezes, tais costumes estão mesclados com as tradições católicas. Um exemplo comum, ainda hoje praticado, é o acender de velas ao entardecer das sextas-feiras. Os judeus também o fazem, acendem, na minora (sete velas interligadas usadas para os ritos judaicos), dando início ao Shabat, no pôr-do-sol da sexta-feira.

É bem popular o comentário de pessoas do Sudeste do Brasil de que "o cearense é o judeu brasileiro", devido a sua capacidade de resistir a muitas tribulações em seu Estado, são geralmente dados ao comércio e ao trabalho exaustivo.

Os Estados mais comuns de sua migração são Rio de Janeiro e São Paulo, assim como, recentemente, em uma pesquisa, verificou-se que os cearenses se encontram em quase todas as metrópoles do mundo e fica o "dito": "Não se preocupe, porque aonde você for, em qualquer parte do mundo, ali estará um cearense". Da mesma forma, os judeus de hoje, localizados em diferentes países, passaram por grandes tribulações, mas prosperaram e vivem, economicamente, bem estabelecidos.

Um outro costume, conhecido como "garrafada", é sempre acompanhado de uma limpeza rigorosa na casa da pessoa interessada. Ela é preparada com ervas e enterrada em um fundo de quintal durante dias, a fim de obter a fermentação. A limpeza é feita de uma forma muito rígida. A casa deve ser completamente lavada, assim como todas as roupas e panelas das pessoas que ali residirem. Os móveis devem ser removidos e tudo isso é realizado em uma sexta-feira e repetido durante sete sextas-feiras. Durante esse período, o líquido da "garrafada" deverá ser consumido pelo indivíduo para quem foi feito. Este é um costume bem antigo, proveniente dos sertões do Ceará.

Essa limpeza é também realizada com muito rigor entre os judeus, representando quando ainda no êxodo do Egito para Jerusalém, tiveram que limpar e lavar todos os seus pertences em preparação à comunicação de Deus para com eles. Hoje, relembrando a preparação para o "Passover" ou Páscoa.

Digitalizada com CamScanner

Sendo o Brasil um País tradicionalmente católico, encontramos alguns rituais e religiosos identificados com o judaísmo. Em uma festividade religiosa, onde um grupo de pessoas se reúne com cânticos e rituais que ali são realizados, qualquer um que deseje retirar-se do salão, nunca deverá fazê-lo de costas para o altar. Em Jerusalém, os judeus, após seus lamentos e rituais realizados no "Muro das Lamentações", ao retirarem-se caminham de costas e o rosto de frente para o muro. Tal costume significa respeito ao local onde está presente o Espírito de Deus.

Origem dos Lima

Digitalizada com CamScanner

Brasão da Família Lima

Pintura feita em papiro pelo autor a partir do original do Nobiliário de Famílias de Portugal

Originado em Portugal, procedente do rio Limia, o Brasão da família Lima é representado por um escudo dividido ao meio, tendo em uma de suas metades, três faixas de cor vermelha, em campo dourado e na outra metade, quartelada. O primeiro quarto é de cor prata, com um leão em pé. Os outros três quartos são de prata, com xadrezes vermelhos e dourados ao meio.

Digitalizada com CamScanner

A família Lima procede de Portugal e teve seu primeiro solar junto ao rio Limia.

A origem deste sobrenome é a seguinte: Fernán Dária Batiola casou-se com D. Tereza Bernuir (que era filha de Bernuir Perez de Trava e da rainha D. Tereza, filha do rei Dom Alonso VI de León). Tiveram um filho chamado Juan Fernandez de Limia, que inicia a família Lima.

Os Lima de Portugal juntam-se a famílias Espanholas com descendentes em Cuba:

I - Antônio de Lima, natural de Portugal, que contraiu matrimônio com D. Juana Norato, natural de Habana. Tiveram como filhos:

II - José Lima e Norato, natural de Havana, que teve por esposa D. Paula Blanco, de igual natureza (filha de Domingo Blanco e D. Josefa Rodrigues, ambos de Havana), sendo pais de:

III - Andrés de Lima e Blanco, natural de Santiago de Las Vegas (cuba) que casou com D. Maria Muños Hernandez, naturais de Havana (filha de Domingo Muñoz e de D. Francisca Hernandez, ambos de Havana). Desta união, nasceram:

IV - Francisco de Borja de Lima e Muñoz, natural de Cano (Cuba) e vizinho de Havana que, em 29 de fevereiro de 1832, ingressou na Ordem de Carlos III, casou-se com D. Tomaza Domingues y Soza, natural de San Miguel de Badrón, Coruã (filha de Diego Domingues e D. Maria de Soza, ambos de San Minguel de Pedrón). Desse enlace, nasceram os seguintes filhos:

V - Rafael de Lima y Dominguez, natural de Havana e da mesma Ordem de Carlos III, a qual ingressou em 29 de fevereiro de 1832.

Outro ramo dos Lima foi através de D. Maria Caldas, que se casou com um dos mesmos, de primeiro nome desconhecido, ambos naturais de Ponte de Lima, e pais de:

II - Francisco de Lima y Caldas, natural de Ponte Lima, que se casou com D. Maria Martinez de Arazena, natural de Cadiz, (filha de Nicola Martinez de Arazena, natural de Antoãna, em Alova e de D. Francisca de Orelhana, natural de Cadiz). Foram pais de:

III - Miguel José de Lima e Martinez de Arazena, natural de Sevilha, Espanha, e cavaleiro da Ordem de Santiago, em 3 de julho de 1717.

Em diversos países da América do Sul, também se encontram representantes deste sobrenome.

Os Rocha e os Lima no Brasil
Pacatuba-Ceará

Entre os anos de 1900 a 1905, as famílias Rocha e Lima, do vilarejo de Giqui, município de Pacatuba, no Sul do Ceará, uniram-se em matrimônio.

Os viúvos Francisco Ribeiro Lima, também conhecido como Francisco Ribeiro Camarão, pai de Luis Ribeiro Lima, também conhecido como Luis Ribeiro Camarão, e a senhora Josefina Maria de Jesus (viúva) tinha uma filha de nome Maria

Digitalizada com CamScanner

Isabel Rocha Maravilha. Luis e Isabel se casaram. Depois da união de seus filhos, os viúvos também contraíram matrimônio.[9]

Surgiram do casal Luis e Isabel a seguinte prole: Maria, Raimundo, Laura, Francisca, Raimunda, Joana, Terezinha e Margarida. Com a exceção de Maria e Raimundo, os mais velhos, todos os demais filhos nasceram no vilarejo de Giqui.

Maria e Raimundo nasceram em Manaus, Amazonas, onde se encontravam seus pais a trabalho. Como era de costume, alguns habitantes desse vilarejo de Pacatuba migravam para o Amazonas em busca de trabalho nos seringais e, logo depois de uma temporada, retornavam ao Ceará para o antigo vilarejo, conhecido como Pacatuba.

Sobre os ascendentes do casal Francisco e Josefina não foi possível encontrar dados, porém sabe-se que viveram até o último dia de suas vidas, no ano de 1931, nesse pequeno vilarejo de Pacatuba. Nessa época, os dois já se encontravam em idade tão avançada que nem desfrutavam mais de dentição natural. Isso os obrigava a alimentarem-se à base de mingau, angu e, algumas vezes, assavam o milho verde no fogão à lenha. Esses são os meus trisavôs maternos, protagonistas de uma tragédia.

Ao cair da tarde, do dia 16 de abril de 1931, Josefina triturava com uma faca um milho assado para Francisco, como ela fazia costumeiramente. Uma das netas do casal, a caminho da casa dos avós, ao fazer sua habitual visita de cortesia aos velhos, notou que um homem caminhava em direção à casa dos avós. Ele

[9] Alguns relatam que adotaram o apelido Camarão devido serem de cor branca, no torrente sol do árido estado do Ceará, quando expostos ao sol, adquiriam-se uma pigmentação avermelhada. Com isso, chegavam até mesmo a registrarem-se com o solarenome Camarão.

surgiu de um capinzal com um facão à mão, abrindo o caminho que desejava atingir, ao mesmo tempo falando em voz alta que iria matar alguém. O homem estava visivelmente embriagado.

Francisca, mais que de repente, entrou na casa de seus avós, tentando fechar as portas. Naquele tempo, as casas continham um número maior de portas, assim como janelas. Isso dificultou Francisca em fechá-las em tempo hábil. O indivíduo acabou por entrar em uma outra. Os velhinhos encontravam-se na cozinha, quando o tal homem encontrou finalmente suas vítimas.

Francisca, minha avó, ao sentir as más intenções do indivíduo, suplicara em voz alta para que nada de mal fizesse a seus avós, ao que o homem parecia estar totalmente enfurecido e, assim, descarregou toda sua fúria nos anciãos. Primeiramente, o velhinho foi pego pelo dito homem. Josefina suplicou pela vida do marido. O criminoso arrastou o velho Francisco até o meio da cozinha, o largou ainda intacto e então golpeou Josefina com brutais facadas, a ponto de cortar parte do seu crânio. Depois de Josefina morta, ele passou a golpear o Sr. Francisco. Neste espaço de tempo, Francisca correu para buscar ajuda. Gritava desesperadamente, para que socorressem seus avós, e acabou por entrar na casa de um senhor de nome Cosme Mariano.

Cosme Mariano e seu filho Vidal, ao sair em auxílio às vítimas, foram impedidos por Francisca, esposa de Cosme Mariano. Por sua vez, Laura, outra neta de Josefina e Francisco, conseguira comunicar-se com Antônio Dalta, um dos moradores da redondeza, que se dirigiu, imediatamente, ao local do crime.

Logo ao chegar, Antônio Dalta ainda flagrou Francisco sendo assassinado. E sua ação imediata foi apoderar-se de um pau, espancando, de uma vez, as costas do assassino, derrubando-o em

Digitalizada com CamScanner

um golpe. Enquanto isso, o outro filho de Francisco, Luis Ribeiro Lima (ou Camarão), enfurecido pelo ocorrido, alcançou a mão do assassino, imobilizando-o e, em seguida, pediu ajuda aos vizinhos mais próximos. Eles amarraram o assassino num tronco de uma árvore, onde o deixaram durante toda a noite.

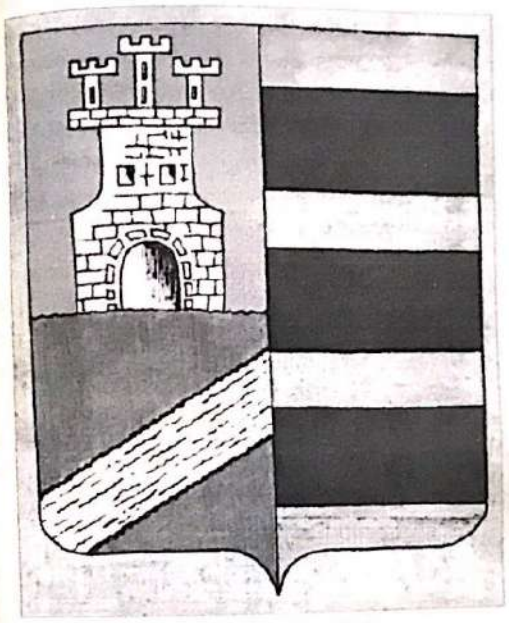
Francisco, entretanto, não morrera de imediato, mas veio a falecer poucas horas mais tarde. Houve uma tempestade naquela noite. Comentários davam conta de que o corpo do assassino, mesmo vivo, mudou de cor e inchou. Ao amanhecer, chegaram os policiais para levá-lo ao cárcere e, ao mesmo tempo, conduziam os corpos do casal para o cemitério.

Segundo os costumes da época, os mortos eram levados deitados em uma rede mortuária. Uma longa vara na horizontal era segurada em seus extremos por pessoas que os carregavam. Assim, Francisco foi levado ao cemitério de Pacatuba. No trajeto, enquanto amigos de Francisco o levavam ao cemitério, o assassino era também transportado para uma delegacia local, próxima ao cemitério. João de Tal era o nome do assassino, transportado por um animal, solicitava por água e comida, sendo negado pela população, porém sendo atendido pelos policiais. Antes de chegarem à cadeia, João falecera devido a surra de pauladas que levara na noite anterior de populares que estavam na ocasião dos fatos. Ironicamente, o casal foi sepultado no mesmo cemitério que o assassino, mas em covas paralelas.

Do casal Luis Ribeiro Lima e Isabel Rocha, a quarta filha, Francisca Ferreira de Lima, contraiu matrimônio com Frutuoso Angelo Silva (Ribeiro). Desse casal foi que nasceu Maria Ferreira da Silva, que veio a unir-se em casamento com Josafá Paz Bezerra, que mais tarde suprimiu o nome Bezerra.

Origem dos Ribeiro

Digitalizada com CamScanner



Brasão da Família Ribeiro

Pintura feita em papiro pelo autor a partir do original do Dicionário Heráudico y genealógico de apelidos españoles y americanos.

Originado de Ribeira, Galícia-Espanha, o Brasão da família Ribeiro é representado por um escudo, dividido ao meio, tendo em uma de suas extremidades um castelo de pedra, posto em uma pradeira, atravessado por um rio de cor prata e a outra metade com faixas nas cores dourada e vermelha.

Digitalizada com CamScanner

Opinam alguns tratadistas Galegos (Espanhóis) que Riveiro é uma variante do Riveira, mas sem fundamento que justifique tal interpretação. Na realidade, aparecem como sobrenomes distantes, posto que as datas genealógicas relacionadas com eles não descobrem essa suposta identidade. Verificou-se que entre alguns dos ramos dos Riveiro Espanhol, Ribeiro é um deles, e se identificam em comunidade de origem, como nos laços de parentescos.

Fidalgos da família Ribeiro, na Montanha de Santander, Astúrias, Galícia, Viscaya, ambos Castillos e Andalúcia. Na vila asturiana de Llanes, na Espanha, teve-se uma outra ramificação desta família, da qual pertenceram:

I - Antônio de Ribeiro, natural de Llanes, casado com D. Antonia de Cienfurgos, natural de Pola de Allende, pais de:

II - Juan Francisco de Ribeiro e Cienfurgos, natural de Llanos, que se casou com D. Francisca de Madrid Ribeiro, de igual natureza, e procriaram:

III - O capião de cavalaria, Antônio de Ribeiro e de Madrid, natural de Llanes e Cavaleiro de Santiago, em 19 de agosto de 1713.

Outra casa castelhana, também chamada de Ribeiros, radicou-se na Vila de Torrenjón de Velasco, do partido judicial de Gatafé, província de Madrid.

Dessa casa foi descendente Francisco de Ribeiros e Ontiveiros, nascido em Torrejón de Velasco, em 1513. Em 1º de outubro de 1534, saiu de Sevilha para Nicarágua, onde militou com os capitães Calvo e Machuca, logo mudando-se para a conquista do Peru e Chile, com Pedro Valdícia, que o nomeou capitão de Infantaria. Francisco foi fundador e vizinho de Santiago, no Chile. Foi também regedor da região, como Alcaide do Castelo de Arauco, em 1590, e encarregado de Aconcágua. Casou-se com D. Tereza Suaréz de Figueroa e com ela foi o fundador da aristocracia colonial do Chile.

Em Galícia

Nesta região, aparece já na antigüidade a casa solar dos Ribeiro que radicaram-se na Villa de Vivero, pertencente à província de Lugo. Desse ramo, era Senhor no Reinado de Dom Juan II, Alonso Pérez de Ribeiro, Contador Maior de Castilla.

Um Ramo dos Ribeiro de Hoje

Ao Sul do Ceará, a 167Km da capital, a pequena cidade de nome Quixadá, em meados de 1855, recebeu uma gama de novos moradores descendentes de portugueses, conforme relato de Francisco Angelo Ribeiro (Francisquinho).

Digitalizada com CamScanner

O velho Angelo Ribeiro conheceu a cidade de Quixadá, quando, apenas, havia sete casas, morando perto da "Casa Forte". Nascido por volta de 1865, casou-se com Adelina, que recebeu o sobrenome de Ribeiro. Isso se deu em época de grande seca, pouco menos de 10 anos para a virada do século XX. Após casado, mudou-se para uma freguesia pertencente a Quixadá, que era conhecida como "Cipó", fixando-se residência lá, empenhando-se na agricultura e na criação de bois. Desse casal, nasceram os filhos, a seguir:

1 - Henrique Angelo Ribeiro;

2 - Pedro Angelo Ribeiro;

3 - João Batista Angelo Ribeiro;

4 - Clemente Angelo Ribeiro;

5 - Francisco Angelo Ribeiro;

6 - José Angelo Ribeiro;

7 - Luis Angelo Ribeiro;

8 - Augusto Angelo Ribeiro;

9 - Joaquim Angelo Ribeiro;

10 - Antônio Angelo Ribeiro;

11 - Miguel Angelo Ribeiro;

12 - Raimundo Angelo Ribeiro;

13 - Maria Laurentina Angelo Ribeiro;

14 - Maria Joana Angelo Ribeiro;

15 - Maria do Rosário Angelo Ribeiro;

16 - Maria Filomena Angelo Ribeiro;

17 - Luiza Angelo Ribeiro;

18 - Maria Francisca Angelo Ribeiro;

19 - Maria Coleta Angelo Ribeiro.

Miguel Angelo Ribeiro, o décimo primeiro filho, quando casou com Maria Boaventura de Oliveira, fixaram residência no lugar conhecido como "Bom Lugar" e, por causa da influência dos Ribeiro naquela região, posteriormente, esse lugar passou a ser chamado de "Cipó dos Miguéis", tendo alcançado maior desenvolvimento que o pai, passando o antigo lugar, outrora conhecido por "Cipó", morada do velho Angelo e seus demais filhos, a chamar-se de "Cipó dos Anjos".

O décimo filho, Antônio Angelo Ribeiro, contraiu dois matrimônios. O primeiro foi com Maria Ana do Espírito Santo, nascendo dessa união oito filhos:

1 - José Antônio Angelo Ribeiro, 1901;

2 - Maria Ribeiro, 1902;

3 - Cícero Antônio Angelo Ribeiro, 1903;

4 - Antonia Angelo Ribeiro, 1904;

5 - Francisco Angelo Ribeiro (Francisquinho), 1905;

Digitalizada com CamScanner

6 - Apolonio Angelo Ribeiro, 1907;

7 - Raimunda Angelo Ribeiro, 1908;

8 - Alvira Angelo Ribeiro, 1908.

Maria Ana do Espírito Santo faleceu por volta de 1910. O viúvo, então, contraiu seu segundo matrimônio, logo em seguida, com Maria Joana da Conceição. Os filhos desse enlace são:

1 - Frutuoso Angelo Silva (Ribeiro), 1912;

2 - Sebastião Angelo Ribeiro, 1913;

3 - Nazaré Angelo Ribeiro, 1914;

4 - Francisca Angelo Ribeiro, 1917;

5 - Luis Angelo Ribeiro, 1918;

6 - Assis Angelo Ribeiro, 1921.

Antônio Angelo Ribeiro veio a falecer aos 18 de março de 1954, em Quixadá, Ceará. O primeiro filho do segundo casamento, Frutuoso Angelo da Silva (Ribeiro), nascido em 1912, e Francisca Ferreira de Lima, natural de Pacatuba, nascida aos 2 de dezembro de 1912, casaram-se aos 15 de setembro de 1934, em Messejana, bairro de Fortaleza. Desse casal, nasceram duas filhas:

1 - Maria Ferreira da Silva, em 10 de agosto de 1936;

2 - Maria Maura da Silva, em 1º de dezembro de 1937.

Maria Ferreira da Silva foi quem se uniu em matrimônio com Josafá Paz Bezerra, em 2 de março de 1954, em Pacatuba. Ainda grande parte dos descendentes da família Ribeiro permaneceu nos povoados por eles fundados: Cipó dos Anjos e Cipó dos Miguéis.

Seria indispensável concluir esta obra sem fazer um esclarecimento parcial ao leitor de certos detalhes encontrados neste trabalho, em sobrenomes, tais como a troca das letras "C" por "Z" e "Z" por "S".

No caso do sobrenome Bezerra e Menezes, o sobrenome Bezerra, em seus primórdios originários da cidade de Becerreá, na Espanha, trazendo consigo a letra "C" ao invés do "Z", um acréscimo da letra "E", na penúltima sílaba, e um acento agudo na letra "A".

Tendo em vista a exclusão da letra "E" da penúltima sílaba e do acento agudo, devido o sobrenome "Becerreá" (Bezerrada) sair do coletivo para o primitivo, com isso então vemos surgir o sobrenome "Becerra".

Já em Portugal, o sobrenome "Becerra" ressurge com a letra "Z" ao invés do "C", o que veio a originar o sobrenome "Bezerra".

Em algumas palavras do vocabulário Espanhol, a letra "C" possui o som da letra "Z", surgindo desta forma, no vocabulário Português, a palavra "Bezerra", do atual sobrenome da família "Bezerra".

Digitalizada com CamScanner

Já o sobrenome Menezes, não foi levado em consideração o estudo da árvore genealógica, devido ter ocorrido, no Brasil, a junção dos Bezerra e dos Menezes, formando, assim, o sobrenome Bezerra de Menezes.

Contudo, a troca da letra "Z" por "S" foi algo que surgiu involuntariamente, com diferentes ramificações da família, alguns Menezes com "s" e outros Menezes com "z". Sendo a maioria Menezes com "z", obviamente tomei a liberdade de optar pela maioria, adotando assim, o título da obra "Bezerra de Menezes".

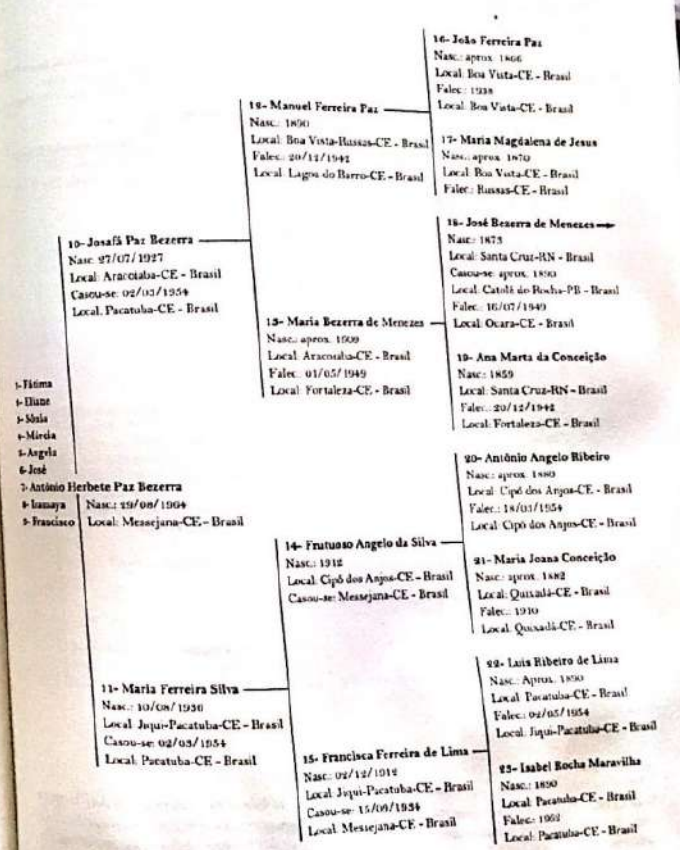
Árvore Genealógica dos Bezerra de Menezes, Paz e Associados

Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (1.1)

Família Bezerra e associados paternos e maternos

Ceará - Brasil



Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (1.2)

Família Bezerra de Menezes e associados
Rio Grande do Norte e Paraíba - Brasil

30- Antônio de Souza Bezerra (*)
Nasc.: aprox. 1790
Local: Araruna-PB - Brasil

26- Severino dos Santos Bezerra
Nasc.: 1810
Local: Araruna-PB - Brasil
Falec.: 04/07/1885
Local: Santa Cruz-RN - Brasil

31- Ana Joaquina Bezerra (*)
Nasc.: aprox. 1793
Local: Araruna-PB - Brasil

24- Antônio Severino Bezerra
Nasc.: 1843
Local: Santa Cruz-RN - Brasil
Falec.: 18/03/1896
Local: Santa Cruz-RN - Brasil

27- Mariana Bezerra Cavalcante
Nasc.: 1817
Falec.: 28/02/1909
Local: Santa Cruz-RN - Brasil

(18)- José Bezerra de Menezes
Esposa: Ana Marta Conceição

28- Vicente Avelino Bezerra
Nasc.: aprox. 1820
Local: Rio Grande do Norte - Brasil

25- Maria da Conceição Bezerra de Menezes
Nasc.: 1842
Local: Rio Grande do Norte - Brasil
Falec.: 20/02/ 1972
Local: Santa Cruz-RN - Brasil

29- Joana de Jesus Bezerra
Nasc.: aprox. 1822
Local: Rio Grande do Norte - Brasil

(*) Não foi possível encontrar os registros que ligariam **Antônio de Souza Bezerra** (n.30) ou **Ana Joaquina Bezerra** (n.31) à **Teresa Maria José Bezerra de Menezes** (n.1, Quadro 2.1), mas sabe-se que um dos dois é descendente da mesma, segundo palavras do genealogista, Monsenhor Severino Bezerra de Santa Cruz, Rio Grande do Norte.

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (2.1)

Família Bezerra de Menezes ou Bezerra
Ceará e Rio Grande do Norte - Brasil

8- João de Souza Pereira (Sarg. Mor)
Nasc.: aprox. 1690
Local: Brasil

4- Antônio Bezerra de Sousa
Nasc.: aprox. 1730
Local: Brasil

9- Joana Bezerra de Menezes
Nasc.: aprox. 1709
Local: Brasil

2- José Bezerra de Menezes
Nasc.: aprox. 1750
Local: Riacho do Sangue-CE - Brasil

10- José Ferreira Colaço
Nasc.: aprox. 1705
Local: Brasil

5- Teresa Maria José Colaço
Nasc.: aprox. 1732
Local: Brasil

11- Teresa Maria de Jesus
Nasc.: aprox. 1713
Local: Brasil

1- Teresa Maria José Bezerra de Menezes (*)
Nasc.: aprox. 1774
Local: Jacaracica-RN - Brasil
Casou-se: 16/02/1794
Local: São Bento-Acari-RN - Brasil
Falec.: 04/08/1842
Local: São Bento-Acari-RN - Brasil

6- Jerônimo Borges da Fonseca
Nasc.: aprox. 1730
Local: Riacho do Sangue-CE. - Brasil

3- Maria Borges Sacramento da Fonseca
Nasc.: aprox. 1755
Local: Riacho do Sangue-CE - Brasil

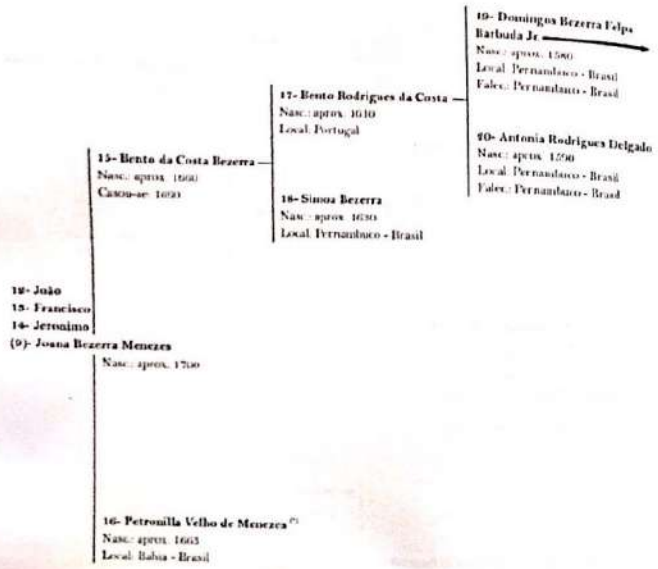
7- Brígida Maria da Fonseca
Nasc.: aprox. 1731
Local: Brasil

(*) A descendência dos **Bezerra**, que hoje predominam no Seridó, Acari, Currais Novos, Ceará e Pernambuco, surgiu dos pais de **Tereza Maria José** (n. 1), esta, esposa do Coronel Cipriano Lopes Galvão Júnior.

Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (2.2)

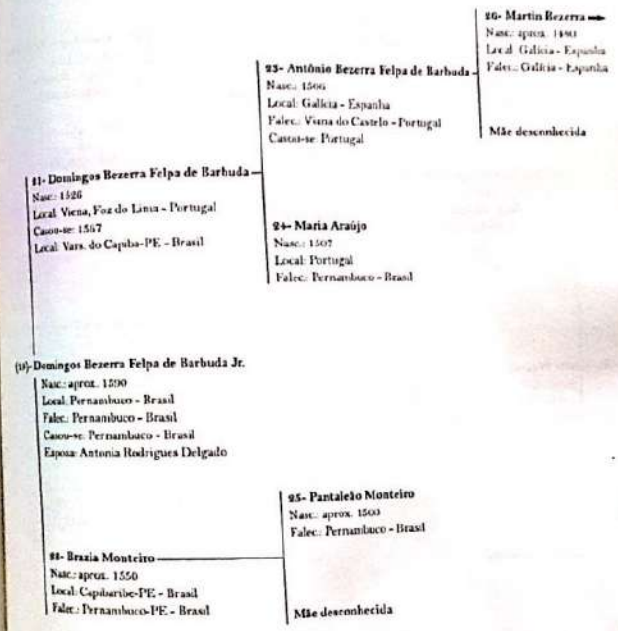
Família Bezerra de Menezes ou Bezerra
Portugal e Brasil



(*) **Petronilla Velho de Menezes** (n. 16) foi mãe de dez filhos, sendo que são conhecidos e documentados apenas quatro (n.9, n. 12, n. 13 e n.14).

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (2.3)

Família Bezerra e associados
Espanha, Portugal e Brasil

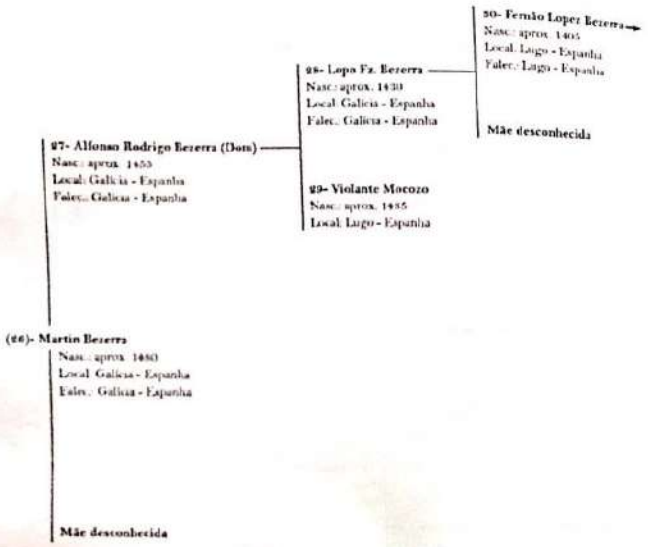


Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (2.4)

Família Bezerra (Becerra)

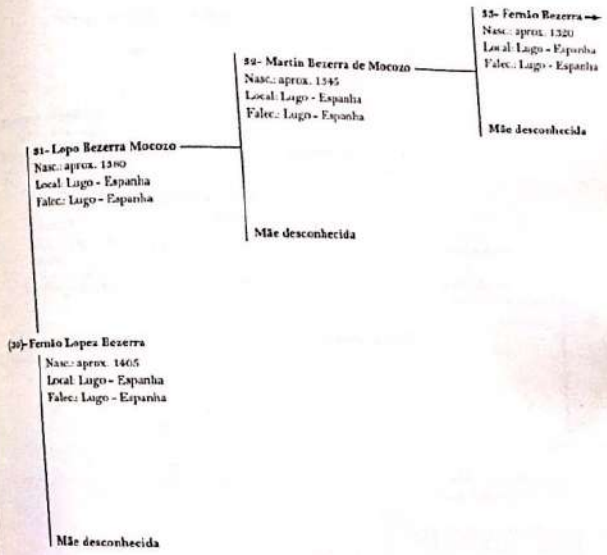
Galícia, Espanha



ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (2.5)

Família Bezerra (Becerra)

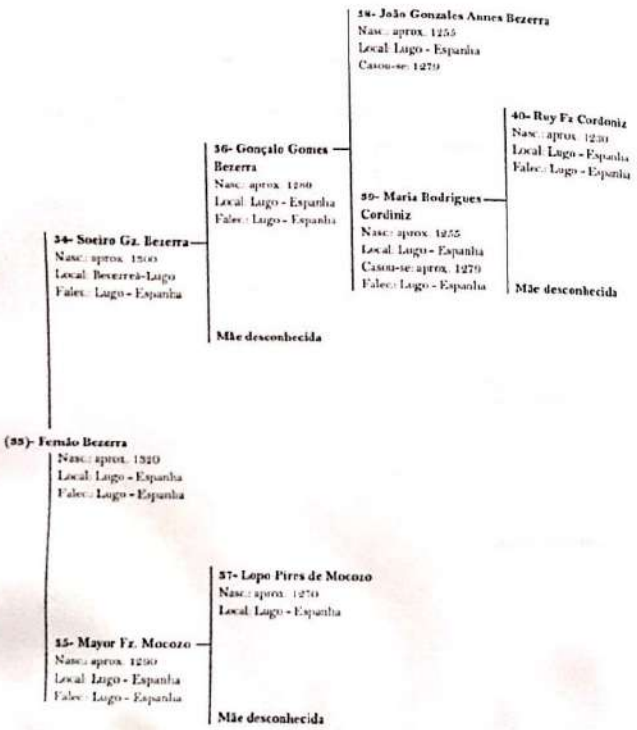
Lugo - Espanha



Digitalizada com CamScanner

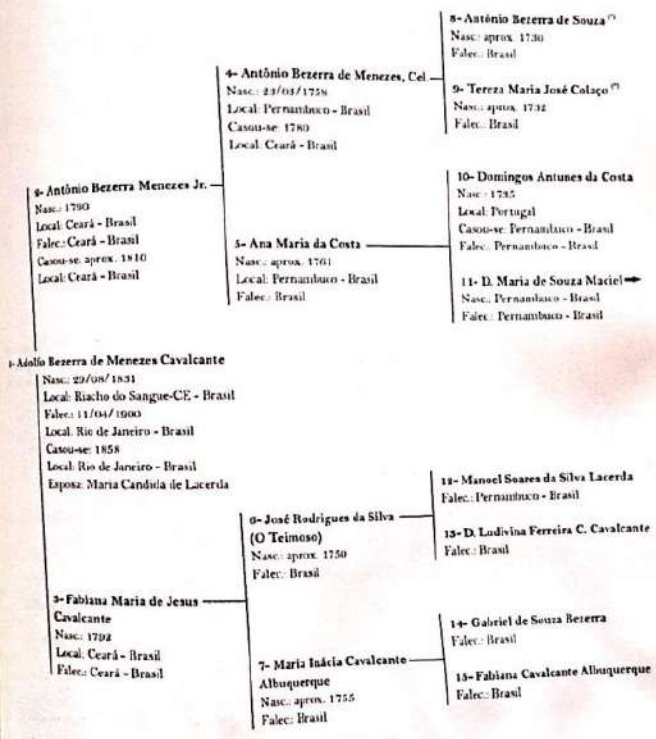
ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (2.G)

Família Bezerra (Becerra) e associados
Becerreá e Lugo - Espanha



ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (3.1)

Família Bezerra de Menezes - Ascendência do
Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante
Ceará e Pernambuco - Brasil



(*) O casal **António Bezerra de Souza** (n.8) e **Tereza Maria José Colaço** (n.9) são os mesmos números (4) e (5) do Quadro (2.1), respectivamente. Eles fazem parte da 17ª geração da Família Bezerra de Menezes.

Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (3.2)

Família Bezerra de Menezes - Ascendência do
Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante
Portugal e Brasil

16- Bernardo de Souza Presa
Nasc.: 1710
Falec.: Pernambuco-Brasil

(11)- D. Maria de Souza Maciel
Esposa: Domingos Antunes da Costa

18- Manoel Pinheiro Landin
Nasc.: 1685
Local: Portugal

17- Maria Pinheiro do Lago
Nasc.: 1715
Falec.: Pernambuco - Brasil

20- Luciano da Silva Veiga
Nasc.: 1650
Local: Portugal
Casou-se: 1680
Falec.: Pernambuco - Brasil

19- Maria Rosa Veiga
Nasc.: Brasil
Falec.: Pernambuco - Brasil

21- Maria Maciel de Carvalho
Nasc.: 1655
Falec.: Pernambuco - Brasil

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (4.1)

Família Bezerra de Menezes - Ascendência
de José Adauto Bezerra de Menezes
Juazeiro do Norte, Ceará - Brasil

14- Leandro Bezerra de Monteiro, Brigadeiro (**)
Nasc.: aprox. 1850
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

10- Leandro Bezerra de Menezes, Cap. (*)
Nasc.: aprox. 1870
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

15- Rosa Josefa do Sacramento (**)
Nasc.: aprox. 1854
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

8- José Bezerra de Menezes
Nasc.: 15/03/1895
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil
Casou-se: 05/02/1919

16- Manuel Saraiva, Cap.
Nasc.: aprox. 1852
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

11- Josefa Saraiva (*)
Nasc.: aprox. 1875
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

17- Inês Saraiva
Nasc.: aprox. 1856
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

1-Alacoque
2-Leandro
3-Humberto
4-**José Adauto Bezerra de Menezes**
Nasc.: 01/06/1926
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil
5-Núde
6-Orlando
7-Iran

12- Geconias Bezerra de Menezes (**)
Nasc: Juazeiro do Norte-CE - Brasil
Falec.: aos 28 anos

9- Maria Amélia Bezerra de Menezes
Nasc: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

13- Inês Bezerra de Menezes (**)
Nasc: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

(*) **Josefa Saraiva** (n.11) é esposa do 2º casamento do **Capitão Leandro Bezerra de Menezes** (n.10), sendo **Raimunda Telea Bezerra de Menezes** (n.13, Quadro 5.1) a esposa do 1º casamento.

(**) O casal **Leandro Bezerra de Monteiro** (n.14) e **Rosa Josefa do Sacramento** (n.15) tiveram além do **Capitão Leandro Bezerra de Menezes** (n.10), os filhos Joaquim e José Pinheiro.

(***) Após a morte de **Geconias Bezerra de Menezes** (n.12), **Inês Bezerra de Menezes** (n.13) casou-se com seu primo legítimo, João Bezerra de Menezes.

Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (4.2)

Família Bezerra de Menezes - Ascendência
de José Adauto Bezerra de Menezes
Juazeiro do Norte, Ceará - Brasil

22- Bento da Costa Bezerra [*]
Nasc.: aprox. 1660

20- João Bezerra Monteiro
Nasc.: aprox. 1650
Local: Pernambuco - Brasil

23- Petronilla Velho de Menezes [*]
Nasc.: aprox. 1663
Local: Bahia - Brasil

18- Antônio Pinheiro Lobo e Mendonça
Nasc.: 1736
Local: Brasil

21- Joana Ribeiro de Lacerda
Nasc.: aprox. 1700
Local: Pernambuco - Brasil

(14)- Leandro Bezerra de Monteiro, Brig.
Nasc.: aprox. 1765
Local: Cariri-CE - Brasil
Falec.: 1831
Local: Cariri-CE - Brasil

19- Joana Monteiro Bezerra de Menezes
Nasc.: aprox. 1740
Local: Goiana-PE - Brasil

[*] O casal **Bento da Costa Bezerra** (n.22) e **Petronilla Velho de Menezes** (n.23) são os mesmos números (15) e (16) do Quadro (2.2), respectivamente.

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (5.1)

Família Bezerra de Menezes - Descendência do Capitão
Leandro Bezerra de Menezes (n.10, Quadro 4.1)
Juazeiro do Norte, Ceará - Brasil

12- Leandro Bezerra de Menezes, Cap.
Nasc.: aprox. 1850
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

1- Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, Capitão-Mor
2- Leandro
3- Alfredo
4- Raimundo
5- Marcos
6- Antônio
7- Júlio
8- Felipe
9- Rosa
10- Quitéria
11- João
Nasc.: aprox. 1872
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

13- Raimunda Teles Bezerra de Menezes [*]
Nasc.: aprox. 1854
Local: Juazeiro do Norte-CE - Brasil

[*] **Raimunda Teles Bezerra de Menezes** (n.13) é a esposa do 1º matrimônio do **Capitão Leandro Bezerra de Menezes** (n.12), com quem teve 11 filhos.

Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (6.1)

Família Ribeiro - Ascendência materna de
Antônio Herbert Paz Bezerra (n.7, Quadro 1.1)
Quixadá, Ceará - Brasil

4- Angelo Ribeiro
Nasc.: Quixadá-CE - Brasil
Falec.: Quixadá-CE - Brasil

2- Antônio Angelo Ribeiro
Nasc.: aprox. 1879
Local: Quixadá-CE - Brasil
Falec.: 18/03/1934
Local: Quixadá-CE - Brasil

5- Adelina Ribeiro
Falec.: Quixadá-CE - Brasil

1- Frutuoso Angelo da Silva (Ribeiro) (*)
Nasc.: 1912
Local: Quixadá-CE - Brasil
Casou-se: 15/09/1934
Local: Messejana-CE - Brasil
Esposa: Francisca Ferreira de Lima

3- Maria Joana da Conceição
Nasc.: aprox. 1882
Local: Quixadá-CE - Brasil
Falec.: 1910
Local: Quixadá-CE - Brasil

(*) **Frutuoso Angelo da Silva** (n.1) é o mesmo n.14 do Quadro (1.1)

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (7.1)

Família Lima - Ascendência materna de
Antônio Herbert Paz Bezerra (n.7, Quadro 1.1)
Pacatuba, Ceará - Brasil

4-Francisco Ribeiro Lima
Nasc.: Brasil
Falec.: 16/04/1931
Local: Giqui, Pacatuba-CE - Brasil

2- Luis Ribeiro Lima
Nasc.: Brasil
Falec.: 02/05/1954
Local: Pacatuba-CE - Brasil

Mãe desconhecida

1-Francisca Ferreira de Lima (*)
Nasc.: 02/12/1912
Local: Giqui, Pacatuba-CE - Brasil
Casou-se: 15/09/1934
Local: Messejana-CE - Brasil
Esposo: Frutuoso Angelo da Silva

5- Josefina Maria de Jesus
Nasc.: Brasil
Falec.: 10/04/1931
Local: Giqui, Pacatuba-CE - Brasil

3- Isabel Rocha Maravilha
Nasc.: 1890
Local: Pacatuba-CE - Brasil
Falec.: 1962
Local: Pacatuba-CE - Brasil

Mãe desconhecida

(*) **Francisca Ferreira de Lima** (n.1) é o mesmo n.15 do Quadro (1.1).

Digitalizada com CamScanner

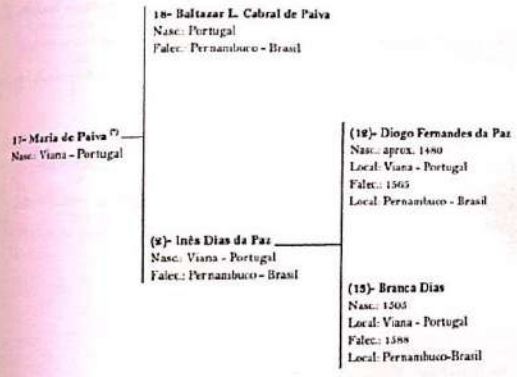
ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (8.1)

Família Paz e Dias - Ascendência e descendência
de Diogo Fernandes da Paz e Branca Dias
Espanha, Portugal e Brasil

(*) **Jorge Dias da Paz** (n.8), casou-se com Maria de Góis em Pernambuco e mudou-se para Paraíba. Seus descendente são os possíveis emigrantes da família Paz de Russas, no Ceará.

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (8.2)

Família Paz - Ascendência e descendência
de Inês Dias da Paz (n.2, Quadro 8.1)
Portugal e Brasil

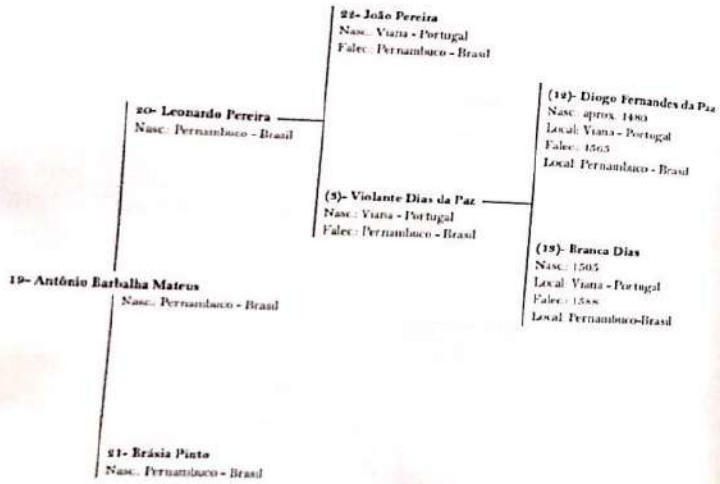


(*) **Maria de Paiva** (n.8) casou-se com Agustinho de Holanda, progenitor da família Holanda.

Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (8.3)

Família Paz - Ascendência e descendência de
Violante Dias da Paz (n.3, Quadro 8.1)
Portugal e Brasil



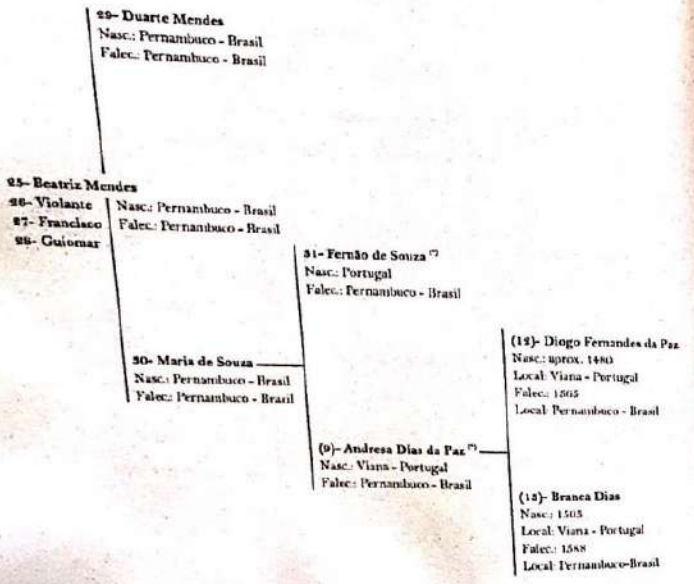
ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (8.4)

Família Paz - Ascendência e descendência de
Ana Dias da Paz (n.6, Quadro 8.1)
Portugal e Brasil

Digitalizada com CamScanner

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (8.5)

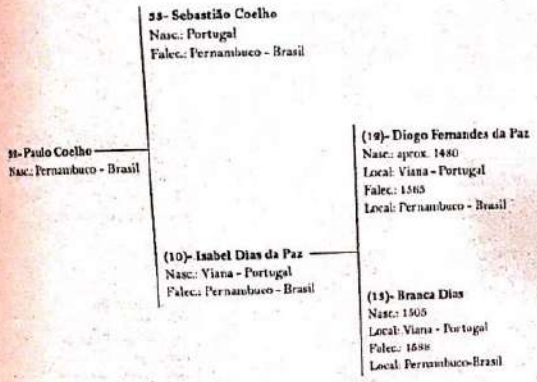
Família Paz – Ascendência e descendência de Andresa Dias da Paz (n.9, Quadro 8.1) Portugal e Brasil



(*) O casal **Fernão de Souza** (n.31) e **Andresa Dias da Paz** (n.9) tiverão além de **Maria de Souza** (n.30), os filhos Ana, Jorge e Diogo.

ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (8.6)

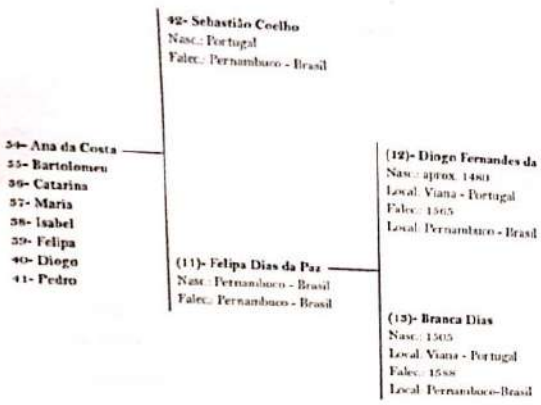
Família Paz – Ascendência e descendência de Isabel Dias da Paz (n.10, Quadro 8.1) Portugal e Brasil



Digitalizada com CamScanner

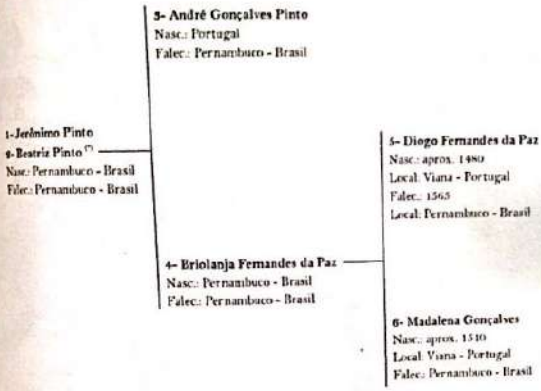
ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (8.7)

Família Paz - Ascendência e descendência de Felipa Dias da Paz (n.11, Quadro 8.1) Portugal e Brasil



ÁRVORE GENEALÓGICA - QUADRO (9.1)

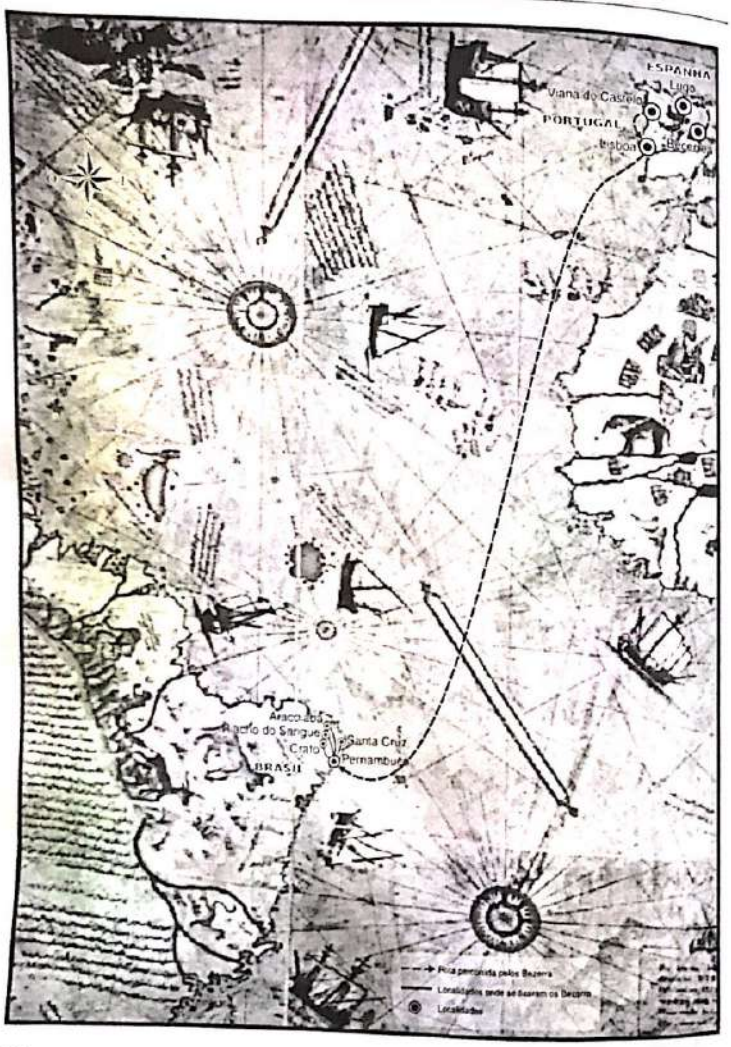
Família Paz - Ascendência e descendência de Briolanja Fernandes da Paz Portugal e Brasil



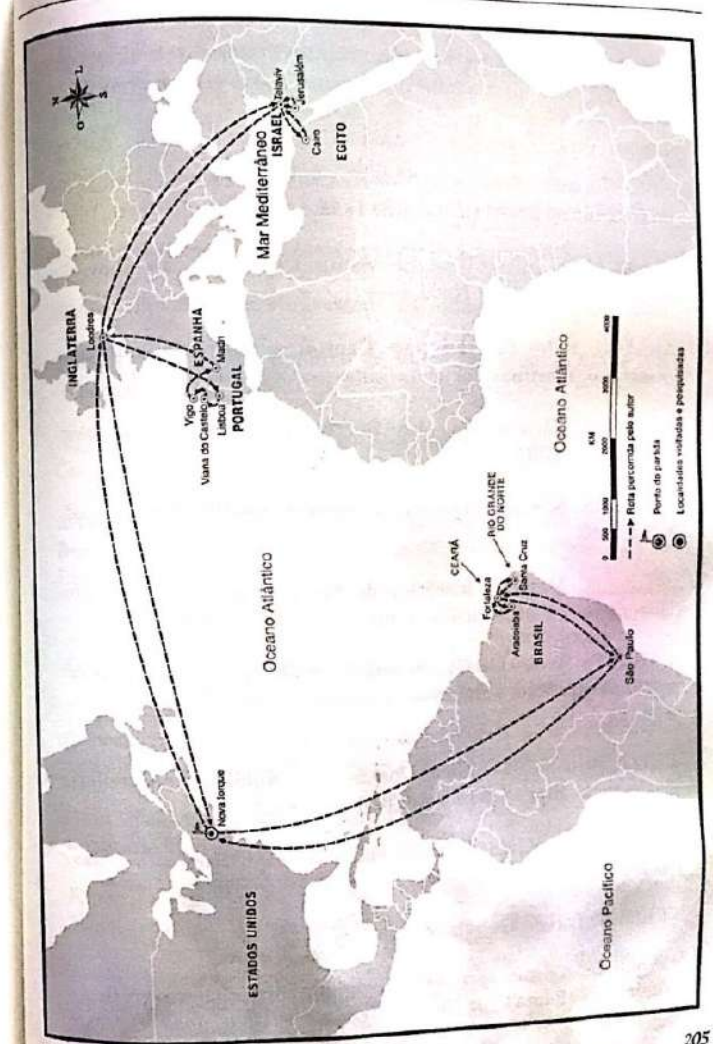
(*) Beatriz Pinto (n.2) casou-se com João de Alpcém.

Digitalizada com CamScanner

ROTA DOS BEZERRA DO SÉCULO XIII AO XVI



ROTA PERCORRIDA PELO AUTOR



Digitalizada com CamScanner

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

Afonso, Manuel, 151, 152
Albuquerque, Matias de, 155
Alcover, Belém Paz del Castillo, 138
Alcover, Juan Batista Paz del Castillo, 137
Alcover, Mercedez Paz del Castillo, 138
Alcover, Tomás Paz del Castillo, 137
Alencar, José de, 83
Alexandrina, Isabel, 71
Alfaro, Juan de Esperanza, 125
Allende, Maria Mercedez Roldán y, 129
Amorim, Hermano, 11, 29
Araújo, Alisson do Nascimento, 88
Araújo, Lidiane do Nascimento, 88
Araújo, Maria, 48, 62, 65
Arazena, Maria Martinez de, 165
Arazena, Miguel José de Lima e Martinez de, 165
Arazena, Nicola Martinez de, 165
Árias, Luiz de Paz, 129
Árias, Luiz de Paz, Jr., 129
Aristeguieta, Fernando Paz del Castillo y, 134
Aristeguieta, Ignácio Paz del Castillo y, 134
Aristeguieta, José Ignácio Paz del Castillo y, 134
Aristeguieta, Luiza Paz del Castillo y, 134
Aristeguieta, Maria Paz del Castillo y, 134
Aristeguieta, Maria Paz del Castillo, 134
Aristeguieta, Mercedez Paz del Castillo y, 134
Armaza, Juan de, 127
Arreguei, Juan Antônio de, 127
Arreguei, Juan de Armaza, 127
Arreguei, Juan Fernando de Armaza, 127
Arriá, Felipe Haedo y, 129
Arriá, Haedo y, 129
Azevedo, Feliciano, 136
Azevedo, Maria Lima, 137

B

Ballo, Carlos Paz e, 130
Ballo, José Fidel Paz e, 130
Ballo, Luiz Paz e, 130
Ballo, Margarita Paz e, 130
Ballo, Trinidad, 130
Balmas, Maria de, 122
Barballho, Antônio, 151
Barbuda, Antônio Bezerra Felpa de, 48, 62, 65
Barbuda, Antônio Domingos Bezerra Felpa de, 48
Barbuda, Domingos Bezerra Felpa de, 65, 69
Barbuda, Domingos Bezerra Felpa de, Filho, 69
Batiola, Fernán Dária, 164
Becerra, Alvaro Andres, 59
Becerra, Francisco da Cruz, 59
Becerra, Frei Francisco, 60
Becerra, Juan, 59
Becerra, Maria Obando e, 60
Becerra, Pedro, 60
Bento, Joana, 157
Benvenuto, Daniel Valmir, 87
Benvenuto, Nathalie Christine, 87
Benvenuto, Nicole, 87

Benvenuto, Pablo, 87
Bernuir, Tereza, 164
Bertemes, Carlos, 48/112
Bessa, Myriam, 17
Bezerra de Menezes, Adolfo, 70/98/99/100
Bezerra de Menezes, Antônio Cel., 69/70/99
Bezerra de Menezes, Antônio, 72
Bezerra de Menezes, Bento, 69
Bezerra de Menezes, Donana, 93/106
Bezerra de Menezes, Francisco Barbosa, 69
Bezerra de Menezes, Generosa, 72
Bezerra de Menezes, Joana, 69/70
Bezerra de Menezes, Joaquim Cel., 109
Bezerra de Menezes, Joaquim Major, 110
Bezerra de Menezes, José Adauto, 108/109
Bezerra de Menezes, José Pinheiro Cap., 109
Bezerra de Menezes, José, 70/72/73/74/75/76/77/108/109/110
Bezerra de Menezes, Leandro Cap., 110
Bezerra de Menezes, Maria Amélia, 108/110
Bezerra de Menezes, Maria da Conceição, 30/72/73
Bezerra de Menezes, Maria, 19/72/73/74/75/76/77/78/79/80/142/157
Bezerra de Menezes, Pedro, 72
Bezerra de Menezes, Raimunda Teles, 110
Bezerra de Menezes, Vicência, 72
Bezerra de Menezes, Vicente, 72
Bezerra, Ana Edite Paz, 75/76/77/78/79
Bezerra, Ana Joaquina, 71
Bezerra, Ana, 94/105/106
Bezerra, Angela Maria, 79/82/83
Bezerra, Antônio de Souza, 71
Bezerra, Antônio Herbert Paz, 79/82/83/84
Bezerra, Antônio Pires, 48/62
Bezerra, Antônio Severino, 71/72/73
Bezerra, Arão Paz, 75/76/79
Bezerra, Camila Savegnago, 88
Bezerra, Célia, 79
Bezerra, Celma, 79
Bezerra, Celsa, 79
Bezerra, Cérgia, 79
Bezerra, Cláudia, 79
Bezerra, Clébio, 79
Bezerra, Cléia, 79
Bezerra, Clésia, 79
Bezerra, Cleuma, 79
Bezerra, Danielle Savegnago, 88
Bezerra, Diego, 58
Bezerra, Ester Paz, 75/76/79
Bezerra, Fernando Luiz Gonçalves, 94/106/107
Bezerra, Fernando, 59
Bezerra, Fernão Lopes, 62
Bezerra, Fernão, 61
Bezerra, Francisco Hortega Paz, 24/83/84/85/86/88
Bezerra, Gabriel Conner, 86/88
Bezerra, Gonçalo Gomes, 61
Bezerra, Guiomar Paz, 75/76/79
Bezerra, Hermilda Gonçalves, 106
Bezerra, Humberto, 110
Bezerra, Isabel Alexandrina, 71
Bezerra, Ivan, 110
Bezerra, Joabe, 75/76/79
Bezerra, Joabe, Jr., 79
Bezerra, Joana de Jesus, 72

Digitalizada com CamScanner

Bezerra, João Bianor, 106
Bezerra, João Gonçalves Annes, 61
Bezerra, João Paz, 75/76/79
Bezerra, João, 79
Bezerra, Josafá Paz, 75/76/77/79/80/81/88/168/177
Bezerra, José Indemburg, 79/82/84/87
Bezerra, Jósias Paz, 75/76/79
Bezerra, Julie Savegnago, 88
Bezerra, Kleber de Carvalho, 104
Bezerra, Leandro, 110
Bezerra, Lope Sanchez, 58
Bezerra, Lopo Fz., 62
Bezerra, Manoel Januário, 71
Bezerra, Manuel Paz, 75/76/79/97/98
Bezerra, Márcia Maria, 79/82/87
Bezerra, Marcus Caleb, 88
Bezerra, Margareth Savegnago, 82/87
Bezerra, Maria Alacoque, 109
Bezerra, Maria Angela, 110
Bezerra, Maria Eliane, 79/81/82/83
Bezerra, Maria Fátima, 79/81/82/83/103
Bezerra, Maria Felismina, 71
Bezerra, Maria Iramaya, 79/82/87
Bezerra, Maria Secundina, 71
Bezerra, Martin, 61/62
Bezerra, Moisés Paz, 75/76
Bezerra, Mons. Severino, 29/30/65/71/94/101/102/103
Bezerra, Neide, 110
Bezerra, Oliver Caillou, 88
Bezerra, Orlando, 110
Bezerra, Pedro Nunes, 20/34/48/62
Bezerra, Rita Paz, 75/76/77/78
Bezerra, Rodrigo, 62
Bezerra, Sebastian, 58
Bezerra, Severino dos Santos, 71
Bezerra, Simoa, 69
Bezerra, Soeiro Gz, 61
Bezerra, Sônia Maria, 79/82/84
Bezerra, Sophia Audrey, 88
Bezerra, Theodorico, 104
Bezerra, Vicente Avelino, 72
Bezerra, Zânzia de Carvalho, 104
Blanco, Andrés de Lima e, 164
Blanco, Domingo, 164
Blanco, Paula, 164
Briceño, Eugênio Mendoza, 183

C

Cabral, Baltazar Leitão, 151
Caldas, Francisco de Lima y, 165
Caldas, José, 146/148
Caldas, Maria, 165
Camarão, Antônio Felipe, 155
Camarão, Francisco Ribeiro de, 165
Camarão, Luis Ribeiro, 165
Camões, Luis de, 31
Cardoso, Antônio Dias, 155
Cardoso, Mathias, 153
Carrafa, Alberto,31
Carreño, Antônio, 138
Carvajal, Isabel de Paz e, 59/123
Carvajal, Maria, 123
Carvalho, Zilá, 104
Castañeda, Maria Solis e, 59
Castilla, Rei Dom Juan II de, 119
Castillo, Adela Azevedo y Paz del, 136
Castillo, Andrés Mejia y Paz del, 135
Castillo, Arturo Izquierdo y Paz del, 133
Castillo, Belém Azevedo y Paz del, 137
Castillo, Carlos Azevedo y Paz del, 136

Castillo, Carlos Machado y Paz del, 138
Castillo, Carmen Gonzales Paz del, 133
Castillo, Dolores Azevedo y Paz del, 136
Castillo, Dolores del, 135
Castillo, Ignácio Gonzales Paz del, 133
Castillo, Ignácio Mejia y Paz del, 136
Castillo, Isabel Antônio del, 123
Castillo, Isidora Gonzales Paz del, 133
Castillo, José Ignácio Azevedo y Paz del, 137
Castillo, Josefa Rodil y Paz del, 138
Castillo, Luisa Elceno Mejia y Paz del, 136
Castillo, Matilde Machado y Paz del, 138
Castillo, Mercedez Azevedo y Paz del, 136
Castillo, Mercedez Mejia y Paz del, 135
Castillo, Paulo Quintero y Paz del,
Castillo, Pedro Machado y Paz del, 138
Castillo, Rafael Azevedo y Paz del, 136
Castillo, Rosa Maria Gonzales del, 137
Castillo, Rosalia Mejia y Paz del, 135
Castillo, Susana Azevedo y Paz del, 136
Castillo, Tomás Paz del, 137
Castro, Vaca de, 124
Catalina, Paz y Weild, 131
Cavalcante, Adolfo Bezerra de Menezes, 70
Cavalcante, Adolfo Bezerra de Menezes, 70
Cavalcante, Benedita Bezerra, 29
Cavalcante, Fabiana Maria de Jesus, 70
Cavalcante, Mariana Bezerra, 71
Cavalcante, Raimunda Maria, 79/97
Cavalcanti, Antônio, 155
Cavallero, Francisco, 136
Céspedes, Juana de Espaza y Paz Alfaro y, 125
Chaves, Joaquim Ferreira, 91
Cienfurgos, Antonia de, 172
Cienfurgos, Juan Francisco de Ribeiro e, 172
Coelho, Candido,156
Coelho, Duarte, 149
Coelho, Sebastião, 151
Colaço, José Ferreira, 70
College, Beau Mathew, 87
College, Haley Ann, 87
College, Jeffre, 87
Conceição, Ana Marta da, 73/74/75
Conceição, Maria Joana da, 176
Condecido, Andrés Paz de, 128
Condecido, Dominga Vasquez de, 128
Cordonis, Maria Rodrigues, 61
Cordonis, Ruy Fz, 61
Correa, Blas del Castillo y Delgado, 135
Correa, Francisca Paz del Castillo Delgado, 137
Correa, Ignácio Paz del Castillo y Delgado, 134
Correa, José Maria Delgado, 135
Correa, Luiz Paz del Castillo y Delgado, 137
Correa, Mercedez Delgado, 135
Correa, Mercedez Paz del Castillo y Delgado, 135/136
Correa, Rosalia Paz del Castillo y Delgado, 135

Digitalizada com CamScanner

Costa, Ana Maria da, 69/70
Costa, Bento Rodrigues da, 69
Costa, Carlos Eduardo, 82
Costa, Daiane Bezerra da, 82/87
Costa, Michellen Bezerra da, 82
Costa, Pero da, 151
Costa, Sonia Karine, 82/87
Costa, Valmir Jesuino, 82/87
Costa, Vicente Eduardo Mendes, 82
Cueva, Diosia Beltran de la, 120
Cueva, Fernando de Paz Fajardo Beltran de la, 120
Cueva, Juan de Paz Fajardo Beltran de la, 120
Cura, Concepción Montero Vecino de Villa de, 132

D

Delgado, Antonia Rodrigues, 69
Delta, Antônio, 167
Dias, Branca, 20/149/150/151/152
Dias, Henrique, 155
Dom Alfonso V, 147/148
Dom Alfonso X, 118/141
Dom João II, 147
Dom Juan, 119
Dom Manuel I, 145/147/148
Dom Pedro, 118
Dom Sancho, 118
Domingues, Diego, 164
Domingues, Rafael de Lima y, 165
Dona Margarita, 118
Durán, Andrés Paz y, 129
Durán, Claudo, 128
Durán, José Paz y, 128/129
Durán, Manuel Mariano Paz y, 128
Durán, Maria Inês Paz y, 129
Durán, Maria Josefa Paz y, 129

E

Echezuria, Josefina Castillo, 137
Elizalde, Juan José, 130
Espinosa, Isabel Gigena y, 129
Espírito Santo, Maria Ana do, 175/176
Estevens, Alvaro, 147
Esteves, Edurigis, 136
Estrada, Alvaro Duque, 125
Estrada, Antônio de Paz e Duque, 126
Estrada, Francisco de Paz e Duque, 126
Estrada, Maria Duque, 125

F

Fajardo, Eugênio de Paz, 120
Fajardo, Fernando de Paz, 120
Félix, Máxima Garcia Gonzales, 130
Fernandes, Diogo, 141/151
Figueroa, Tereza Suaréz de, 173
Flor, Algustina Caftamero da, 59
Fonseca, Brígida Maria da, 70
Fonseca, Gerônimo Borges de, 70
Frazão, Francisco, 140/151
Freire, Braancamp, 149
Freire, Carmina Bezerra, 78
Freire, Conceição Bezerra, 78
Freire, Damiana Bezerra, 78
Freire, Evangelista, 78
Freire, Francisca Bezerra, 78
Freire, João Batista Bezerra, 78
Freire, Joaquina Bezerra, 78
Freire, Jonas Bezerra, 78
Freire, Judite Bezerra, 78
Freire, Maria, Bezerra, 78
Freire, Nanô Bezerra, 78

Freire, Onofre Bezerra, 78
Freire, Raimundo Bezerra, 78
Freire, Salomé Bezerra, 78
Freire, Sofia Bezerra, 78
Freire, Terezinha Bezerra, 78
Freyre, Carlos Requena, 137

G

Gadea, Diego de Pedrasa, 122
Gadea, Juna de Pedrosa, 122
Gallegos, Elcus, 136
Gallegos, Manuel Modesto, 136
Gallegos, Mercedez, 136
Galvão Júnior, Cipriano Lopes, 70/71
Gándara, Frei Felipe de la, 57
Garcia, Carol Yves, 40/43/45/46
Garcia, Catalina, 121
Garcia, Rodolfo, 149
Gasca, 124
Gianoplus, Stephen, 82
Gigena, Juan Casimiro Paz y, 129/131
Gigena, Juan Neponuceno Paz y, 129
Gigena, Pedro Paz y, 129
Góis, Maria de, 152
Gonçalves, Madalena, 152
Gonzales, Carlos Pecamins, 136
Gonzales, Claudo Durán, 128
Gonzales, Josefa Ocampo e, 130
Gonzales, Manuela Durán y, 128
Gonzales, Máxima Garcia,
Gonzales, Rafael, 133
Gonzalves, Isabel, 128
Gonzalves, Úrsula, 130
Gracisman, 155
Guevara, Diego Bezerra de, 58
Guevara, Fernando Antônio Bezerra de, 58
Guevara, Francisca de, 58
Guevara, Frei Antônio, 58
Gusmán, Alonso de Paz, 123
Gusmán, Augustina Beltrán de, 122
Gusmán, Blas Manuel de Paz, 123
Gusmán, Francisco de Paz, 122
Gutierres, Pedro, 126

H

Haedo, Catalina Paz y, 130
Haedo, Felipe Paz y, 130
Haedo, José Maria Paz y, 129/130/131
Haedo, Julián Paz y, 129
Haedo, Maria del Rosário Paz e, 130
Haedo, Pedro Nolasco Paz y, 130
Haedo, Vicena Paz y, 130
Haedo; Julián Paz y, 131
Hernandez, Carlos Machado, 138
Hernandez, Francisca, 164
Hernandez, Maria Muñoz, 164
Herôncio, Padre Paulo, 154/155
Humanes, Mayor de Lollina, 126

I

Igarrazábal, Isabel Peres de, 132
Isabel, Juana, 137
Izquierdo, Narcizo, 133

J

Januário, Manoel, 71
Jesus, Josefa Agueda de, 157
Jesus, Josefina Maria de, 165/166
Jesus, Maria Magdalena de, 153/156
Jesus, Maria, 156

Digitalizada com CamScanner

Jesus, Teresa Maria de, 69/70
José, Teresa Maria, 69/70/71
Junior, Antônio Vilela, 155

K

Kardec, Alan, 100

L

Lander, Carmem Paz del Castillo, 135
Lander, Eugênia Paz del Castillo, 135
Lander, Maria del Carmen, 135
Lander, Rafael Paz del Castillo, 135
Leasa, Mercedez Julia, 130
León, Dom Alonso VI, 164
Lewis, Daniel Day, 151
Lima, Antônio de, 164
Lima, Francisca de Ferreira, 168/176
Lima, Francisco Ribeiro, 165
Lima, Juan Fernandes de, 164
Lima, Luis Ribeiro, 165/168
Llona, Miraela, 132
Lobo, Haddock, 99
Losada, Angela Ramirez, 137

M

Machado, Alejandro Paz del Castillo y, 135
Machado, Ignácio Paz del Castillo y, 134/135
Machado, Izabel, 134
Machado, Juan Neponuceno Paz del Castillo y, 134
Machado, Manuel Cerezo, 135
Machado, Manuela, 134
Madrid, Antônio Ribeiro e de, 172
Mansilla, Inês Árias de, 123
Manuel, Violante de Solis, 58
Maravilha, Maria Isabel Rocha, 165/168
Marciel, João, 156
Mariano, Cosme, 167
Martin, Maestre de Capo Juan de San, 126
Martin, San, 132
Martinez, Manuel Maria, 135
Martins, Maetre de Campo, 125
Mello, Cabral de, 32/34
Mello, Evaldo Cabral de, 149/152
Mello, J.A. Gonsalves de, 151
Mendonça, Heitor Furtado de, 150/152
Mendonza, Alonso de, 121
Mendonza, Diego Becerra de, 60
Mendonza, Francisca de, 122
Menezes, Petronilla Velho de, 69
Mercado, Ana do, 125
Mercado, Antônio de Paz y de, 125
Miño, Cristóbal de, 121
Minõ, Rodrigo de, 121
Miranda, Estevão Machado de, 155
Mocozo, Leonor de, 58
Mocozo, Lopo Bezerra de, 61
Mocozo, Lopo Pires de, 61
Mocozo, Martir Bezerra, 61/62
Mocozo, Mayor Fz, 61
Mocozo, Violante, 62
Molina, Juan Gutierres de, 126
Monroy, Ana de, 60
Monroy, Antônio José Becerra e, 60
Monroy, Pablo Antônio Becerra, 60
Monsilla, Inês Árias de, 123
Monsilla, Maria Árias de, 123
Monteiro, Brazia de, 69/65
Monteiro, Leandro Bezerra Brig., 109/110

Monteiro, Pantaleão, 65
Monteiro, Pedro Bezerra Major, 110
Montenegro, Petronila Rodrigues, 129
Montiel, Mercedez Escalon, 137
Morales, Brigadeiro, 132
Moreira, Matias, 155
Moura, Manuel Rodrigues, 155
Muñoz, Domingo, 164
Muñoz, Francisco de Borja de Lima e, 164

N

Nassau, João Maurício de, 154
Navarro, Margarita, 118
Negreiros, André Jodal de, 155
Niemeyer, Conrado, 69
Nolasco, Pedro, 130
Norato, José Lima e, 164
Norato, Juana, 164

O

Ocampo, Amélia Paz y, 130
Ocampo, Félix Paz y, 130
Ocampo, José Fidel Paz, 130
Ocampo, José Manuel Paz y, 130
Ocampo, Julián Paz y, 130
Ocampo, Manuel, 130
Ocampo, Modesta Paz y, 130
Oliveira, Lilian Audrey de, 83/88
Oliveira, Maria Boaventura de, 175
Ollport, Samuel, 130
Ontiveiros, Francisco de Ribeiro e, 173
O'Prieu, Dolores, 133
Orelhana, Francisca de, 165
Orlandi, Adair, 82
Orlandi, Felipe, 82/87
Orlandi, Thiago, 82/87
Orma, León Rebolledo, 131
Orma, Irencio Rebolledo, 131
Ortega, Ana Clotilde, 137
Ortega, Leopoldo, 137
Ozório, Maria, 121

P

Padrón, Blas Paz del Castillo y Diaz, 132
Padrón, Blas Paz del Castillo y Dina, 134
Padrón, Domingo Paz del Castillo y Diaz, 133
Padrón, Juan Batista Paz del Castilho Diniz, 137
Padrón, Juan Paz del Castillo y Diaz, 132
Padrón, Maria Antonia Diniz, 137
Padrón, Maria da Concepcion del Castillo y Diaz, 133
Padrón, Maria Josefa Paz del Castillo y Diaz, 132
Padrón, Rafael Paz del Castillo e Diaz, 133
Paes, Angela Bezerra, 78
Paes, Francisco Alberto Bezerra, 78/82
Paes, Francisco Bezerra, 78
Paes, Maria Bezerra, 78
Paes, Munique Bezerra, 82/87
Paes, Pedro Bezerra, 78
Paes, Safira Bezerra, 78
Parente, João Amaro Maciel, 153
Pascual, Alosondo de Paz, 119
Pascual, Francisco de Paz e, 120
Pascual, Juana Corral, 119
Pavia, Jaime, 130

Digitalizada com CamScanner

Pavia, Raimunda de, 79
Paz, Alcina Perpetua, 156
Paz, Alejo, 122
Paz, Alonso Antônio de, 119
Paz, Amélia Pavia e, 130
Paz, Ana Dias da, 151
Paz, Andresa Dias da, 151
Paz, Antônio de, 121
Paz, Antônio, 122/157
Paz, Baltazar da, 152
Paz, Beatriz Dias da, 150/151
Paz, Blas, 128
Paz, Briolanja Fernandes, 152
Paz, Diogo Fernandes da, 20/149/152
Paz, Domingos Francisco de, 137
Paz, Duarte da, 149
Paz, Felipa da, 151
Paz, Francisca Rosa, 157
Paz, Francisco de Oliveira, 157
Paz, Francisco de, 120/133/137
Paz, Francisco, 120/157
Paz, Fray Gabriel de Arregui Gutiérrez de, 127
Paz, Guiomar Dias da, 151
Paz, Idalencia Yanis Garcia, 131
Paz, Idalencia, 131
Paz, Inês Dias da, 151
Paz, Isabel Dias da, 151
Paz, Isabel, 157
Paz, Jaime Pavia e, 130
Paz, Jerônima Gutiérrez de, 126
Paz, João da, 32/141/147/148/149
Paz, João Ferreira, 153/156
Paz, Joaquim, 157
Paz, Joaquina Ferreira, 157
Paz, Jorge Dias da, 151/152/156
Paz, José Arregui Gutiérrez de, 127
Paz, Juan de Arregui Gutiérrez de, 127
Paz, Juana de, 125
Paz, Juana Gutiérrez de, 127
Paz, Juana Maria de Arregui Gutiérrez, 127
Paz, Lorenzo de, 118
Paz, Isidro Francisco Gutiérrez de la, 126
Paz, Luiz Alvarez, 119
Paz, Luiz de, 123
Paz, Manoel Afonso Dias da, 151
Paz, Manuel Ferreira, 76/79/142/157
Paz, Manuel, 75/76/77
Paz, Margarita Pavia e, 130
Paz, Margarita Weild y, 130/131
Paz, Maria Isabel Pavia e, 130
Paz, Mestre João da, 141
Paz, Moisés Bezerra, 75/76/78/79
Paz, Pedro Miño de, 120
Paz, Pedro, 118
Paz, Raimunda, 156
Paz, Raimundo, 157
Paz, Rodrigo de, 124/125
Paz, Rodrigues de, 124
Paz, Rosa, 157
Paz, Sancho de, 122
Paz, Sancho, 121/141
Paz, Violante Dias da, 151
Pecamins, Francisco Montique, 136
Pereira, Duarte Coelho, 65
Pereira, João de Souza, 69/70
Pereira, João, 151
Pereira, Manuel, 132
Pereira, Maria del Carmen, 132
Peres, Ana de la Cruz, 120/151
Pinto, Antônio Gonçalves, 151
Portocarrero, Juana, 125
Puch, Rosália Boigorri y, 129/131

Q

Queiroz, Fabiana Guedes de, 88
Queiroz, Micaele, 88

R

Rabbi, Jacob, 155
Ramirez, Juan Antônio Paz del Castillo, 137
Ramirez, Luiz, 137
Requera, Juan Pablo Burges, 136
Reyes Juan Serrano de los, 125
Reyes, Ana Paz Serrano de los, 126
Ribeiro, Adelina, 174
Ribeiro, Alonso Pérez de, 173
Ribeiro, Alvira Angelo, 176
Ribeiro, Angelo, 174
Ribeiro, Antonia Angelo, 175
Ribeiro, Antônio Angelo, 174/175/176
Ribeiro, Antônio de, 172
Ribeiro, Apolonio Angelo, 176
Ribeiro, Assis Angelo, 176
Ribeiro, Augusto Angelo, 174
Ribeiro, Cícero Antônio Angelo, 175
Ribeiro, Clemente Angelo, 174
Ribeiro, Francisca Angelo, 176
Ribeiro, Francisca de Madrid, 172
Ribeiro, Francisco Angelo, 173/174/175
Ribeiro, Frutuoso Angelo Silva, 79/168/176
Ribeiro, Henrique Angelo, 174
Ribeiro, João Batista Angelo, 174
Ribeiro, Joaquim Angelo, 174
Ribeiro, José Angelo, 174
Ribeiro, José Antônio Angelo, 175
Ribeiro, Luis Angelo, 174/176
Ribeiro, Luiza Angelo, 175
Ribeiro, Maria Coleta Angelo, 175
Ribeiro, Maria do Rosário Angelo, 175
Ribeiro, Maria Filomena Angelo, 175
Ribeiro, Maria Francisca Angelo, 175
Ribeiro, Maria Joana Angelo, 175
Ribeiro, Maria Laurentina Angelo, 174
Ribeiro, Maria, 175
Ribeiro, Miguel Angelo, 174/175
Ribeiro, Nazaré Angelo, 176
Ribeiro, Pedro Angelo, 174
Ribeiro, Raimunda Angelo, 176
Ribeiro, Raimundo Angelo, 174
Ribeiro, Sebastião Angelo, 176
Riveiro, Rosalia, 135
Rocha, João da, 91
Rocha, Lourenço da, 91
Rodil, Pedro, 138
Rodrigues, João, 61
Rodrigues, Josefa, 164
Rodrigues, Maria, 61
Roldán, Bernardo, 129
Roldán, Tibúrcia Haedo y, 129
Rouar, Maria Zulunga, 138
Ruleta, Concepción Romero de la, 138

S

Sá, Murilo Bezerra de, 30
Saavedra, Jimena Mayoralgo e, 60
Sabin, Albert, 109
Sacramento, Maria Borges do, 70
Sacramento, Rosa Josefa do, 109
Salamanca, Antônio Becerra, 59
Salamanca, Fernando Becerra Solis, 59
Salamanca, Maria Gutiérrez e, 59

Digitalizada com CamScanner

Salamanca, Sebastião Rufino Becerra e Solis, 59
Sanchez, Eva, 136
Sandoval, Josefa de Alcover, 137
Santiago, Bento Dias de, 150
Santiago, Idalina Felipe, 78
Saraiva, Inês, 110
Saraiva, Josefa, 110
Saraiva, Manuel, 110
Sarrados, Cristovão, 151
Silva, Francir Moraes da, 88
Silva, José Rodrigues da, 91
Silva, Márcio Igor Moraes da, 88
Silva, Maria Ferreira da, 79/80/81/168/176/177
Silva, Maria Maura da, 176
Soria, Beatriz Céspedes de, 124
Sota, Manuela de la, 129
Souza, Antônio Bezerra de, 69/70
Souza, Antônio Justino de, 105
Souza, Antônio Márcio Bezerra de, 82/87/88
Souza, Joana Francisca do, Sacramento de, 105
Souza, Leocádia de, 105
Souza, Marcelo Bezerra de, 82/87
Souza, Sebastião Mesquita de, 82
Souza, Washington Luis Bezerra, 82/87
Soza, Maria de, 164
Soza, Tomaza Domingues y, 164
Studart, Barão, 70
Sucre, Sofia Luisa Aristeguieta, 134

T

Tejeiro, Antônio Becerra, 59
Tejeiro, Fernando Becerra e, 59
Torres, Mariana de Oribe e, 119
Tovar, Ana de, 58
Tovar, Conde, 133
Tovar, Diego Bezerra de, 58
Tovar, Lopes Maria Buroz y, 133
Trava, Benuir Perez de, 164

U

Uchoa, Ana Alvarado e, 60
Uchoa, Diego Becerra e, 60

V

Valência, Maria, 121
Vargas, Barnabé Moreno de, 58
Vargas, Getúlio, 104 /155
Vela, Virrey Nunés, 124
Vieira, Fernandes, 155
Vilela Jr., Antônio, 155
Villalobos, Carlos, 135

W

Weild, Andrés, 130
Weild, José Maria Paz y, 131
Weild, Margarita Paz y, 131
Weild, Rafael Paz y, 131
Weild, Rosa Paz y, 131

Y

Yanis, José Maria Paz y, 132
Yanis, Pascual, 131

Digitalizada com CamScanner

Esta obra foi composta em Bell MT, processada em
laser film e impressa em papel pólen 75g/m².
Impressão e acabamento na Premius
Editora, em Fortaleza/CE, Julho de 2004.

Antônio Herbert Paz Bezerra nasceu em 1964, em Fortaleza-CE. Vive nos Estados Unidos há 18 anos, aonde foi a convite de amigos, participantes da Igreja Mórmon. Morou em Sacramento – Califórnia, Nova Iorque, Texas e no México.

No Brasil, viveu em Fortaleza, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Foi estudante da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde foi condecorado como um dos melhores estudantes em 1979, realizando e participando de exposições artísticas na capital carioca.

Cursou em Nova Iorque a Tecnical Dental School, graduando-se com honra no curso técnico de Prótese, especializando-se na prótese ortodôntica, em Great Lakes, NY. Em 2000, graduou-se na cidade mexicana, Reynosa-Tamaulipas, no curso de Odontologia (Cirurgião-Dentista) na Universidade México Americana del Norte, no México.

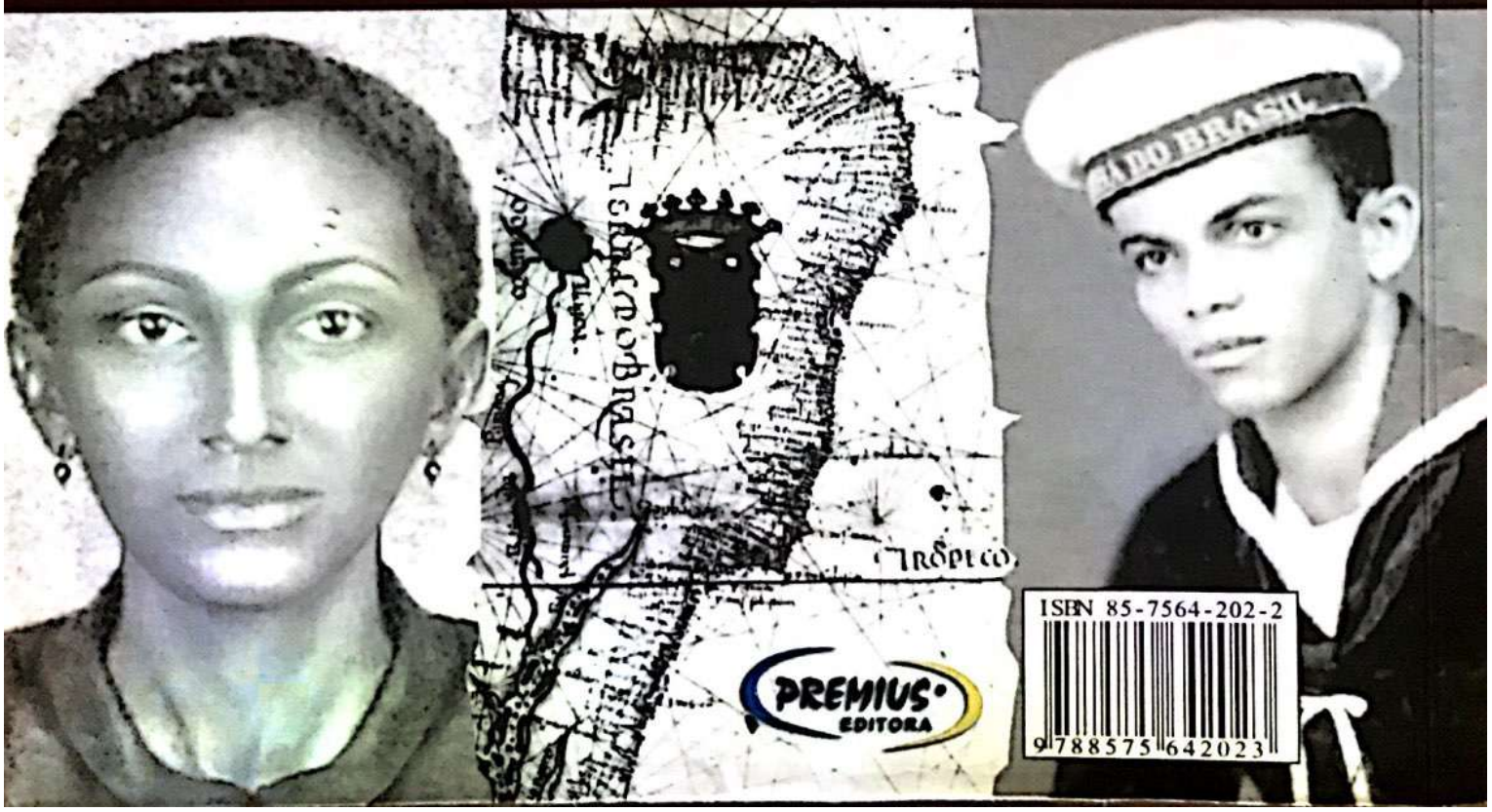
No momento, o autor reside na cidade de Nova Iorque e, em paralelo a Odontologia, dedica-se também a produções fonográficas, artes e entretenimentos.

Digitalizada com CamScanner

Esta obra é o resultado de oito anos de pesquisa no tratamento da genealogia e história de uma das mais nobres famílias: Os Bezerra. Calculando as 28 gerações passadas, sabe-se que elas existiam desde o século XIII. Podemos, então, dizer que temos mais de 800 anos de origem e história.

Antônio Herbert Paz Bezerra

A busca dos nossos ancestrais os manterá vivos na mente de nossos descendentes.



ISBN 85-7564-202-2
9 788575 642023
PREMIUS EDITORA

Digitalizada com CamScanner